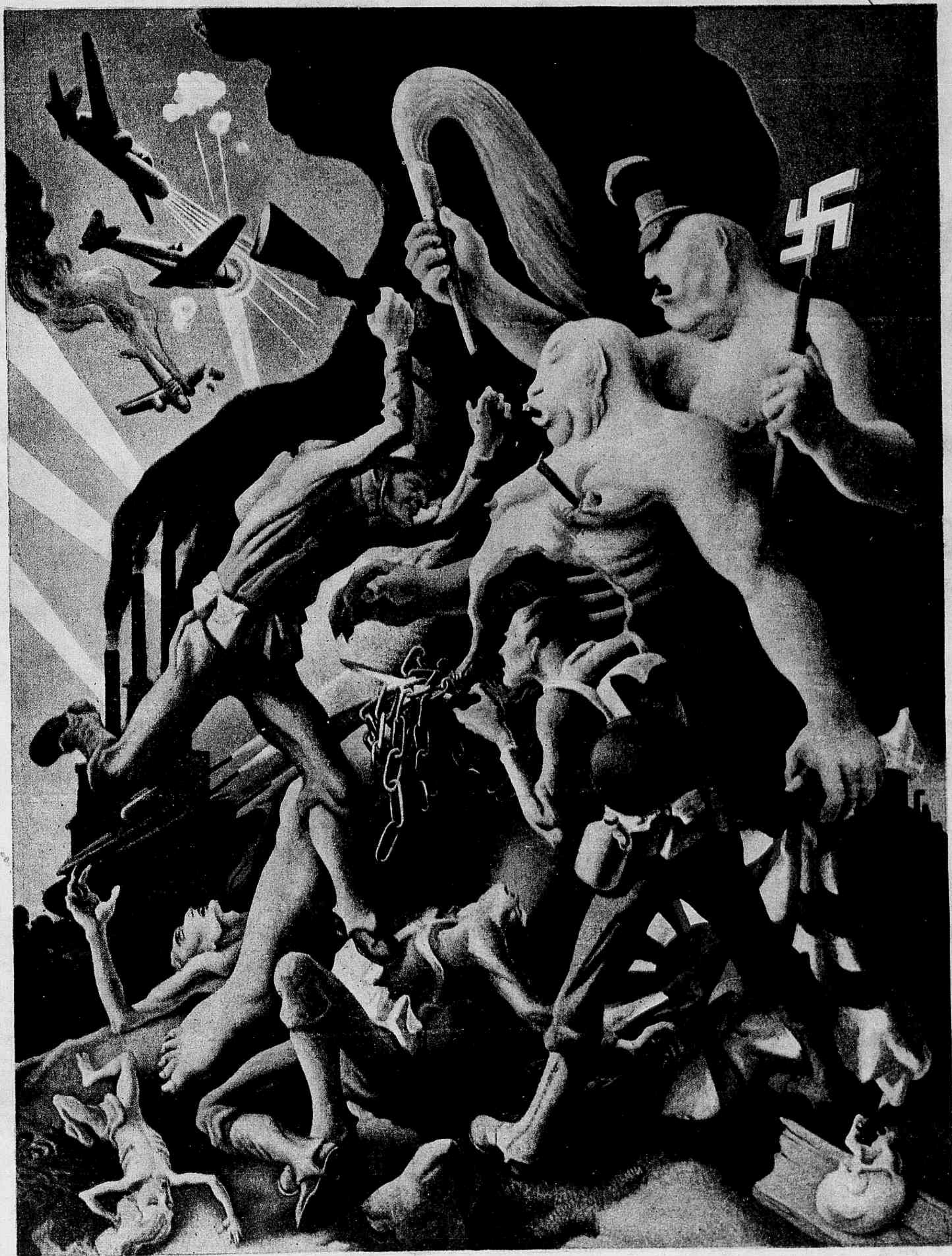


ANO XLIV
N.º 15

Revista da Semana

10 DE ABRIL
DE 1943

Cr \$ 2,50 Distrito Federal Cr \$ 3,00 nos Estados



À FERRO E FOGO !

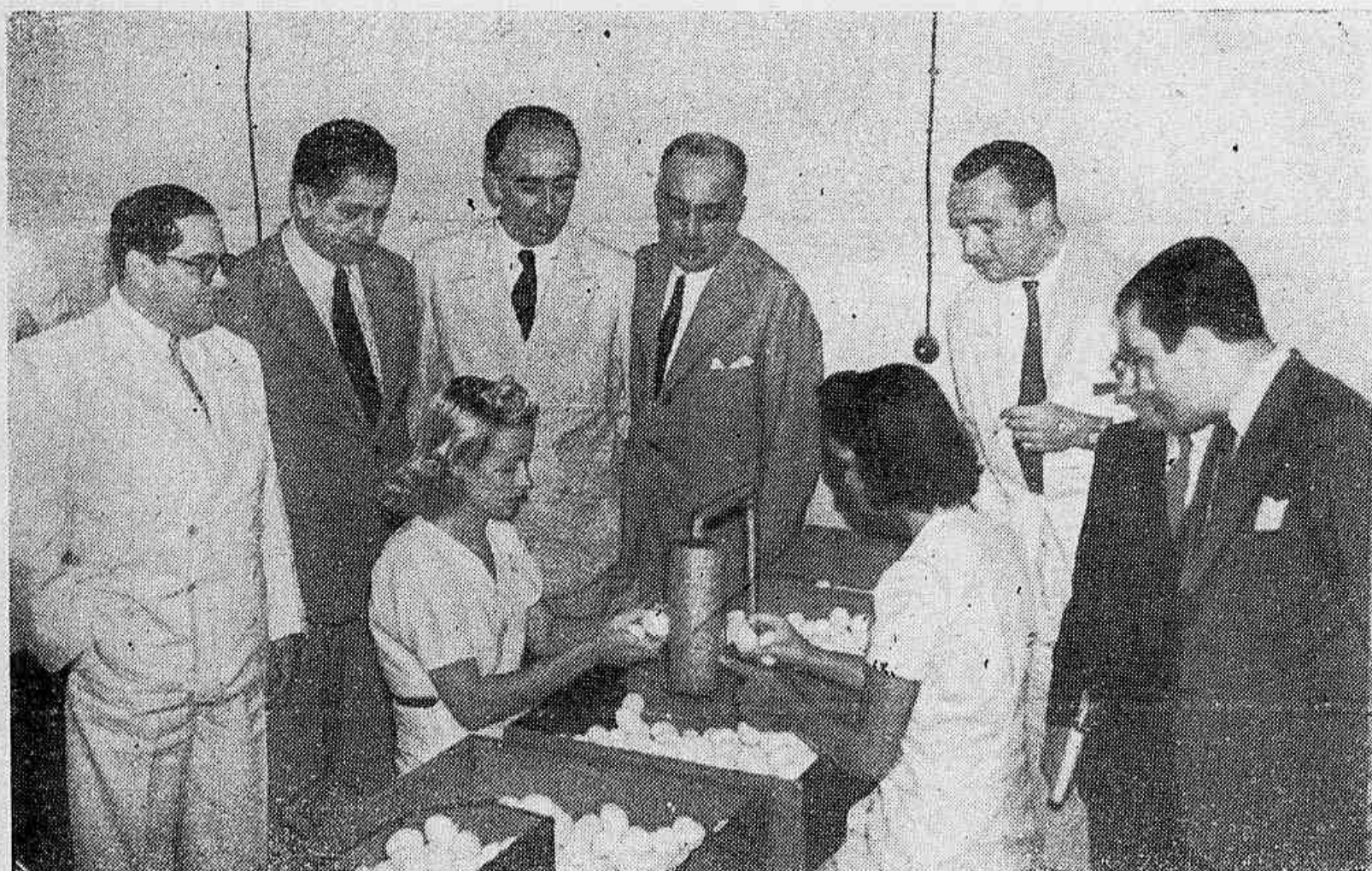
Suplemento de guerra no texto

UMA VISITA ÀS OBRAS DO ENTREPOSTO DE TRIAGEM

A COMISSÃO EXECUTIVA DO LEITE PROCURA RESOLVER O PROBLEMA DO ABASTECIMENTO DO RIO

Realizou-se, a 2 do corrente, a convite da Comissão Executiva do Leite, a visita de diversas autoridades, diretamente interessadas no abastecimento à população, às obras do Entrepósito Central do Leite, situado em Triagem. Os trabalhos da construção, que já se encontram bastante adiantados, puderam oferecer aos visitantes uma imagem, exata do que virá a ser o grande empreendimento.

O Entrepósito de Triagem, situado entre as linhas da Central do Brasil e da Leopoldina, que ali correm quase paralelamente, está sendo construído de modo a poder assegurar o mais rapidamente possível, o abastecimento da Cidade. O lei-



te chegado do interior será assim entregue em curto espaço de tempo à população, em virtude da excelente localização do Entrepósito Central.

Os membros da Comissão Executiva estiveram presentes, prestando aos visitantes os esclarecimentos sobre as obras em andamento.

Entre as autoridades convidadas contavam-se os Srs. João Alberto, Coordenador da Mobilização Econômica; Benedito Valadares, Governador do Estado de Minas Gerais; Comandante Amaral Peixoto, Interventor Federal do Estado do Rio; Major Alencastro Guimarães, Diretor da Central do Brasil; Jesuino de Albuquerque, Secretário Geral de Educação e Saúde; Mr. Neel e Mr. Vogel, diretores da Leopoldina; Belo Lisboa; Argemiro Machado; Mario de Oliveira, presidente da Comissão Executiva do Leite.

A visita iniciou-se pela Cooperativa dos Avicultores de Benfica. Ali, os Srs. Rubens Farrula e João Jayme Siqueira, da Comissão Executiva, fizeram detalhada exposição do movimento diário do estabelecimento. Chamaram a atenção dos presentes para o especial cuidado com que são selecionados os ovos, explicando que diariamente são recebidas de mil e duzentas a mil e trezentas dúzias. O produto, uma vez classificado com o auxílio da câmara escura, é carimbado e entregue à Comissão Executiva do Leite, para o abastecimento da Capital da República, sendo todas estas operações realizadas em espaço inferior a 24 horas. Toda a produção é finalmente colocada nos postos de venda da Comissão Executiva do Leite, onde é vendida pelos preços de tabela. Na sede da Cooperativa dos Avicultores de Benfica, os visitantes puderam apreciar ainda a secção de incubadoras, de onde são transportados pintos recém-nascidos em caixas apropriadas; e a sala do frigorífico, capaz de fazer a conservação de sessenta mil dúzias de ovos, durante o espaço de seis meses.

Uma vez terminada a visita à Cooperativa dos Avicultores, dirigiram-se os visitantes ao local onde está sendo construído o Entrepósito Central do Leite, situado nas proximidades.

Nada menos de 260 operários ocupam-se do andamento da construção que, segundo já esclarecemos, está bem adiantada. Tal obra, orçada em trinta milhões de cruzeiros, compreende vários edifícios: o da administração, o da usina e outros; e está sendo edificada num terreno de 54 mil metros quadrados, devendo ser dada como concluída em novembro.

Os presentes percorreram as diversas depen-

dências do Entrepósito em construção, sendo informados de todos os detalhes da obra pelo engenheiro-chefe.

Teve lugar, após, o almoço oferecido aos visitantes pela Comissão Executiva do Leite. Ao invés dos discursos, já tradicionais em ocasiões como esta, foram debatidos pelos presentes os problemas apresentados pelo abastecimento de leite à Capital Federal.

Iniciando os debates é discutido o problema do fornecimento de farelo aos criadores de gado. O Sr. João Alberto declara de pronto que, quanto à cota de tal produto destinado à alimentação do gado leiteiro, a Coordenação da Mobilização Econômica poderia naturalmente fixá-la tomando as medidas necessárias para que fosse cumprida tal resolução. O Governador Benedito Valadares entra na discussão e o Coordenador, a uma ponderação sua, declara que a medida mais prática seria esta: baixar uma portaria dando au-

torização à Comissão Executiva do Leite para que requisitasse dos moinhos todo o farelo necessário à alimentação do gado leiteiro das regiões abastecedoras do Rio. E, encerrando as discussões sobre o assunto, declarou o Sr. João Alberto que a questão da distribuição do farelo é já ponto pacífico e que a Comissão Executiva terá autoridade para requisitar a necessária quantidade do produto para a alimentação do gado. Em seguida, o Sr. Rubens Farrula assume o compromisso de iniciar a compra de farelo de trigo na base de cinco cruzeiros, embucado, fazendo a venda nesta base, pois está verificado que pelo preço estipulado pelo leite não é interessante ao criador comprar por mais. O Comandante Amaral Peixoto lembra então que o aumento de preço a ser pago pela Comissão Executiva aos produtores seja feito parte em dinheiro, parte em farelo, obrigando-se desta forma, automaticamente, os criadores a alimentarem melhor os rebanhos.

Passa-se a seguir a debater a questão dos transportes. Toma então a palavra o Major Alencastro Guimarães, Diretor da Central do Brasil, que, após dizer das dificuldades acarretadas pelo encarecimento do carvão e da pequena influência dos fretes nos preços das mercadorias, declara: "No que diz respeito à questão do farelo, enquanto o problema se estuda e se resolve, não haverá limite para os sacrifícios que a Central fará. Tenho dito que para certos produtos em crise poderemos chegar até o frete zero". O Major Alencastro Guimarães faz ainda várias observações sobre o assunto, passando em seguida a palavra a Mr. Neel, da Leopoldina Railway, declarando este que aquela ferrovia não tenciona aumentar os fretes para o transporte de farelo. Quanto à Central do Brasil, ficou resolvido, após longos debates, que se estabeleceria em princípio o frete de Cr. \$ 1,50 por saco de 35 kg., para quaisquer distâncias, ficando a Comissão Executiva do Leite como distribuidora. Ficou ainda assentado que não se aumentará o frete do leite.

Após estas decisões, terminou o almoço. Pouco depois retiravam-se os visitantes, sendo todos unânimes em manifestar a ótima impressão que o entreposto de Triagem lhes causara.

A REVISTA DA SEMANA fez-se representar nesta visita ao Entrepósito Central do Leite, tendo a nossa reportagem fotográfica, durante a mesma, colhido os flagrantes que ilustram esta página.



A VOZ DOS NAUFRAGOS

por BERILO NEVES

Revista da Semana

NÓS somos as sombras confusas dos que se perderam no mar, os naufragos de todas as tragédias oceânicas, os remanescentes aristocráticos dos navios de luxo e os corpos encarvoados dos tripulantes, os soldados que pereceram sem combater, os oficiais que não chegaram a comandar, as mulheres inermes que gritaram, no silêncio da noite imensa, o nome de seus maridos e filhinhos, as crianças que clamaram em vão pelas suas mães!...

Nós somos os destroços das vidas que a Guerra mutilou, os fragmentos errantes dos países, os restos mortais dos continentes, as relíquias de um mundo que desaba aos golpes de martelo da Loucura!...

Nós somos os espectros da Civilização, a vagar, como fogos fátuos, sobre o dorso infiel das ondas. Não temos destino — como o não tem o grão de areia tangido pelo vento do deserto, nem a folha arrancada á árvore maternal em que nasceu.

Aonde iremos ter, nesta marcha forçada para o aniquilamento? Em que praia descansarão os nossos corpos, mordidos pelo sol e apalpados pela fome? Esperar-nos-á na terra o abraço tentacular das feras? Serviremos de pasto á voracidade primitiva dos peixes? O nosso "amanhã" é como o da Humanidade nesta hora terribilíssima do Mundo: uma chama fragil, a boiar, por entre os ventos furiosos da História!

Ontem — eramos *alguem*. Tínhamos um nome, uma família, um destino... Amávamos. Exercíamos um ofício. Traçávamos planos para o futuro. Eramos células vivas do organismo social.

Hoje, que somos nós? *Naufragos* — isto é detritos da vida universal. Perdemos tudo — inclusive o nome... Não temos casas, nem bens. Estamos nus — ou quase nus. Renunciámos á hierarquia, porque a desgraça é a socialização compulsória das almas...

Orientamo-nos pelas estrelas — como os velhos Fenícios. Perdemos os instrumentos da Civilização — e as leis que a regem. Voltámos ao estágio primitivo da vida humana. Poderíamos matar-nos, uns aos outros, para disputar a última còdea de pão ou a última gota d'água... Não temos Justiça, nem Códigos... O nosso mundo é feito de restos de navios mortos — assim como nossas almas são um punhado de sensações e de saudades!... Água? Bebemos a que o Céu nos manda, porque já não somos da terra, nem a terra é nossa... E ás vezes — ó suprema ironia dos destinos trágicos! — não cáí uma gota de chuva, e morremos de sede num deserto de águas...

A nossa roupa é um punhado de tiras, alguma coisa parecida aos farrapos dos mendigos... O Mar despoja-nos de tudo, até do último bem dos desgraçados: a esperança... Que é esperança? Um ponto negro no horizonte, o roncar de um avião entre as nuvens... Ver-nos-ão os vivos, neste campo de mortos?...

Quem jaz conosco no túmulo das águas? As épocas ilustres da História, os Imperios, os Povos e, até, os Continentes... Que é da Atlântida — esse mundo que naufragou?...

O Oceano é o campo santo das idades históricas... Aqui se acabou a riqueza dos Fenícios, aqui se perdeu a Grécia —

e as populações helênicas... Aqui morreu Cartago — e o sonho de Aníbal... Napoleão e o seu Império, o século XIX, Wilson e os seus princípios, a esperança de um mundo melhor e de uma guerra menos deshumana...

Por não poder afogar as galeras romanas, Cartago sepultou-se sob uma montanha de cinzas. Por não poder atravessar o canal da Mancha, Bonaparte viu-se chumbado á fria grilheta de Santa Helena...

Mar — que és tu senão a imagem da Eternidade sob a forma líquida da onipotência? Que és tu senão o disfarce flúido dos mistérios da Creação?...

Eis-nos reduzidos a um punhado de tábuas... A jan-gada é a antecipação oscilante do caixão mortuário... Tanta vaidade e tudo se cinge a meia dúzia de paus!... Ontem, não cabíamos em um palácio; basta-nos, hoje, um tróço de gravetos... A Fatalidade condensou-nos as necessidades e os desejos: um naco de pão e um púcaro de água... Este é o banquete dos cenobitas, no deserto...

Esta via líquida é a estrada de Damasco de muitas almas, deslembadas de Deus e da sua palavra... Que podemos esperar dos homens? A terra esqueceu-nos e desprezou-nos. Neste cemitério inquieto, não há perpetuidade de túmulo, nem mausoléu de família... Tudo é vala comum, porque tudo é catacumba... Até a nossa mortalha — a espuma — é tecida de ilusão... O Mar, não contente de nos tirar a vida, rouba-nos o nome, depois de mortos... Que será de nós, no Juízo Final? Como rehaveremos os nossos ossos, perdidos nos abismos onde fervilham as formas larvares da vida universal?

"DEUS, Ó DEUS, ONDE ESTÁS, QUE NÃO RESPONDES?"

Assim falou Castro Alves, o Poeta do Oceano... Que é o Mar? O Infinito que se liquefaz. Nele flutuam os gemidos de milhões de mortos, as vozes anónimas de milhões de angústias... É o pórtico monumental do Inferno. O tridente de Netuno não é, também, um instrumento de suplício?...

Por que não vindes, Senhor? Por que não dais a mão a estas criancinhas, que bracejam contra o Impossível? Por que não desce a escada de Jacó — para subirem por ela as mães desgrenhadas, os moços cansados de nadar, as mulheres pálidas que boiam sobre as águas pesadas de treva? Cerrar-se-ão os vossos ouvidos á grita dos inocentes? Que é o rugir da tempestade senão o brado das mães que perderam seus filhos no Mar? E tu, ó chuva, não serás o pranto imenso da Natureza, que vê perdida tanta existência em flôr, tanta esperança em riso?

E vós, Senhora, não sois a *Stella Maris*? Por que não luzís, para aclarar estes abismos e alumiar o caminho da salvação? Ratificará o Céu, com o seu silêncio, o crime dos homens?... O' flibusteiros, que matais mulheres inermes e gentes pacíficas, por que não despís a farda do soldado e não envergais o uniforme do carrasco?... Que fim será o vosso, de vós que assumís o direito de covardia no mar — que sempre foi uma escola de bravos, uma oficina de heróis?...

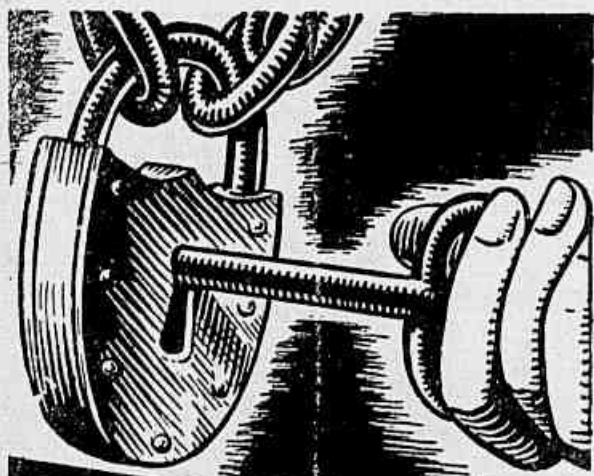
Assim falou, no silêncio da noite e na imensidade do mar, o naufrago desconhecido...

10 de Abril de 1943
ANO XLIV - N.º 15

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se desloca

A sua dentadura postica cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras posticas. Conserva-as mais firmemente na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio



LAXOLAGAR

GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARGUINO

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

DOR do ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas

OUTROS RIRAM...



[O marido — Nós tivemos uma troca de palavras.

MENTHOLATUM

Acalma
QUEIMADURAS
Contusões e
Ferimentos

"DEPRESSA, MARY!
TRAGA-ME
MENTHOLATUM"



A nossa capa

As forças do mal sempre estiveram vivas no mundo, em toda parte, em todos os tempos. Uma vez por outra, essas forças, juntando pequenos meios, chegaram a transformar-se em grandes potencias, ameaçando escravizar o mundo. Mais do que nunca é isso que está acontecendo agora, com o conluio infernal dos componentes do Eixo. A humanidade precisa portanto erguer-se acima de si mesma, para destruir esse poderio do mal. Para essa tarefa é preciso recorrer ao ódio, á ferocidade, á força bruta. A humanidade precisa renegar-se a si mesma, para se salvar. O demonio está hoje espalhado pelo mundo, com as hostes desenfreadas dos militaristas do fascismo, do nazismo e do niponismo. A América precisa enfrentar esses colossos de destruição com todos os meios da destruição ao seu alcance. É essa concepção que o grande pintor americano Thomas Benton acaba de evocar na impressionante alegoria desta capa. Este quadro, de técnica moderna, mas de profundo sentido clássico e universal, faz parte duma sugestiva série de pinturas enfileiradas sob o titulo geral de "O ano do Perigo". Pela nossa capa, o leitor poderá facilmente avaliar o que seja essa meia dúzia de composições, da mais flagrante atualidade e do mais alto senso artistico e humano.

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Impetinings, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

FERRAMENTAS QUE PARECEM LOUÇA

Nos Estados Unidos acaba de ser experimentada uma mistura de óxido do alumínio, passível de qualquer moldagem e cozida a temperatura elevadissima, com a qual se podem fabricar ferramentas, tais como serra para cortar madeira, vidro, pedra e massas plásticas sintéticas.

Tais ferramentas dão a impressão de serem de louça e atribuem-lhes vantagens sobre as de aço, por não esquentarem demasiadamente durante a fricção e por serem capazes de conservar o corte durante mais tempo.

MELHOROU APESAR DA GUERRA

É o que se pôde dizer do **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, de vez que a edição de janeiro de 1943 traz consideravelmente aumentado o numero de páginas, muitas coloridas.

A edição do **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943 está á venda em toda parte, por Cr. \$ 8,00.

Redação: Maranguape, 15 —

Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe

PROCURAR A LIVRARIA REGINA
Rua João Pessoa, 137 — Aracajú

A SEMANA EM REVISTA

LOUCO POR FLORES

A mania das flores é, acima de tudo, um requinte dos civilizados. Não nos consta que nenhum selvagem gostasse de rosas, nem que Hitler ame as violetas. Até mesmo nas classes sociais inferiores, essas cujos recursos econômicos



ainda não possibilitaram uma identificação perfeita com as maravilhas do mundo — é desconhecida a paixão das flores, pelo menos o prazer estético da contemplação. Antigamente, as flores mais prestigiosas eram as rosas, os cravos, os lírios. Flores que, pela evidência das formas e tons, diziam qualquer coisa. Na literatura, encontramos numerosos exemplos de comparações, elevando-as à categoria de símbolos. Quem não se lembrará de que leu, alhures, "pura como uma rosa, um sorriso lírio", etc., etc.? E as flores do mal, de Baudelaire, as rosas, de Malherbe?

Hoje, a civilização apresenta-se eminentemente sensualista. A lascívia é um sintoma de progresso; deste modo, abandonamos, em parte, essas flores delicadas, simples, e passamos a admirar essas outras, cheias de sangue e de nervos, que são as orquídeas. O gosto pelas orquídeas caracteriza nosso tempo.

Na grande família dos fans-orquídeáceos, classificava-se um milionário de São Paulo. Os jornais relataram longamente os fatos. O milionário tinha o capricho de valorizar sua coleção com exemplares roubados. Assim, para seu serviço exclusivo, contratou os serviços de um competente ladrão profissional. Quando as flores não lhe agradavam, ordenava a devolução aos legítimos donos. Nada de desperdiçar orquídeas! Quem poderá explicar esse fato? Quem explicará, afinal, o próprio homem nas suas ações, nos seus paradoxos?

CASA DE FERREIRO...

A história é muito velha mas, como todas as coisas velhas, repete-se sob aspectos sempre novos, com um sabor inédito. Dir-se-ia que o destino sente prazer imenso em brincar com os homens, armando-lhe desses logros. De Cleveland, nos Estados Unidos, por exemplo, nos chegou certa notícia curiosa. O cidadão Eugene Beedle foi roubado; levaram-lhe uma máquina de escrever e outros utensílios. Até aí, nada de mais. Afinal, roubar e ser roubado são coisas tão comuns, tão próprias da civilização que não haveria justificativas mesmo para um simples comentário a esse respeito. Entretanto, no caso existe uma circunstância extraordinariamente significativa. O dito sujeito é gerente de uma empresa fabricante de dispositivos à prova de roubo. O acontecimento comporta pelo menos duas explicações: ou a casa dele não era provida dos tais dispositivos e com isso ele dava uma evidente prova da falta de confiança em que os tinha — ou era provida, e no momento necessário deixaram de funcionar.

Ou então — quem sabe? — talvez um membro dessa laboriosa classe dos ladrões, temendo o anti-coleguismo de seus colegas, quizesse municiar-se de um desses aparelhos, indo buscá-lo na casa de uma pessoa que, pela sua posição, deveria possuir um dos melhores...

A ELETRICIDADE E O TEMPO

Inaugurou-se o relógio da Central. O assunto já foi por demais batido pela imprensa e ainda que o carioca esteja perdendo a velha mania de lêr as folhas — por medida de poupança — saberia do acontecimento pela simples evidência daquela torre ciclópica, no cimo da qual aqueles ponteiros monstruosos medem, superiormente, o tempo da Cidade.

Nesta inauguração, o aspecto mais notável que podemos observar não é o tamanho do "bicho", nem qualquer outro detalhe, desses que o homem-mas-surpreende ao primeiro olhar. Não; o que achamos mais curioso é ser essa máquina movida a eletricidade.

O relógio é uma das realizações mais significativas da civilização. Seu aparecimento, segundo Spengler, assinalou transformações definitivas na cultura dos povos. Nos velhos impérios e ainda bem perto do nosso tempo, na civi-



Diga isto a seu Marido

Quando seu marido estiver sem apetite e se sentir indisposto ou adentado, com empachamento, peso, dor e outros desarranjos do estômago, a língua suja, mau gosto na boca de manhã ou durante o dia, peso, calor e dor de cabeça, tonturas, nervosismo, certas coceiras e irritações da pele, mal estar depois de comer, preguiça e moleza geral, dores, cólicas e outras perturbações do ventre, muita sede e quentura na garganta, âncias e vontade de vomitar, mau hábito, indigestão, arrêtos, gases, diga-lhe que todos estes sofrimentos são causados por substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, e que use **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre evita e trata estes sofrimentos porque combate a prisão de ventre e limpa o estômago e intestinos das substâncias infectadas e fermentações tóxicas que tão grande mal podem causar a todo o organismo.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

lização latina e ibérica, existiu o relógio de sol. Entretanto, ele não era, na verdade, um medidor das horas — limitava-se a registrá-las. Assim, o relógio mecânico veio desenvolver o papel de um símbolo material de domínio, espécie de estômago que o homem inventou para digerir o tempo.

A corda, esgotando-se de espaço a espaço, nos lembrava, a todo instante, que a técnica ainda não concebêra um instrumento capaz de acompanhar o galope infatigável dos minutos. A eletricidade, assegurando a continuidade no trabalho dos relógios, veio influir bastante na mentalidade do homem. A eletricidade é o símbolo essencial da civilização, é a energia modeladora de novas imagens, é alma da matéria.

Um verdadeiro sistema de relógios, espalhado por toda a estação Pedro II, está sincronizado com o relógio grande; deles dependem a observância dos horários de trens, a segurança dos serviços e, portanto, os interesses e mesmo a vida de enormes multidões que por ali transitam, diariamente. A eletricidade principia a comandar o mundo. E um dia, á sombra das torres enormes, o homem chorará o pranto dos humildes, ante a imobilidade de um tempo que já então será o seu único tirano...

DEIXOU A MATERIA EM SÃO PAULO

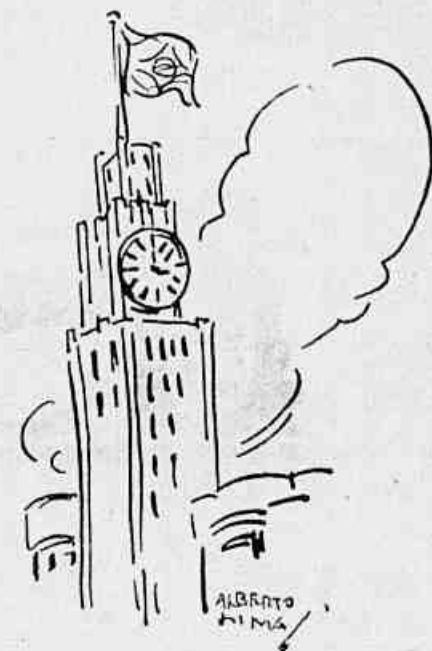
Com os problemas que se avolumam cada vez mais, para os homens, já se está transformando em um alto negócio a profissão de profeta. De fato, é fácil compreender que o desprezo pelos problemas deste mundo, o alheamento aos dramas da humanidade é uma atitude sobremaneira cômoda, no instante em que esses problemas e esses dramas estão num crescendo contínuo. Paralelamente, essa inquietação trazida pela guerra, esse caos tremendo em que o mundo está mergulhado, contribui para que a loucura se generalize vertiginosamente. Além de tudo, o exemplo. Desde que Gandhi adquiriu esse hábito de deixar de comer e de cometer outras tolices da mesma classe, multiplicaram-se os discípulos, através do mundo. Ainda agora o caso sucedeu aqui no Rio. Ha dias, plantou-se um individuo na Avenida, esquina de Ouvidor. Durante três dias não arredou o pé do lugar em que estava. Fisionomia impenetrável. De óculos, mirava o espaço, vagamente, vendo coisas que os outros não vêem...

Interpelado com energia, acabou dizendo e repetindo mil vezes que a sua função era espiritual. Tinha 35 anos de idade e veio de São Paulo em 39. Sentiu, depois dessa viagem, que era só espírito — a matéria ficara em São Paulo... De resto, é celibatário, alimenta-se de pão espiritual e tem o mau gosto de se chamar Misael.

Muito bem, seu Misael, uma vez que o mundo é de s. loucos e dos audazes, a oportunidade é sua — desça, pois, até nós, e pregue a sua palavra nova.

Póde ser que nos divirta...

FLÁVIO



DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES: Seção dirigida por
GILBERT DE PARIS

OLHOS NEGROS

CONTO DO ESCRITOR BULGARO NICOLAS DANTCHEF

TENDO terminado a execução da melodia *Olhos negros*, Savka apoiou no teclado os braços semi-nús e escondeu nas mãos a cabeça coroada de madeixas louro-claras. Sentia-se tão como-vida que quizera poder abraçar, apertar bem ao peito o piano capaz de produzir tão admiráveis sons. O seu pensamento flutuava num mundo estranho, cheio de vozes suavíssimas. Ficou assim um bom momento; depois, levantou-se, deu alguns passos, acabou deixando-se cair languidamente numa poltrona colocada à esquerda do piano. E voltou ao delicioso devaneio.

Estava sózinha na sala, sózinha em casa. Eram cerca de nove horas duma doce noite de verão. Só as velas do piano estavam acesas.

Era uma bela criatura dos seus vinte anos de idade, esbelta, fina e com excelente educação. Mais ou menos familiarizada com as belas letras, o desenho, a pintura, tinha na música a sua arte predilecta. Enthusiasmava-se com Beethoven, chorava interpretando Chopin. E, se bem que os *Olhos negros* não constituíssem um prodígio de inspiração nem um assombro de técnica, falavam-lhe como bem poucas obras modernas ao espírito e ao sentimento. Para isso talvez também concorresse a figura do autor. Uma amiga lh'o mostrara, certa tarde, no jardim público: alto, delgado, de cabelos louros, vestido de preto, com lunetas de aro de ouro presas a um fio, de ouro também, que lhe passava por trás da orelha... Ia com dois camaradas, conversando familiarmente. Mas que belo porte, que movimentos distintos... E que alma não devia ser a do homem capaz de compor semelhante melodia! Se ela lhe pudesse falar; se pudesse trocar com ele algumas idéias ou impressões de arte e assim vir a conhecer os segredos daquela alma, daquela vida...

De repente, a bela Savka estremeceu. Uma idéia! E que feliz idéia! Talvez ele anuisse em lhe dar lições de piano, de música em geral. Por que não? Assim o que, no primeiro momento, tão difícil lhe parecera agora se tornava a coisa mais simples do mundo. Lições de música... Nada mais natural. Depois, findo o trabalho conversariam... Cada vez a palestra se tornaria mais afetuosa, mais familiar. Viriam as confidências, estabelecer-se-ia a perfeita compreensão dos dois espíritos, a concordância dos dois corações. E, um dia, a reciproca declaração de amor uniria para sempre os dois destinos...

Savka voltou ao piano e os seus dedos começaram a desenvolver sobre o teclado o tema encantador dos *Olhos negros*. Nisto, alguém bate devagarinho à porta da sala. Savka estremeceu, interrompeu a música adorada. Quem seria? Tornaram a bater com a mesma discreção ou a mesma timidez...

— Entre!

A porta abriu-se lentamente e apareceu uma cabeça de homem, desgrehada, maltratada, com alguma coisa de suspeito, de ameaçador... Depois apareceu o corpo inteiro: baixa estatura, nenhuma distinção, roupa bastante coçada... O homem inclinou-se profundamente mas Savka não notou aquela saudação respeitosa.

— Mamã! Mamã! chamou ela a toda a força.

E sentia tanto medo que escondeu o rosto nas mãos. Seria um ébrio? um malfeitor? um doido? E com a mão direita, sem tirar a outra do rosto, calçou o botão de campainha eléctrica ao lado do piano.

O homem ficou um momento estupefacto, sem compreender o que se estava passando, e depois quiz se explicar:

— Minha senhora... perdão, senhorinha... Senhorinha, eu... eu...

Mas a moça continuava a apertar o botão da campainha e a chamar em altas vozes. E o intruso, depois de olhar em volta, como a pedir ao recinto um auxilio, uma idéia que ele absolutamente lhe não dava, tomou o partido de fugir.

Savka ficou apoiada à poltrona; tremendo da cabeça aos pés. Imaginava que o bandido andasse saqueando os quartos, rapinando tudo o que encontrasse de valor. De vez em quando soltava novos brados de terror. E o repicar da campainha eléctrica atroava o corredor, vibrava pela casa inteira.

De repente, Savka ouviu passos que se aproximavam. Alguém empurrava a porta. A pobre moça sentia-se morrer de medo.

— Quem está aí?

Era a mãe que voltara de fóra e acudia, alarmada

— Que tens tu? Que aconteceu? Que quer isto dizer? Responde, fala, pelo amor de Deus!

A moça, ainda perturbadíssima, gaguejou:

— Um ladrão... Andou aí uma porção de tempo... Ninguém acudia... Roubou tudo, com certeza.

— Qual o quê, louquinha... dizia a mãe para a tranquilizar mas, em verdade, pouco menos assustada do que ela.

E chamou o criado, o velho Costo, que também acabava de chegar de fóra, por ter ido aviar um recado. Calmo e corajoso, Costo ouviu a história, foi buscar uma lâmpada e, armado dum facalhão da cosinha, correu a casa toda. Revistou os armários, espreitou por baixo das camas, por trás dos armários... Nem sombra de malfeitor.

Savka, porém, não se convencia.

— Eu o vil Barbudo, com os cabelos desgrehados, olhos terríveis...

Procuraram de novo por toda a parte e sem o menor resultado. Chamaram a polícia. Veio um agente que fez repetir minuciosamente os sinais do indivíduo, meneando a cabeça, com um ar importante:

— Temos, pois: Magro, baixo, mal vestido... Savka meneava a cabeça, aprovando.

— E a andar, um tanto curvado, não?

— Nisso não reparei... declarou a moça.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



— Em todo o caso, podem ficar socegadas. Conheço o sujeito. Ha quatro ou cinco dias que o vejo passar por aqui repetidamente, olhando a casa, detendo-se por vezes como quem não sabe se deve entrar ou não... Até já dei parte ao comissário. Descancem que não demorei a trazer-lhes o resultado do inquérito!

E retirou-se solenemente.

Pouco depois, voltavam da rua o pai e o irmão de Savka. Também eles farejaram a habitação sem o menor resultado. O irmão levou o caso de caçada e o pai acabou mostrando-se um tanto irritado com aquelas "imaginações". Savka, porém, não se deixava convencer. Pois se ela vira! Vira! E preferiu ir dormir naquela noite com a sua amiga íntima, Kinka, que morava na vizinhança.

Na manhã seguinte, ao voltar para casa, recebeu Savka das mãos do criado uma carta que alguém trouxera pouco antes e que lhe era endereçada. Rasgou nervosamente o sobrescrito; e leu o seguinte:

"Senhorinha Savka Rostova:

Rogo-lhe que me perdoe a liberdade, que ontem tomei, de a visitar em momento tão mal escolhido. Não posso ficar mais tempo sem me explicar e eis porque lhe dirijo esta carta. Passei muitas vezes por diante da sua casa, senhorinha, e ouvi-a tocar os *Olhos negros*. Sem duvida essa composição tem a honra de lhe agradar. Permita-me, porém, um modesto reparo: na sua execução ha um acorde errado e justamente no ponto em que eu julgo ter dado a maior eloquência ao meu pensamento musical. De certo alguém copiou a musica e se enganou naquela passagem... Não sei. A verdade é que ha muito resisto ao desejo de a procurar para fazermos a necessária correção. Ontem, o caso me fez ainda maior impressão que de costume e resolvi entrar em sua casa, ignorando que estivesse sózinha, e tanto mais ansioso quanto é certo que partirei amanhã de Sofia e não sei quando voltarei.

Junto a esta remeto um exemplar perfeito dos *Olhos negros*.

Conhece agora, senhorinha, o objecto da minha visita. E isso bastará de certo para perdoar o incômodo que lhe deu o seu humilde respeitador.

Darénoff.

Savka desdobrou a música, ficou um momento pensando, querendo pôr em ordem as suas impressões, as suas recordações... E, de repente, correu para dentro, gritando de novo pela mãe, apavoradamente...

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 19 horas

DEPOSITOS

DESCONTOS

CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

PSICOLOGIA DO TEATRO

Por
HENRY BIDOU

Em um retângulo iluminado, personagens imitam os meneios humanos. Uma luz forte, igual e doirada, que sae de baixo, do alto e de todos os pontos do universo que eles habitam, torna-os uniformemente brilhantes e coloridos. Como Pedro Schlemihl, perderam sua sombra. O espaço invariável em que se movem alterna-se em quarto de dormir e salão. São esses os dois comodos da casa. Sala de jantar não existe. Para as refeições trazem os creados a mesa.

Outrora, a decoração da comedia era a da rua; mas esse costume passou. Os actores não saem mais de casa. São raras as peças modernas que não se passam num apartamento ou, quando muito, no terraço ou no jardim.

A unica occupação das personagens é amarem-se. Prima entre elles, a respeito, a maior cortezia. Quando, em seu meio, dois experimentam inclinação e necessidade de se aproximarem, vão-se todos os outros e os deixam sós. A propria luz diminue e um raio de luar vem pousar sobre os amantes. E' tamanha essa discre-

ção que os personagens em cena gritam os seus segredos sem medo de que os surpreendam, e se abraçam sem cuidar das portas, que poderiam abrir-se, mas que, de facto, só terminada a cena se abrem. Apesar dessa tranquillidade, são tumultuosos os amores. São apenas suspiros e soluços. Quando as coisas estão muito más, a atriz toma os cabelos com as duas mãos e descobre a fronte. E' o sinal das piores catastrophes. Olha fixamente diante de si, deixa caírem os dedos ao longo das faces: é o desespero.

Os personagens têm de agradável a circunstancia de trazer na cara o seu carater e de lhes ver desde logo o que são. Um traidor tem o nariz de traidor, uma gravata de traidor e calçados de traidor. E' o que se chama a composição. Não ha exemplo de que ele tenha o ar de bom rapaz, o que é uma diferença feliz para com a vida. A namorada só tem que aparecer e logo a reconhecemos. E' um tipo que só existe no teatro, impossível na realidade, pois consiste em seduzir toda a gente

com um mixto de pretensão e perfidia. A ingenua se revela, por sua vez, por um arzinho idiota e uma voz esgançada. Não existe, tambem, sinão no teatro. Produz-se difficilmente numa especie de galinheiro que se chama Conservatorio.

Todos esses seres são estreitamente especializados. Os amantes recusam-se ás peças em que não são amados. E ha moças, comumente um pouco fortes, cujo emprego é rir, mas rir de certa maneira, à maneira da cena, ora em i, ora em o, ora em e. São especies de amadores, como o caçador de pratos e o tocador de xylophone. No teatro nunca se ri quando se é magro.

Durante tres horas, essa pequena população contende com o destino ou entre si. Espectadores amontoados, mudos e imoveis, seguem, entretanto, essa luta, mastigando confeitos. De tudo o que se diz em cena, nenhuma palavra é verdadeira. As aventuras são imaginarias, as garrafas são vãs e as pistolas, carregadas a pólvora seca. Mas essas dores fingidas provocam uma dor verdadeira nos espectadores. E essa dor é ao mesmo tempo um prazer. As lagrimas correm; são lagrimas deliciosas.

Qual o segredo de tão extranho prazer?

Compreender-se-ia mal o teatro si não se dissesse que esses milhares de espectadores, imoveis na sombra a olhar obstinadamente um quadro de fogo, não estão inteiramente em estado de vigilia, mas em estado comparavel ao do sonho. As semelhanças entre o sonho e o espectáculo são numerosas e surpreendentes. Assim como no sonho ora somos espectadores ora actores e passamos, subito, de um a outro papel, tambem no teatro ora nos opomos ao ator, ora nos identificamos com ele. E' assim que o côro grego, esse espectador ideal, ora aparece como testemunha, ora como personagem.

No sonho, tudo o que é concebido como possível é tido imediatamente como real, sem cuidado das difficuldades da realisação: igualmente, em cena, o que uma vez se anuncia que vae acontecer é aceito quando acontece, qualquer que seja a inverosimilhança; é o segredo das preparações.

As famosas leis do teatro, que se procura sem poder formula-las, não são talvez sinão as leis que no sonho dirigem a serie das imagens. A principal é a do movimento ininterrupto. Uma peça de teatro, como um sonho, não póde immobilizar-se. Proibem-se a uma como a outra as regressões, os movimentos circulares. Em um e outro caso, as imagens nascem umas das outras. Elas agradam unicamente por sua desfilada. Queremos, apenas que se desfaçam docemente a nos dizerem adeus, antes que nos acordem: eis porque nos é agradável que os heróes morram. Ao contrario, uma peça sem desenlace nos dá a sensação desagradavel de um brusco despertar, sendo o pano que cae como um desses creados do hotel que brutalmente nos fazem sentir que é tempo de nos levantarmos.

Ora, a fusão momentanea entré o espectador e o personagem tem como consequencia a justificação pela cena moderna de uma velha teoria de Aristoteles. Pode-se conceber assim o papel do Teatro: nós todos nascemos com os germens de todas as paixões, os quais, desenvolvendo-se mais ou menos, nos dão uma certa necessidade de homicidio, de perjurio e de ambição. Mas, da mesma forma que inoculando-se-lhe uma doença atenuada, se imunisa o paciente, que não poderá mais sofrer a mesma molestia em estado agudo, tambem dando-se ás paixões dos espectadores a satisfação illusoria do teatro, impedem-se esses mesmos espectadores de as sentir ao natural.

Um burguez, bom pae e bom esposo, vae ao teatro. Entra o primeiro personagem. Não duvidais que é ele mesmo. Tudo o que se diz em cena, o espectador ouve com o coração. E' ele mesmo quem deseja, quem teme, quem é amado. Faz uma declaração pela voz do actor, afronta o marido em pessoa e morre por procuração. Tendo tido uma pequena febre de inoculação, está immunizado e volta em paz para casa. Bastou-lhe a noite. Foi assassino e adúltero. Segundo Aristoteles, purga as suas paixões. E' no que o teatro é salutar e moral. A unica difficuldade da teoria consiste em que, levada ao extremo, concluir-se-ia que o teatro é tanto mais moral quanto mais criminal, mais romanesco e mais lubrico.

Use
PYOTYL

...e os dentes
brilharão outra vez!

LIQUIDO e CREME DENTAL

PYOTYL
"O CRIADOR DE SORRISOS"

PYOTYL
"O CRIADOR DE SORRISOS"

o dentifrício mais completo
— creme dental e líquido

EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

MOVIMENTO LITERARIO

ERICO VERISSIMO, em inglês

NAS VITRINAS DAS LIVRARIAS AMERICANAS ACABA DE APARECER, AUSPICIOSAMENTE RECEBIDA PELA CRITICA, A TRADUÇÃO INGLESA DOS "CAMINHOS CRUZADOS", DE NOSSO PÁTRICIO ERICO VERISSIMO. SÃO AINDA TÃO RAROS OS EMPREENDIMENTOS DESSA ORDEM QUE É COM O MAIOR PRAZER QUE AQUI O CONSIGNAMOS, TRADUZINDO PARA AS NOSSAS COLUNAS A CRITICA DE "THE NEW YORK TIMES MAGAZINE", ASSINADA POR WILLIAM DU BOIS

"CROSSROADS, by Erico Verissimo. Translated by L. C. Kaplan. 373 pp. New York: The Macmillan Company. \$2.75 dolares"

Porto Alegre é a capital do Estado mais meridional do Brasil; o atlas nos mostra que ele não fica mais perto do Equador do que Jacksonville, Flá. Mas o belo romance de Erico Verissimo faz mais do que polir os nossos conhecimentos, faz muito mais do que trazer-nos bem vivo e movimentado um estranho recanto duma terra estranha. Embora seu giro turbilhante de Porto Alegre dure apenas cinco dias, cobre toda a cidade, das favelas às avenidas. O senhor Verissimo movimenta os seus caracteres com uma facilidade tão treinada que o leitor se esquece da extensão do território tratado por ele. Mas, ao largar o livro, verificará que Porto Alegre não é afinal de contas tão diferente de Jacksonville. "Caminhos cruzados" é seguramente uma sólida contribuição a uma política de boa vizinhança.

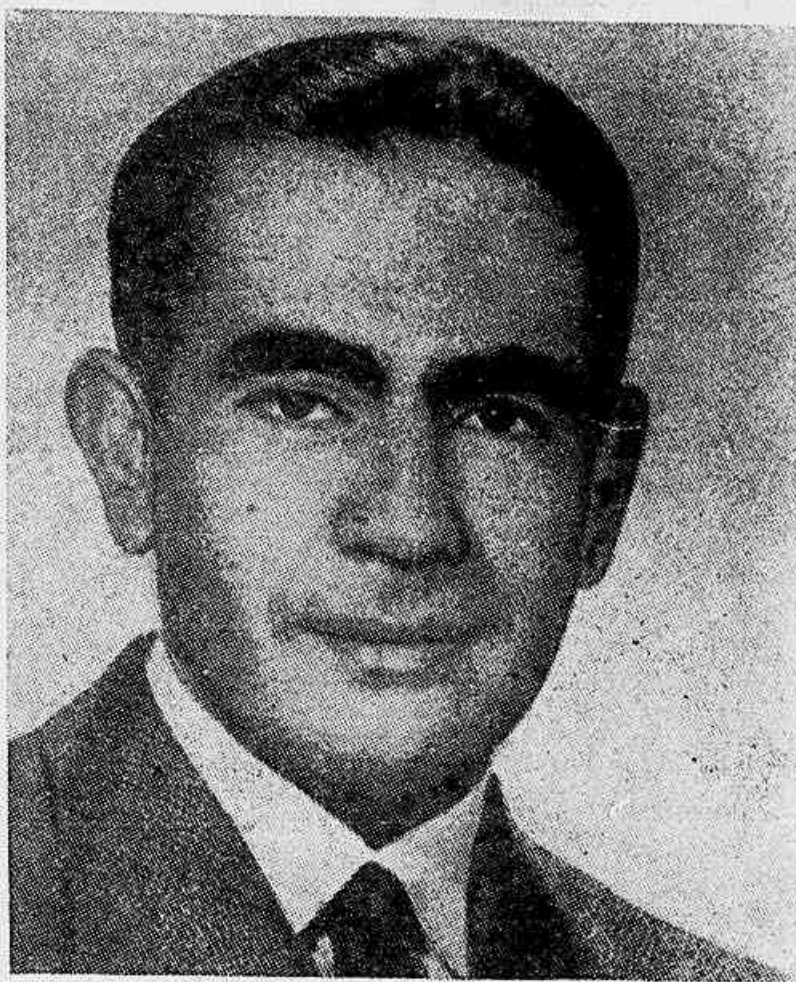
O romance abre no meio duma fria manhã de maio, na Travessa das Acácias que é uma ruazinha de suburbio. O professor Clarimundo Roxo, um sábio a prestações, está justamente emergindo dum sonho perturbador. Ao andar pelos seus aposentos de celibatário (meditando no tratado de filosofia que algum dia ainda escreverá) seus olhos fogem da mesma rua insípida que fica abaixo de sua janela... O romance porém salta do peitoril de sua janela como uma pesquisadora máquina fotográfica, captando a vida que Clarimundo é miope de mais para perceber.

Abaixo, no apartamento de João Benevolo uma família morre de fome tranquilamente, enquanto o marido se hipnotiza com os "Três mosqueteiros", sonhando que é D'Artagnan. Em cima, a viúva Dona Eudoxia espera pacientemente que seja anunciado o velório dum vizinho, enquanto Fernanda, sua

filha, que tem um emprego pesado, se veste para a labuta diária num escritório da cidade.

Do outro lado da cidade, a rica Cigina Madeira acorda dum sonho juvenil, junto ao marido ignobil — levantando-se para se contemplar no espelho com o ódio duma criatura de meia idade, que fracassou na vida. No "hall", seu filho Noel, impenitente sonhador, a quem ela desdenha de todo, escuta Debussy no fonógrafo e evoca Fernanda, sua condiscípula ha muitos anos.

Num aposento literalmente dourado, Zé Maria, um sertanejo ambicioso que acaba de ganhar uma fortuna na Loteria Federal, planeja uma calefação da casa que porá a cidade em polvorosa. Lá em cima, numa banheira de onix, sua filha Chinita, afunda lascivamente num banho espumante, como um gato contente. Na parte inferior do bloco de apartamentos, Leitão Leiria, o principal comerciante da cidade, toma seu café com a esposa viscosa e religiosa, planejando um rendez-vous com uma libertina local. No seu bonito escritório, o Dr. Arneio Albuquerque, um presunçoso advoca-



ERICO VERISSIMO

gado, planeja um namoro literario com a filha de Leiria... Num apartamento doutro canto da cidade, Salustiano, um jovem vicioso e farrista, acorda dum estupor alcoolico, sem se surpreender absolutamente de se achar ao lado de uma pequena desconhecida.

"Caminhos cruzados" é todavia tão cósmico quanto um fichario policial; a trama que o autor vai tecendo se modifica tão repentinamente como a própria vida. Nenhuma de suas histórias atinge um desenlace premeditado. João Benevolo tem um colapso de fome na rua, ainda engolfado na vida sonambúlica da esquizofrenia. Dona Eudoxia vai afinal ao seu velório e reforça sua própria consideração. Fernanda encontra de novo Noel e começa a arrancá-lo de sua cova de solidão. Salu encontra Chinita num samba e a seduz com uma despreocupada perícia. Cigina senta-se desesperançada á janela, aguardando o namorado que nunca ha de vir. Leitão Leiria sai furtivamente de seu torrido "rendez-

vous" e abala contritamente para casa, para junto de sua Dona Dodó...

Nenhum resumo pôde apreender a elétrica substância do estilo do senhor Verissimo. Sem um só "climax" falso, sem se elevar acima dum estilo de relatorio sem arte, ele sabe prender o interesse desde o começo e mantê-lo tenso, na sua manipulação duma exuberante "dramatis personae". O carater mais insignificante surge cheio de vibração de suas mãos, embora ele não faça mais do que esboçá-lo de leve. Ao fim, podemos apenas sentir piedade pelo professor Clarimundo, quando este caligrafia as sentenças iniciais do seu ensaio sobre o homem:

"A vida é uma coisa monótona e sensaborona... Moro numa rua suburbana, cujo ponto focal é a janela de meu quarto. E que poderei ver de meu posto de observador cético? Sempre as mesmas vistas diárias, as mesmas idênticas e monótonas cenas... Nenhum acontecimento romantico desperta ou disturba a tranquilidade desta rua e de seus moradores. Onde estão os diamas de que tanto gostam de falar os romantizadores? Onde está a angustia cantada pelos poetas?"

Os editores do senhor Verissimo chamam-lhe o Theodore Dreisser do Brasil. A julgarmos pelo habil trabalho do tradutor de "Caminhos cruzados" (seu primeiro livro a ser publicado nos Estados Unidos) a comparação não é absolutamente injustificada. Ambos escritores têm a mesma superabundante energia, a mesma áspere aproximação; ambos deixam suas histórias saírem aos borbotões como dinamos supercarregados largando as peças onde estas possam cair.

Mas o romancista brasileiro (ao contrário de nosso mastodonte literário) escolheu deliberadamente o método objetivo. Sua falta de forma é mais aparente do que real; sua ingenuidade, um brilhante recurso para nos pôr em rápida comunhão com as criaturas que ele descreve com detalhes tão maravilhosos — e com tão profunda compaixão. Embora não ofereça remédio para aliviar a carga do homem, ele o compreende no íntimo do coração; ora é profundo como um santo na sua armadura, ora cinico como um frequentador de café e sempre tão fácil de ler como um livro primário. "Caminhos cruzados" é um romance longo, mas este comentador apenas queria que ele fosse mais longo ainda. Não tem vergonha de dizer que o deverou duma assentada.

ORGANDY

DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A VENDA EM TODO O BRASIL

EXTRACTO Nº 1210 C/CX. Nº 1217 C/CX.

SABONETE Nº 1280

BRILANTINA Nº 1212

PO Nº 1250

EXTRACTO Nº 1200-F Nº 1201-F Nº 1202-F

EXTRACTO Nº 1211 C/CX. Nº 1211 S/CX. Nº 1211-M

T. TARQUINO

ESCRAGNOLLE DORIA

1889

TODOS os anos da vida humana, de primórdios tão no escuro, invariavelmente se assinala por sucessos felizes ou desgraçados, de tinta azul ou negra. Anos de meia tinta são aqueles nos quais a soma dos dias gratos excede a dos dias ingratos. Bom, e por isto raro.

No lento e contínuo registrar de acontecimentos, ofício sem remissão da História, certos anos mais que outros perduram na memória da humanidade toda ou na de parte dela, isto é na memória dos povos, parcelas da mesma humanidade, aprovionada pelo berço e desfalcada pela morte, cousa de dia e noite.

No Brasil o ano de 1889 ficou na retentiva nacional por ser o da troca de regimens políticos diferentes, o monarquico substituído pelo republicano, numa manhã do Rio de Janeiro.

A lembrança de 1889 não pôde ser aqui completa; limita-se a alguns traços no quadro inteiro de pintura entregue a cronistas futuros. Que os haja honestos.

Não fosse febre amarela em Santos e Campinas, 1889 teria estreado com excelente Ano Bom na esperança de um S. Silvestre em agradável balanço da comunhão brasileira.

Estava esta em paz com o que se dizia mundo. A ele nos apresentávamos na Exposição Universal de Paris, apontado de longe pela sua torre Eiffel. O modo pelo qual nos enfileiramos naquela revista de mostra no fundo política, bem o consigna o grosso volume *Le Brésil en 1889*. Nasceu da colaboração de penas nossas das melhores, no livro destacado um esboço do barão do Rio Branco condensando a história pátria em 699 paginas.

Linha a linha o esboço mostra como o Brasil se forjou na luta e no progresso, palavra significando refletir para melhorar, melhorar para bem viver, cousa diversa dos pinotes sociais tidos por progresso.

A situação financeira de 1889 consentia desafogo geral. Bolsa cheia ou preservada garante boa inspiração e expiração individual.

Proclamando 1889 o nosso ano financeiro mais venturoso, o deficit rez vez com o superavit, a imprensa carioca registrava as peripécias do duelo entre a libra soberana e o papel-moeda. Vencida aquela por este, o governo decretava o salvamento da esterlina fixando-lhe o valor em oito mil oitocentos e noventa réis. Para uns nada se comparava ao papel-moeda, portatil para os donos, dissimulavel para os peditórios, que não só os cães mordem. Outros preferiam o ouro solido para os dedos, de brilho para os olhos sobretudo de usurarios. Os pobres tinham necessidade de ser platonicamente ecleticos. Do pão também as migalhas se aproveitam.

Apezar de cidade tropical, onde o verão amolece energias, o Rio de Janeiro sempre foi madrugador e laborioso. As cidades também incidem nos pecados mortais. O Rio não peca pelo da preguiça, se bem preguiçosos dentro de seus muros como se dizia no tempo das cidades muradas.

O trabalho dá direito ao descanso ou ao recreio. O carioca de 1889 ao preferir o recreio ao repouso encontrava-o em varias épocas e em diversas partes do Rio, oferecendo diversões á massa ou ao individuo.

Da massa eram as festas publicas ou populares, o Carnaval, a Penha. Cahio o Carnaval de 1889 nos dias 3, 4 e 5 de Março, e notabilizou-se pela ausencia de chuva, divertindo-se a meteorologia em molhar ou inundar o Rio de Janeiro nos dias carnavalescos. As interrogações se haverá chuva no Carnaval carioca são velhas como as ruas da cidade. E a imprensa registrou: "Digam o que quizerem, mas a verdade é que o carnaval de 1889 foi deslumbrante". A passagem dos prestitos das sociedades era pela rua do Ouvidor, cheia de gente comprimida de ponta a ponta até nas sacadas dos predios, obrigados os carros alegoricos ou de critica a serem antecipadamente medidos para transito pela rua do Ouvidor. Medir para seguir.

A imprensa de 1889 descrevendo o Carnaval dirá melhor dos que nós o que foi a liberdade de critica na terça-feira gorda, critica do principal alimento na situação politica da quadra ainda aquecida pelo calor das festas da Lei Aurea.

Em 1839 viveram dous ministerios, o 10 de Março presidido por João Alfredo, o 7 de Junho organizado por Ouro Preto. gabinetes ambos, á exceção de dous ministros militares no gabinete Ouro Preto, compostos de parlamentares saídos da Camara e do Senado.

Para a assembleia vitalicia 1889 foi um ano mortifero, abertas vagas nas representações legislativas da Bahia, do Ceará, do Maranhão, do Rio de Janeiro, de Minas e Mato Grosso com o desaparecimento de Cotegipe, Paula Pessoa, Vieira da Silva, Otaviano, Belisario, do barão de Leopoldina e do visconde de Lamare, escolhidos para substitutos Carneiro da Rocha, Nogueira Accioli, Andrade Pinto, Carlos



Carlos Americo de Sampaio Vianna; barão de Sampaio Vianna; inspetor da Alfandega do Rio de Janeiro em 1889.

Peixoto de Mello. Tiveram o *dignus est entrare* da carta imperial de nomeação, o 15 de Novembro de 1889 privando-os do reconhecimento do Senado para posse vitalicia, por preencher uma vaga na bancada fluminense de seis cadeiras e outra na de Mato Grosso, de mandatario unico.

A apresentação do ministerio Ouro Preto na Camara dos Deputados, a 11 de Junho de 1889, levantaria a ultima das grandes tempestades parlamentares do Imperio na Camara temporaria sempre a escutas do rumor das dissoluções.

Discursando, Ouro Preto leu á Camara a narração protocolizada de sua conferencia com o imperador no palacio de Petropolis. Nela expoz ao chefe do Estado o programa do ministerio que ia organizar, programa propugnado pelos liberaes em recente congresso do partido.

Em certo passo da leitura, Ouro Preto a substituiu por sua propria palavra, sendo interrompido por aparte de Duarte de Azevedo, o seguinte: "Agora já não lê!"

Acudio Ouro Preto: "Não, repito de cór. Já li estes apontamentos perante o Senado e V. Ex. que foi meu mestre bem sabe que sempre tive boa memoria". A resposta provocou prolongada hilaridade, retrucando Duarte de Azevedo, então categorico de Direito Romano na Faculdade de S. Paulo. Aos ecos da hilaridade não puderam os taquígrafos apanhar o segundo aparte do deputado paulista, mas por uma declaração superveniente de Ouro Preto se conclue que Duarte de Azevedo não aceitara sem protesto certidão de idade.

Os taquígrafos conservaram declaração de Ouro Preto: "Com effeito, o nobre deputado é pouco mais velho do que eu, mas desde moço me dava lições". Nova hilaridade.

Duarte de Azevedo nascera itaboiense em 1832, em S. Paulo bacharelado em 1856, doutorado em 1859. Ouro Preto nascera mineiro em 1837, bacharelado na Faculdade de S. Paulo em 1858.

No importante programa do ministerio Ouro Preto estava compreendida plena autonomia dos municipios e provincias, nestas eleitas as edilidades e também eleitos os presidentes e vice-presidentes das mesmas provincias. Era a transformação de um Imperio unitario em outro federativo. A idéa vinha de 1885, quando, na Camara dos Deputados, Joaquim Nabuco, a 14 de Setembro de 1885, apresentava projeto declarando o governo do Brasil o de uma monarchia federativa.

Não será desinteressante, para os que estudam, alguns nomes dos trinta e nove deputados apoiantes e subscritores do projeto Nabuco. Deputados do Norte: José Marianno, Joaquim Tavares, Vianna Vaz, Adriano Pimentel, Juvencio Alves, Sattyro Dias, Costa Rodrigues, João Dantas Filho, Almeida Oliveira, Aristides Spinola, Zama, Sigismundo Gonçalves, Joviniano Romero, Thomaz Pompeu, Silva Maia, Moreira Brandão. Deputados do sul e do centro: França Carvalho, Carlos Affonso, Candido de Oliveira, Joaquim Pedro Soares, Egidio Itaqui, Silva Mafra, Paranhos Schutel, Affonso Celso Junior, Leopoldo de Bulhões, Leopoldo Cunha.

De vista nos Estados Unidos, ao formularem Constituição os representantes legislativos de 1890 federalisariam o Brasil, como o fizera primeiro decreto de primeiro Governo Provisorio.

Em 1889 uma das atenções publicas se voltava para uma ponta de febre de Bolsa, de causa nas novas incorporações bancarias determinantes de emissão de ações. Cuidado, diziam os prudentes aos de pouco dinheiro, não fiquem com as cartas na mão. O Encilhamento viria para deixar muita gente sem uma carta, abanando as mãos, gesto desagradavel no caso.

Melhor era gastar maior ou menor quantidade de mil réis em diversões, entre elas duas sempre apreciadas pelo carioca, as corridas hípias e os espetaculos teatrais.

Aos devotos do hipismo davam satisfação o Jockey Club, o Derby Club, ainda chamados á inglesa, o Prado Fluminense. Quasi sempre muito intenso era o movimento teatral carioca, em 1889 animado pelo *Lirico*, pelo *Recreio*, pelo *San't Anna*, pelo *Lucinda*, pelo *S. Pedro*. No *San't Anna* exhibia-se a violinista Julieta Dionesi e ao sair o imperador de um concerto da artista italiana, na noite de 15 de Julho de 1889, ocorreu na rua do Espirito Santo, ora Pedro I, o atentado Adriano do Valle de tiros contra a carruagem de D. Pedro II. Na revolta naval de 1893-1894 receberia Adriano o pago de sua ação insuflada.

O Rio de Janeiro costumava extraordinariamente festejar triunfalmente filhos illustres do Brasil. Assim varias vezes recebeu D. Pedro II, assim acolheu Rio Branco, Osorio, Carlos Gomes.

Em fins de 1889 o Rio deu especiais boas vindas á marinha do Chile representada pelo encouraçado *Almirante Cochrane* de passagem por aguas nossas. Recebendo o navio comandado por Constantino Bannen, o Rio de Janeiro retribuía finezas dispensadas no Chile a navios de guerra nossos em transito.

Logo na noite da vinda dos officiais chilenos a rua do Ouvidor foi toda iluminada. De então em diante não houve dia sem festas. A rainha destas seria o tão descrito e até pintado, por Aurelio de Figueiredo, baile da Fiscal, hoje a ilha unida a terra e com o seu salão principal qual era em 1889, por cuidado do almirante Tacito Moraes Rego quando benemerito diretor de Navegação.

A Fiscal, em 1889, era posto de vigilancia aduaneira. Dirigia a Alfandega do Rio de Janeiro homem de bom gosto e maneiras de cavalheiro, habituado á vida de sociedade e portanto sabendo como obter-lhe elogio ou quanto possivel evitar-lhe censuras.

Carlos Americo de Sampaio Vianna tendo exercido cargos publicos fôra chamado a funções de inspetor da primeira alfandega do Brasil, a do Rio de Janeiro. Em Maio de 1889, Sampaio Vianna recebeu a mercê de barão do seu nome. Caber-lhe-ia superintender o esplendor do baile da Fiscal, e da missão delicada se sahio á maravilha.

O Imperio foi parco em festas pomposas, mas fechou as poucas que deu com baile de ouro. No da Ilha Fiscal, em pequena superficie, reunio quanto de grande existia na sociedade carioca. Houvesse por acaso em tanto escol um convidado observador e presciente, e se reportando ao que andava no ar contra a monarchia, talvez pensasse no consigo mesmo: deixe-me vêr bastante, porque quanto vejo nunca mais o verei... nem ninguém.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

Dia 10:

Senhores: Gilberto Trompowski; dr. Aarão Reis Filho; José Luiz Palhano; prof. Venancio Muniz; dr. Astrogildo Magalhães Sena; Teodósio da Veiga; Ari Correia Pinto Peixoto, funcionário da A. B. I.

Dia 11:

Senhorita Itelmann Fontoura, filha do coronel Alexandre Fontoura. Senhores: Prof. Luiz Barbosa; dr. Manoel Veloso Borges; dr. Nestor Ascoli; dr. Osvaldo Pilar; prof. Martiniano Salgado.

Dia 12:

Senhores: Ministro José Roberto de Macedo Soares; jornalista Agenor Brandão; general Mendonça Lima, ministro da Viação e Obras Publicas; dr. Francisco de Paula Chaves Junior, advogado e professor; Vicente Vitran Felipe, funcionario da Light; Carlos Vasconcelos; Herbert de Boscoli.

Dia 13:

Senhorita Teresa Alves de Lima, filha do escritor Jorge de Lima; Vera Alba, filha do jornalista Hilário Leitão.

Senhoras:

D. Maria Cristina Fleiuss Carneiro, esposa do sr. Carlos Silveira Carneiro; d. Henriqueta Barcelos Potiguara, esposa do general Tertuliano Potiguara; d. Jacinta de Carvalho Barbosa, mãe do nosso colega de imprensa Carlos Barbosa.

Senhores:

Dr. José Mariano Filho; dr. Raul Marques de Azevedo; dr. Márcio Castilhos do Espírito Santo; prof. Julio Santos Filho; Julio Moreira, funcionário da A. B. I.; jornalista Ubirajara Hermenegildo de Queiroz; dr. Paulo Faria da Cunha e sua filha Maria Lucia.

Dia 14:

Senhores:

Conde Pereira Carneiro, diretor do "Jornal do Brasil"; Paulo Guaraná, arquiteto; capitão de fragata Henrique Coutinho Marques.

Dia 15:

Desembargador Francisco Cesário Alvim; Cel. Artur de Meira Lima;



Suzete, filha do sr. Antonio Reis da Silva e exma. esposa, residentes nesta Capital, numa atitude que bem reflete a pureza e o encanto da criança brasileira.



Myriam, gracioso ornamento do lar do casal Gustavo Moritad — Neli Morhste, festa Capital, esperando, por certo, que o passarinho saia da máquina fotográfica...

Afim de ser submetido a uma intervenção cirurgica, recolheu-se ao Hospital Central de Acidentados do Lloyd Brasileiro, em dias da semana passada, o Sr. Pedro Brando Superintendente da Organização Henrique Lage, a cuja inteligencia e operosidade confiou em boa hora o Exm.º Sr. Presidente da Republica a tarefa de continuar a obra notavel do grande industrial brasileiro, Sr. Henrique Lage.

Os nossos votos mais sinceros pelo feliz resultado da intervenção e pronto restabelecimento do Sr. Pedro Brando.



Senhora Santuza Doria, da sociedade baiana — aplaudida cantora lirica.

dr. Abguar Renaut; maestro Francisco Braga; João Constantino Ribas; capitão Haroldo Tavares da Gama.

Dia 16: Senhoras:

D. Gilda Guinle, esposa do dr. Carlos Guinle; d. Laura dos Santos Amaral, esposa do sr. Antonio dos Santos Amaral.

Senhores:

Dr. Pedro Lago, ex-senador federal; Carlos de Castelo Branco; desembargador Martinho Garcez Caldas Barreto; dr. Raimundo de Castro Pereira Rego; Guido Fontana; dr. Eduardo Ferreira da Rocha, do corpo clinico da A. B. I.



Realizou-se no dia 20 de março ultimo o enlace matrimonial do dr. Haroldo Lins e Silva com a srta. Maria Graça Malta, filha do sr. Paulo Souto Malta e d. Zoraida Graça Malta. O ato religioso teve lugar ás 17 horas na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, oficiado por Dom José Pereira Alves, bispo de Niterói. Os noivos foram vivamente cumprimentados no salão nobre do Hotel Glória, onde receberam os convidados. A gravura acima mostra os noivos quando recebiam a benção de D. José Pereira Alves.

ESCRAGNOLLE DORIA

1889

TODOS os anos da vida humana, de primórdios tão no escuro, invariavelmente se assinala por sucessos felizes ou desgraçados, de tinta azul ou negra. Anos de meia tinta são aqueles nos quais a soma dos dias gratos excede a dos dias ingratos. Bom, e por isto raro.

No lento e contínuo registrar de acontecimentos, ofício sem remissão da História, certos anos mais que outros perduram na memória da humanidade toda ou na de parte dela, isto é na memória dos povos, parcelas da mesma humanidade, aprovionada pelo berço e desfalcada pela morte, cousa de dia e noite.

No Brasil o ano de 1889 ficou na retentiva nacional por ser o da troca de regimens políticos diferentes, o monarquico substituído pelo republicano, numa manhã do Rio de Janeiro.

A lembrança de 1889 não pôde ser aqui completa; limita-se a alguns traços no quadro inteiro de pintura entregue a cronistas futuros. Que os haja honestos.

Não fosse febre amarela em Santos e Campinas, 1889 teria estreado com excelente Ano Bom na esperança de um S. Silvestre em agradável balanço da comunhão brasileira.

Estava esta em paz com o que se dizia mundo. A ele nos apresentávamos na Exposição Universal de Paris, apontado de longe pela sua torre Eiffel. O modo pelo qual nos enfileiramos naquela revista de mostra no fundo política, bem o consigna o grosso volume *Le Brésil en 1889*. Nasceu da colaboração de penas nossas das melhores, no livro destacado um esboço do barão do Rio Branco condensando a história patria em 699 paginas.

Linha a linha o esboço mostra como o Brasil se forjou na luta e no progresso, palavra significando refletir para melhorar, melhorar para bem viver, cousa diversa dos pinotes sociais tidos por progresso.

A situação financeira de 1889 consentia desafogo geral. Bolsa cheia ou preservada garante boa inspiração e expiração individual.

Proclamando 1889 o nosso ano financeiro mais venturoso, o deficit rez vez com o superavit, a imprensa carioca registrava as peripécias do duelo entre a libra soberana e o papel-moeda. Vencida aquela por este, o governo decretava o salvamento da esterlina fixando-lhe o valor em oito mil oitocentos e noventa réis. Para uns nada se comparava ao papel-moeda, portátil para os donos, dissimulável para os peditórios, que não só os cães mordem. Outros preferiam o ouro solido para os dedos, de brilho para os olhos sobretudo de usurarios. Os pobres tinham necessidade de ser platonicamente ecleticos. Do pão também as migalhas se aproveitam.

A pesar de cidade tropical, onde o verão amolece energias, o Rio de Janeiro sempre foi madrugador e laborioso. As cidades também incidem nos pecados mortais. O Rio não peca pelo da preguiça, se bem preguiçosos dentro de seus muros como se dizia no tempo das cidades muradas.

O trabalho dá direito ao descanso ou ao recreio. O carioca de 1889 ao preferir o recreio ao repouso encontrava-o em varias épocas e em diversas partes do Rio, oferecendo diversões á massa ou ao individuo.

Da massa eram as festas publicas ou populares, o Carnaval, a Penha. Cahio o Carnaval de 1889 nos dias 3, 4 e 5 de Março, e notabilizou-se pela ausencia de chuva, divertindo-se a meteorologia em molhar ou inundar o Rio de Janeiro nos dias carnavalescos. As interrogações se haverá chuva no Carnaval carioca são velhas como as ruas da cidade. E a imprensa registrou: "Digam o que quizerem, mas a verdade é que o carnaval de 1889 foi deslumbrante". A passagem dos prestitos das sociedades era pela rua do Ouvidor, cheia de gente comprimida de ponta a ponta até nas sacadas dos predios, obrigados os carros alegoricos ou de critica a serem antecipadamente medidos para transito pela rua do Ouvidor. Medir para seguir.

A imprensa de 1889 descrevendo o Carnaval dirá melhor dos que nós o que foi a liberdade de critica na terça-feira gorda, critica do principal alimento na situação politica da quadra ainda aquecida pelo calor das festas da Lei Aurea.

Em 1839 viveram dous ministerios, o 1º de Março presidido por João Alfredo, o 7 de Junho organizado por Ouro Preto. gabinetes ambos, à exceção de dous ministros militares no gabinete Ouro Preto, compostos de parlamentares saídos da Camara e do Senado.

Para a assembleia vitalicia 1889 foi um ano mortífero, abertas vagas nas representações legislativas da Bahia, do Ceará, do Maranhão, do Rio de Janeiro, de Minas e Mato Grosso com o desaparecimento de Cotegipe, Paula Pessoa, Vieira da Silva, Otaviano, Belisario, do barão de Leopoldina e do visconde de Lamare, escolhidos para substitutos Carneiro da Rocha, Nogueira Accioli, Andrade Pinto, Carlos



Carlos Americo de Sampaio Vianna; barão de Sampaio Vianna; inspetor da Alfandega do Rio de Janeiro em 1889.

Peixoto de Mello. Tiveram o *dignus est entrare* da carta imperial de nomeação, o 15 de Novembro de 1889 privando-os do reconhecimento do Senado para posse vitalicia, por preencher uma vaga na bancada fluminense de seis cadeiras e outra na de Mato Grosso, de mandatario unico.

A apresentação do ministerio Ouro Preto na Camara dos Deputados, a 11 de Junho de 1889, levantaria a ultima das grandes tempestades parlamentares do Imperio na Camara temporaria sempre a escutas do rumor das dissoluções.

Discursando, Ouro Preto leu á Camara a narração protocolizada de sua conferencia com o imperador no palacio de Petropolis. Nela expoz ao chefe do Estado o programa do ministerio que ia organizar, programa propugnado pelos liberaes em recente congresso do partido.

Em certo passo da leitura, Ouro Preto a substituiu por sua propria palavra, sendo interrompido por aparte de Duarte de Azevedo, o seguinte: "Agora já não lê!"

Acudio Ouro Preto: "Não, repito de cór. Já li estes apontamentos perante o Senado e V. Ex. que foi meu mestre bem sabe que sempre tive boa memoria". A resposta provocou prolongada hilaridade, retrucando Duarte de Azevedo, então catedrático de Direito Romano na Faculdade de S. Paulo. Aos ecos da hilaridade não puderam os taquígrafos apanhar o segundo aparte do deputado paulista, mas por uma declaração superveniente de Ouro Preto se conclue que Duarte de Azevedo não aceitára sem protesto certidão de idade.

Os taquígrafos conservaram declaração de Ouro Preto: "Com effeito, o nobre deputado é pouco mais velho do que eu, mas desde moço me dava lições". Nova hilaridade.

Duarte de Azevedo nascera itaboraense em 1832, em S. Paulo bacharelado em 1856, doutorado em 1859. Ouro Preto nascera mineiro em 1837, bacharelado na Faculdade de S. Paulo em 1858.

No importante programa do ministerio Ouro Preto estava compreendida plena autonomia dos municipios e provincias, nestas eleitas as edilidades e também eleitos os presidentes e vice-presidentes das mesmas provincias. Era a transformação de um Imperio unitario em outro federativo. A idéa vinha de 1885, quando, na Camara dos Deputados, Joaquim Nabuco, a 14 de Setembro de 1885, apresentava projeto declarando o governo do Brasil o de uma monarquia federativa.

Não será desinteressante, para os que estudam, alguns nomes dos trinta e nove deputados apoiantes e subscritores do projeto Nabuco. Deputados do Norte: José Marianno, Joaquim Tavares, Vianna Vaz, Adriano Pimentel, Juvençio Alves, Sattyro Dias, Costa Rodrigues, João Dantas Filho, Almeida Oliveira, Aristides Spinola, Zama, Sigismundo Gonçalves, Joviniano Romero, Thomaz Pompeu, Silva Maia, Moreira Brandão. Deputados do sul e do centro: França Carvalho, Carlos Affonso, Candido de Oliveira, Joaquim Pedro Soares, Egidio Itaquí, Silva Mafra, Paranhos Schutel, Affonso Celso Junior, Leopoldo de Bulhões, Leopoldo Cunha.

De vista nos Estados Unidos, ao formularem Constituição os representantes legislativos de 1890 federalisariam o Brasil, como o fizera primeiro decreto de primeiro Governo Provisorio.

Em 1889 uma das atenções publicas se voltava para uma ponta de febre de Bolsa, de causa nas novas incorporações bancarias determinantes de emissão de ações. Cuidado, diziam os prudentes aos de pouco dinheiro, não fiquem com as cartas na mão. O Encilhamento viria para deixar muita gente sem uma carta, abanando as mãos, gesto desagradavel no caso.

Melhor era gastar maior ou menor quantidade de mil réis em diversões, entre elas duas sempre apreciadas pelo carioca, as corridas hípias e os espetáculos teatrais.

Aos devotos do hipismo davam satisfação o Jockey Club, o Derby Club, ainda chamados á inglesa, o Prado Fluminense. Quasi sempre muito intenso era o movimento teatral carioca, em 1889 animado pelo *Lirico*, pelo *Recreio*, pelo *San't Anna*, pelo *Lucinda*, pelo *S. Pedro*. No *San't Anna* exhibia-se a violinista Julieta Dionesi e ao sair o imperador de um concerto da artista italiana, na noite de 15 de Julho de 1889, ocorreu na rua do Espirito Santo, ora Pedro I, o atentado Adriano do Valle de tiros contra a carruagem de D. Pedro II. Na revolta naval de 1893-1894 receberia Adriano o pago de sua ação insuflada.

O Rio de Janeiro costumava extraordinariamente festejar triunfalmente filhos ilustres do Brasil. Assim varias vezes recebeu D. Pedro II, assim acolheu Rio Branco, Osorio, Carlos Gomes.

Em fins de 1889 o Rio deu especiais boas vindas á marinha do Chile representada pelo encouraçado *Almirante Cochrane* de passagem por aguas nossas. Recebendo o navio comandado por Constantino Bannen, o Rio de Janeiro retribuía finezas dispensadas no Chile a navios de guerra nossos em transito.

Logo na noite da vinda dos officiais chilenos a rua do Ouvidor foi toda iluminada. De então em diante não houve dia sem festas. A rainha destas seria o tão descrito e até pintado, por Aurelio de Figueiredo, baile da Fiscal, hoje a ilha unida a terra e com o seu salão principal qual era em 1889, por cuidado do almirante Tacito Moraes Rego quando benemerito diretor de Navegação.

A Fiscal, em 1889, era posto de vigilancia aduaneira. Dirigia a Alfandega do Rio de Janeiro homem de bom gosto e maneiras de cavalheiro, habituado á vida de sociedade e portanto sabendo como obter-lhe elogio ou quanto possivel evitar-lhe censuras.

Carlos Americo de Sampaio Vianna tendo exercido cargos publicos fôra chamado a funções de inspetor da primeira alfandega do Brasil, a do Rio de Janeiro. Em Maio de 1889, Sampaio Vianna recebeu a mercê de barão do seu nome. Caber-lhe-ia superintender o esplendor do baile da Fiscal, e da missão delicada se sahio á maravilha.

O Imperio foi parco em festas pomposas, mas fechou as poucas que deu com baile de ouro. No da Ilha Fiscal, em pequena superficie, reunio quanto de grande existia na sociedade carioca. Houvesse por acaso em tanto escol um convidado observador e presciente, e se reportando ao que andava no ar contra a monarquia, talvez pensasse no consigo mesmo: deixe-me vêr bastante, porque quanto vejo nunca mais o verei... nem ninguém.

NOTICIÁRIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

Dia 10:

Senhores: Gilberto Trompowski; dr. Aarão Reis Filho; José Luiz Palhano; prof. Venancio Muniz; dr. Astrogildo Magalhães Sena; Teodósio da Veiga; Ari Correia Pinto Peixoto, funcionário da A. B. I.

Dia 11:

Senhorita Itelmann Fontoura, filha do coronel Alexandre Fontoura. Senhores: Prof. Luiz Barbosa; dr. Manoel Veloso Borges; dr. Nestor Ascoli; dr. Osvaldo Pilar; prof. Martiniano Salgado.

Dia 12:

Senhores: Ministro José Roberto de Macedo Soares; jornalista Agenor Brandão; general Mendonça Lima, ministro da Viação e Obras Publicas; dr. Francisco de Paula Chaves Junior, advogado e professor; Vicente Vitran Felipe, funcionario da Light; Carlos Vasconcelos; Herbert de Boscoli.

Dia 13:

Senhorita Teresa Alves de Lima, filha do escritor Jorge de Lima; Vera Alba, filha do jornalista Hilário Leitão.

Senhoras:

D. Maria Cristina Fleiuss Carneiro, esposa do crte. Carlos Silveira Carneiro; d. Henriqueta Barcelos Potiguara, esposa do general Tertuliano Potiguara; d. Jacinta de Carvalho Barbosa, mãe do nosso colega de imprensa Carlos Barbosa.

Senhores:

Dr. José Mariano Filho; dr. Raul Marques de Azevedo; dr. Márcio Castilhos do Espírito Santo; prof. Julio Santos Filho; Julio Moreira, funcionário da A. B. I.; jornalista Ubirajara Hermenegildo de Queiroz; dr. Paulo Faria da Cunha e sua filha Maria Lucia.

Dia 14:

Senhores:

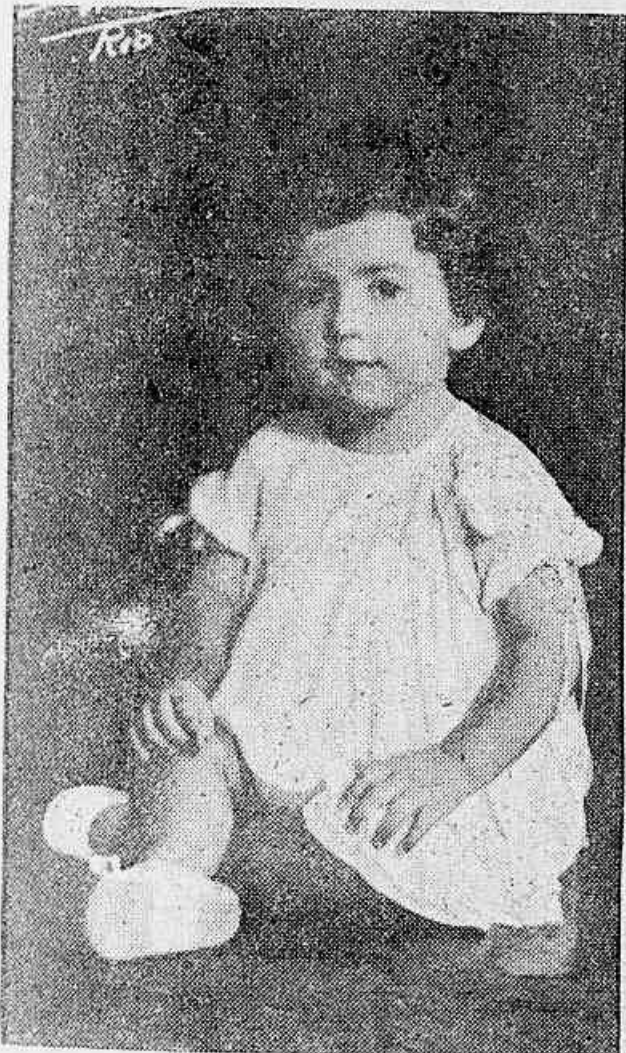
Conde Pereira Carneiro, diretor do "Jornal do Brasil"; Paulo Guaraná, arquiteto; capitão de fragata Henrique Coutinho Marques.

Dia 15:

Desembargador Francisco Cesário Alvim; Cel. Artur de Meira Lima;



Suzete, filha do sr. Antonio Reis da Silva e exma. esposa, residentes nesta Capital, numa atitude que bem reflete a pureza e o encanto da criança brasileira.



Myriam, gracioso ornamento do lar do casal Gustavo Morlat e Neli Morhstein, nesta Capital, esperando, por certo, que o passarinho saia da máquina fotográfica...

Afim de ser submetido a uma intervenção cirurgica, recolheu-se ao Hospital Central de Acidentados do Lloyd Brasileiro, em dias da semana passada, o Sr. Pedro Brando Superintendente da Organização Henrique Lage, a cuja inteligencia e operosidade confiou em boa hora o Exm.º Sr. Presidente da Republica a tarefa de continuar a obra notavel do grande industrial brasileiro, Sr. Henrique Lage.

Os nossos votos mais sinceros pelo feliz resultado da intervenção e pronto restabelecimento do Sr. Pedro Brando.



Senhora Santuza Doria, da sociedade baiana — aplaudida cantora lirica.

dr. Abguar Renaut; maestro Francisco Braga; João Constantino Ribas; capitão Haroldo Tavares da Gama.

Dia 16: Senhoras:

D. Gilda Guinle, esposa do dr. Carlos Guinle; d. Laura dos Santos Amaral, esposa do sr. Antonio dos Santos Amaral.

Senhores:

Dr. Pedro Lago, ex-senador federal; Carlos de Castelo Branco; desembargador Martinho Garcez Caldas Barreto; dr. Raimundo de Castro Pereira Rego; Guido Fontana; dr. Eduardo Ferreira da Rocha, do corpo clinico da A. B. I.



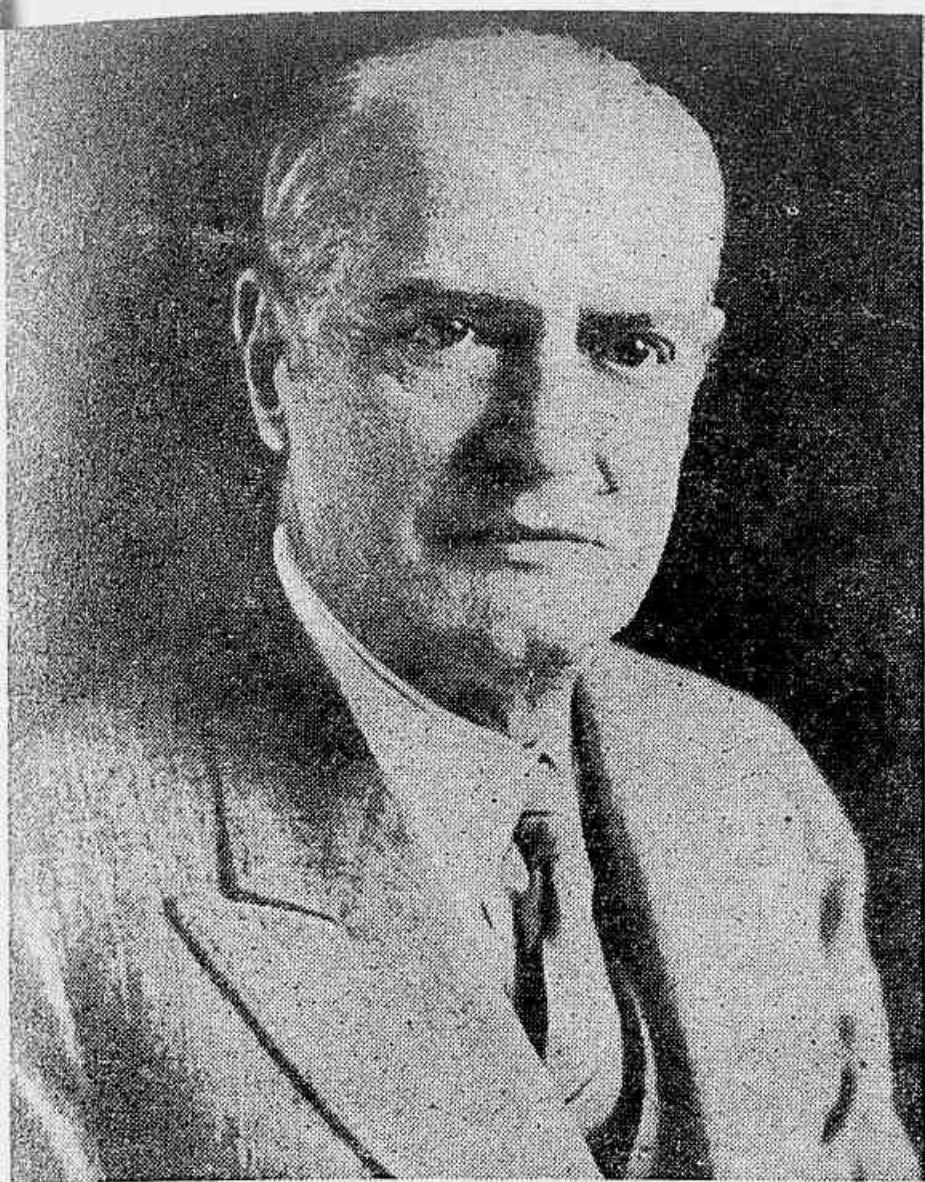
Realisou-se no dia 20 de março ultimo o enlace matrimonial do dr. Haroldo Lins e Silva com a srta. Maria Graça Malta, filha do sr. Paulo Souto Malta e d. Zoraida Graça Malta. O ato religioso teve lugar ás 17 horas na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, oficiado por Dom José Pereira Alves, bispo de Niterói. Os noivos foram vivamente cumprimentados no salão nobre do Hotel Glória, onde receberam os convidados. A gravura acima mostra os noivos quando recebiam a benção de D. José Pereira Alves.

Esportes

pela "sua" PRA-9

Onde houver uma atração esportiva aí
estará a "sua" PRA-9, com Oduvaldo
Cozzi ao microfone





Professor Cardoso Fontes.

UM SIMBOLO DA INQUIETUDE HUMANA PELA CIENCIA E PELA PAZ

O IDEALISMO DE CARDOSO FONTES --- RAIZES DE SUA FORMAÇÃO --- PEDRO II E O PADRE MESTRE --- "NOS MISTÉRIOS DA VIDA ENCONTRAREMOS OS ENSINAMENTOS DE CRENÇA E DE FE"

na biologia geral, na fisiologia, na química celular; modificou as nossas concepções etiológicas e patogênicas, afinou a diagnose e abriu novos horizontes à terapêutica, em que afinal se resolve nobremente a prática da medicina".

... "Fontes, superando a obra genial do seu predecessor (Pasteur), descobre as formas filitrantes das bactérias (ultra-virus); confirma, pela experiência, a teoria de Schaudum sobre as formas invisíveis dos microorganismos (Protozoários), que ele generaliza às bactérias. E com esta maravilhosa descoberta Fontes revolucionou a ciência dos infinitamente pequenos que ele ultrapassa, lançando os fundamentos da INFRA-MICROBIOLOGIA, na qual os fenômenos biológicos, à maneira dos fenômenos do mundo físico, se resolvem em manifestações de energias."

Estes trechos foram tirados do livro ANTONIO FONTES E A SUA OBRA, de autoria do dr. J. J. Vieira Filho.

Repartindo seu tempo entre o lar e Manguinhos foi, nesta casa, um continuador infatigável de Osvaldo Cruz e Carlos Chagas, seus dois únicos predecessores na direção do Instituto. Em certo período, por exemplo, saía de casa em Petrópolis pela madrugada, deixando os sete filhos ainda em pleno sono e regressava cerca de dez horas da noite, já os encontrando no leito. Nos últimos tempos, enquanto a saúde o permitiu, conformava-se em chegar mais tarde e sair mais cedo do laboratório de trabalho — mas nunca perdeu o hábito de ir.

Petrópolis, sua cidade, sempre foi profundamente amada por ele. Possuía duas casas montadas, uma lá e outra aqui. Quando um trabalho mais sério o empolgava, subia a serra, encontrando lá em cima a atmosfera necessária à meditação e à elaboração.

Outro traço que o caracterizou foi a religiosidade. Iniciou-o nas coisas de Deus o Padre-Mestre José Benedito Moreira, do qual ficou sendo um dos mais diletos amigos. Mais tarde, quando jantava em sua casa o cientista francês Emile Sergent, foi ele interpelado pela senhora deste, se era ou não religioso. Respondendo afirmativamente, disse que encontrava na religião o grande motivo de encorajamento para a profissão que escolhera.

Assim viveu Cardoso Fontes. A ele, pois, nossa homenagem; a ele, o reconhecimento da Pátria.

Quanto mais as condições da vida moderna tanzam o homem, menores possibilidades tem ele de ultrapassar as fronteiras do vulgar e viver no Universo de um sonho, no mundo claro de um ideal. Antigamente, as circunstâncias permitiam uma existência calma, sem atribulações; a solidão estava ao alcance de qualquer um. Deste modo, podia-se trabalhar, construir alguma coisa com relativa facilidade. Hoje não. A vida, nos grandes centros, tornou-se terrivelmente dispersiva. Daí, podemos considerar como verdadeiros heróis, personalidades incomuns aqueles que, com todos os encargos do homem moderno, conseguem manter-se invulneráveis ao tumulto, consagrando-se, em silêncio, às causas sagradas do bem e da fraternidade. Nessa categoria estão os cientistas, os trabalhadores incansáveis de laboratório que, desprezando o êxito fácil e inglório de uma clínica lucrativa, preferem os sacrifícios e a incerteza de um trabalho de pesquisa, através do qual visam, apenas, o bem de seus semelhantes e o progresso da ciência.

Cardoso Fontes foi um desses. Não o seduzia nenhuma vantagem material; repelia sempre que visava, apenas, o bem da humanidade. Fluminense, nascido em Petrópolis, Cardoso Fontes trouxe do berço a influência boa da província, ambiente formador das grandes almas. Depois, plasmando sua educação em colégios de escol, iniciou o curso superior munido de um equipamento intelectual precioso, vivificado pela mais sã e cristã.

Certa vez, em Petrópolis, quando Cardoso Fontes tinha 5 anos de idade, encontrou-se com o Imperador. O Monarca, pousando a Augusta Mão sobre a cabeça do menino, proferiu as seguintes palavras, que têm a força de uma lição: "Meu filho. Quem muito estuda pouco sabe. E quem não estuda, que poderá saber?"

Nascido a 6 de Outubro de 1879, iniciou sua carreira de cientista, propriamente, desde o instante em que ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1897; concluiu o curso em 1902. Sua tese de doutoramento, defendida em Março de 1903, versou a respeito de VACINAÇÃO E SOROTERAPIA ANTIPESTOSA.

Após o desempenho brilhante de diversos postos, ingressou, em 1900, como auxiliar aluno do Instituto Osvaldo Cruz, naquele tempo denominado Instituto Soroterápico Federal. Cedo grangeou a simpatia e a admiração de Osvaldo Cruz que, em 1903, o indicou para desempenhar em comissão o cargo de diretor do Laboratório Bacteriológico Federal. Daí por diante, sua carreira foi uma ascensão ininterrupta, organizando serviços, participando de congressos, publicando trabalhos. Em 1911 representou o Brasil na Exposição Internacional de Higiene de Dresden; em 1912, compareceu, oficialmente, à I Conferência Internacional de Tuberculose e Exposição Anexa reunidas em Roma, onde recebeu expressiva honraria. Muitas outras viagens empreendeu ao exterior, elevando, em toda parte, o nome do Brasil.

De uma dessas viagens, conta-se um fato pelo qual poderemos avaliar o aprêço em que era tido nos meios científicos internacionais. Estando em Paris, de passagem, foi convidado para participar de um Congresso Internacional de Microbiologia. Não possuindo, entretanto, as credenciais do Governo Brasileiro, declinou do convite; o embaixador Souza Dantas, sabedor do caso, deu imediatas providências para que essa formalidade fosse preenchida. No prazo necessário, porém, nada. Então, chocando a própria modestia do Mestre, aconteceu um fato imprevisível: os delegados dos países americanos presentes à reunião o escolheram presidente das delegações sul-americanas! Foi uma consagração, glória de que poucos cientistas poderão orgulhar-se.

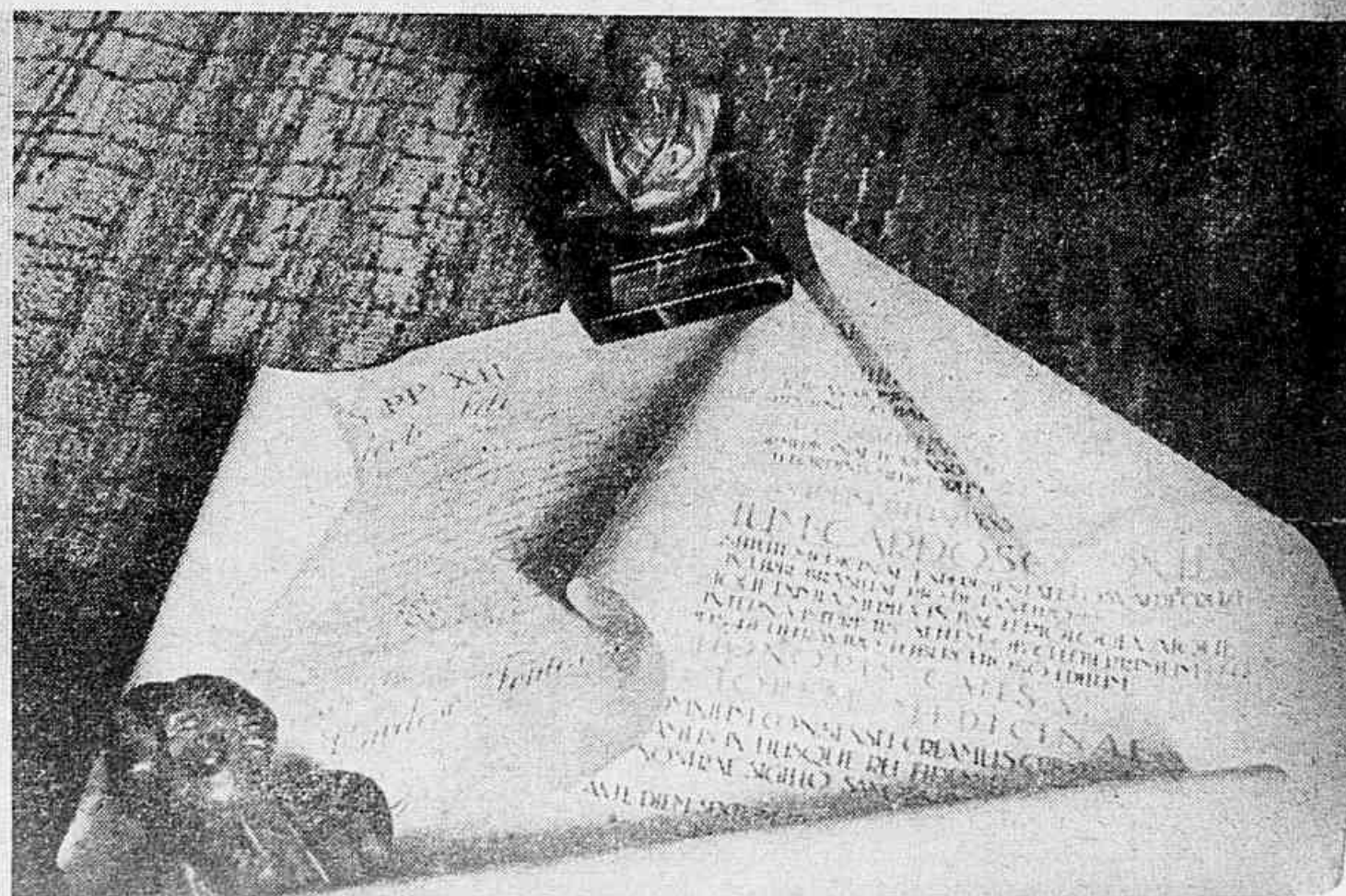
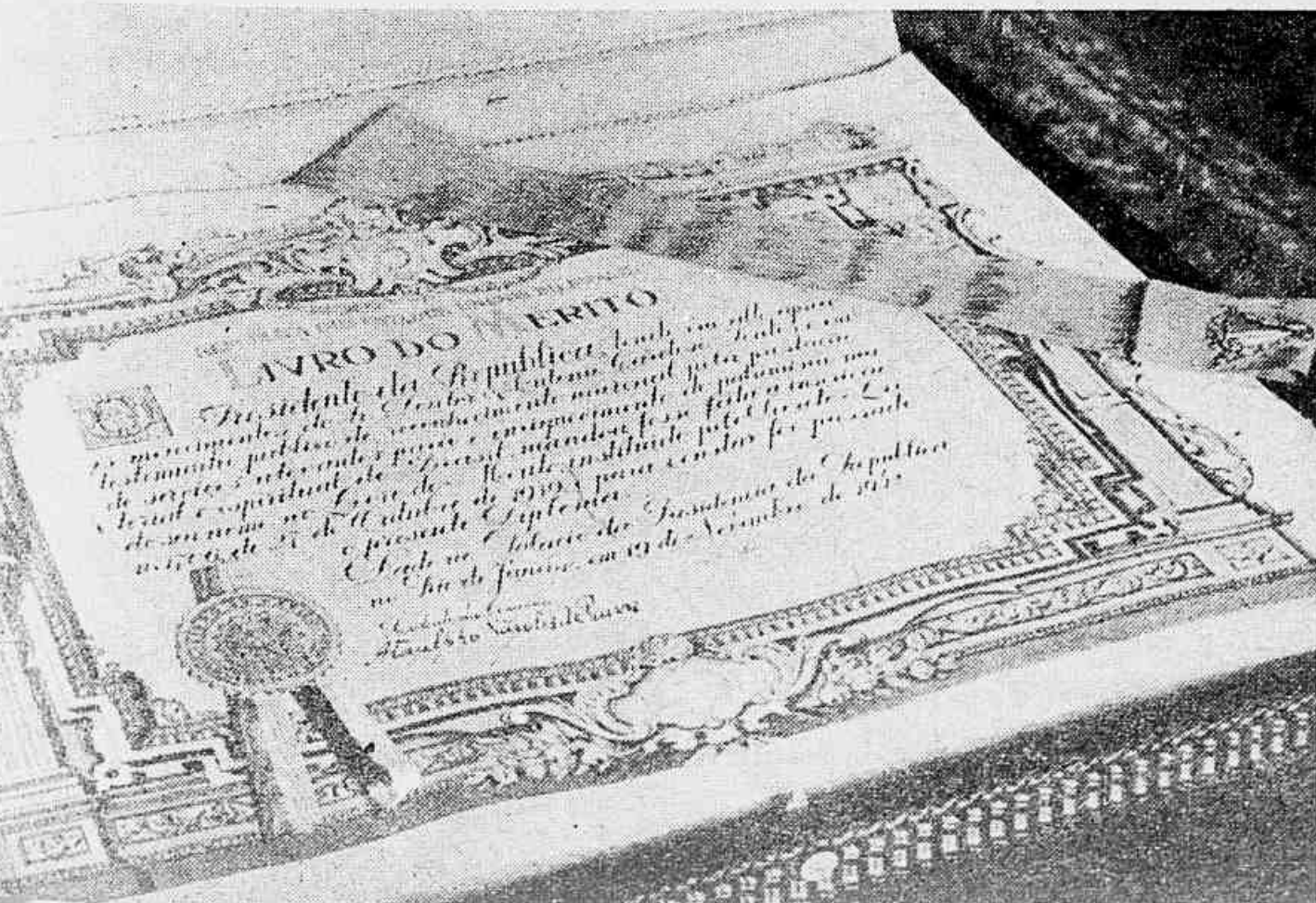
"A obra de Fontes é realmente repleta de ensinamentos, reveladora de muitas incógnitas, promissora de transformações, quer no domínio da especulação, quer no da prática. Ela não revolucionou somente toda a fisiologia; repercutiu em toda a bacteriologia,



D. Marília Cardoso Fontes de Almeida Portugal, filha e, por alguns anos, secretária do sábio patricio; dr. João de Almeida Portugal, seu genro, e o dr. Pedro Oliver, quando narravam ao nosso redator interessantes passagens da vida edificante de Cardoso Fontes.

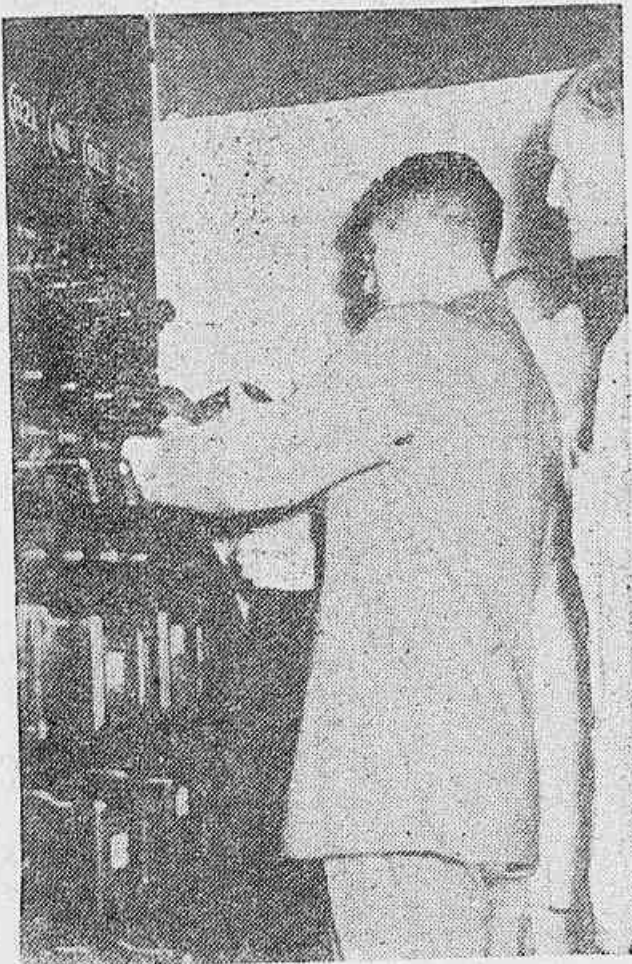
O Dr. Antonio Cardoso Fontes, não obstante a extraordinária modéstia de sua pessoa, foi alvo de diversas homenagens, por parte das mais famosas instituições culturais do mundo. Na presente fotografia, vemos os títulos concedidos, respectivamente, pela Academia Pontificia de Ciências (único brasileiro distinguido com esse título) pela Universidade de Vilno, Polónia. Sobre os pergaminhos, os bustos de Osvaldo Cruz e de Pasteur, conservados carinhosamente em seu gabinete de trabalho.

O Livro do Mérito é uma criação do Governo para distinguir aqueles que, pelo seu exemplo e pelos seus trabalhos, mereçam o respeito e a gratidão da Pátria. Assim, mandando nele inscrever o nome ilustre de Cardoso Fontes, nosso Presidente deu uma prova de seu alto senso de justiça, reparando, outrossim, a indiferença com que tratávamos, aqui dentro, a esse brasileiro conhecido e acatado nos maiores centros científicos do mundo.

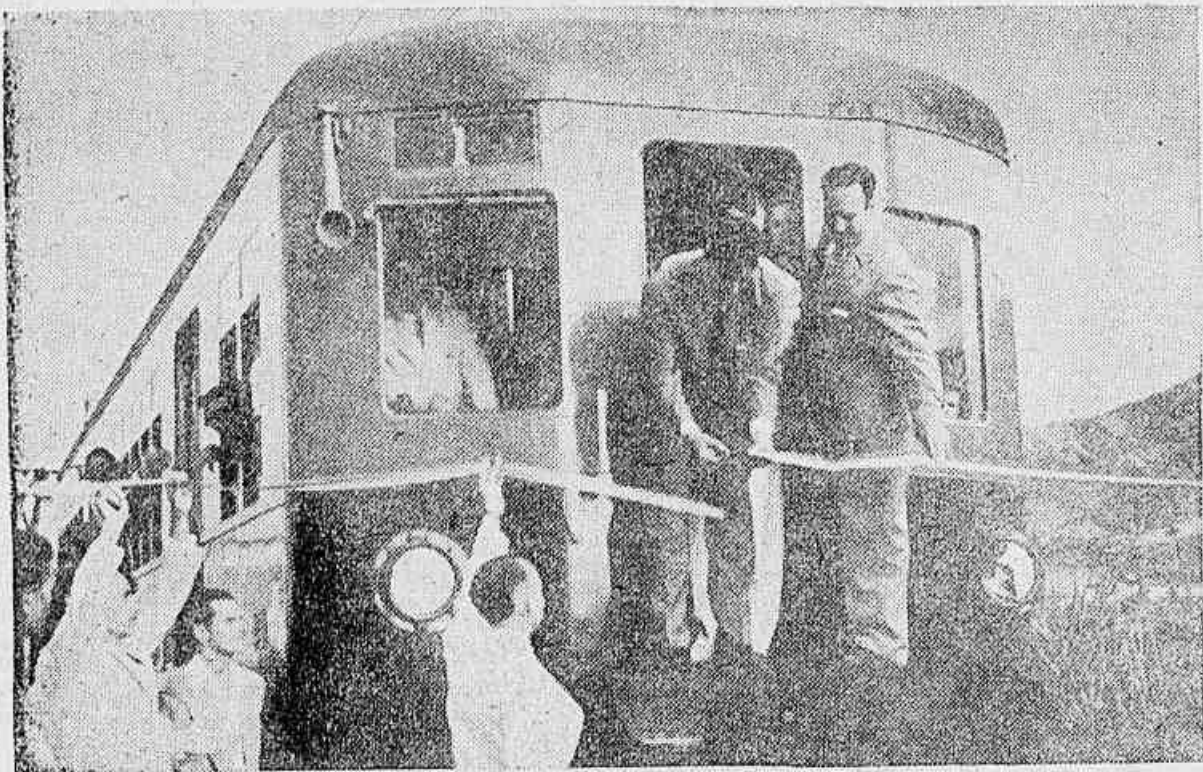
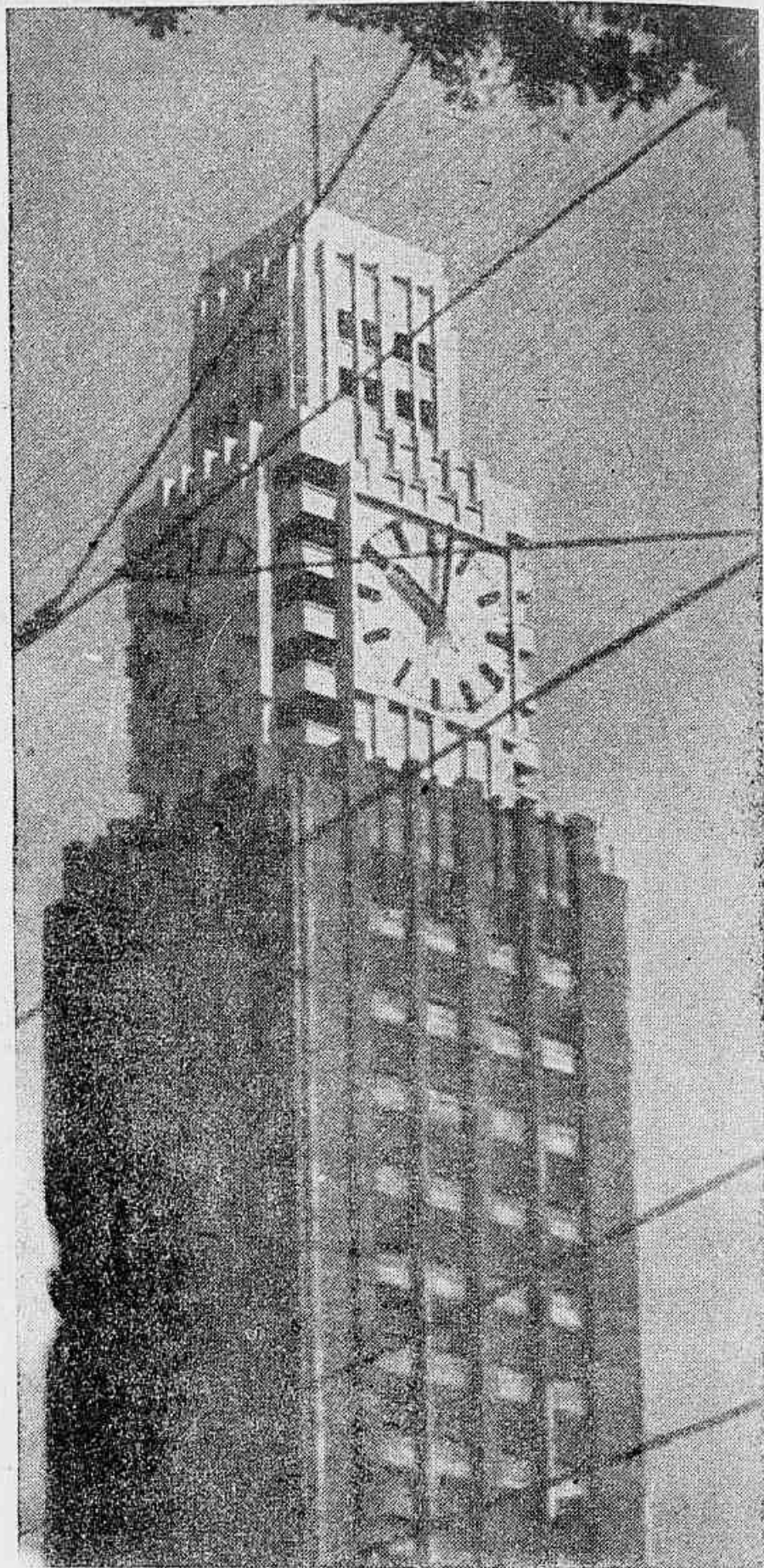


O 85.º aniversário da Central do Brasil

O dia 28 de Março último assinalou a passagem do 85.º aniversário da Estrada de Ferro Central do Brasil. Comemorando a data, a direção da nossa principal ferrovia organizou um programa de festividades, que tiveram um cunho de inegável brilhantismo, das quais registamos aqui as inaugurações do grande relógio da torre do novo edifício, um dos quatro maiores do mundo, e do



trecho eletrificado de Nova Iguaçu a Morro Agudo. Em cima, o major Alencastro Guimarães no momento em que ligava a chave dos maquinismos do enorme relógio, que se vê à direita. A' esquerda, o diretor da Central quando cortava a fita simbólica do novo trecho eletrificado, dando como inaugurado esse grande empreendimento. Noutro local publicamos uma ampla reportagem da exposição, que foi, sem dúvida, o acontecimento marcante das comemorações.



Figuras e Fatos

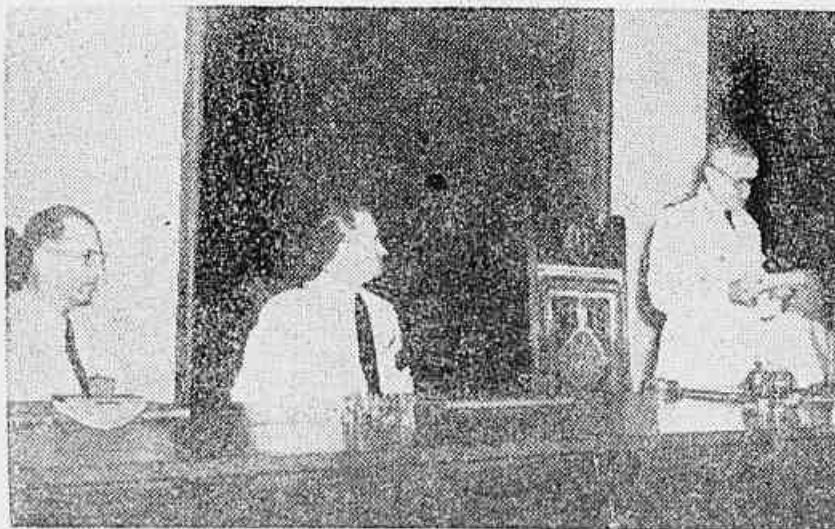


CORONEL NELSON DE MELO — Pelo avião da carreira, seguiu no dia 26 p.p. para Recife, o Cel. Nelson de Melo, que se fez acompanhar de sua esposa e filha. Compareceram grande numero de amigos, altas patentes militares e destacadas figuras da colônia de Pernambuco domiciliada no Rio. Na fotografia acima, vê-se o ilustre militar e exma. família, no instante do embarque.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL — Visitou esta Casa a 31 p.p., o general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra. O fato deu lugar a uma confraternização magnífica entre os dignos representantes do nosso alto comércio e o Exército. Sua Excia. recebeu, durante o tempo que ali esteve, as demonstrações mais vivas da confiança e da simpatia que desfruta no seio das classes conservadoras. A' mesa que presidiu os trabalhos, estiveram presentes o embaixador Jefferson Caffery e o dr. Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria, além do dr. João Daudt de Oliveira, presidente da Associação; no auditório estavam numerosos oficiais generais. Os discursos pronunciados, respectivamente, pelo presidente João Daudt d'Oliveira e pelo ministro Eurico Dutra demonstraram a perfeita harmonia de vistas existente entre as forças armadas e as forças econômicas.

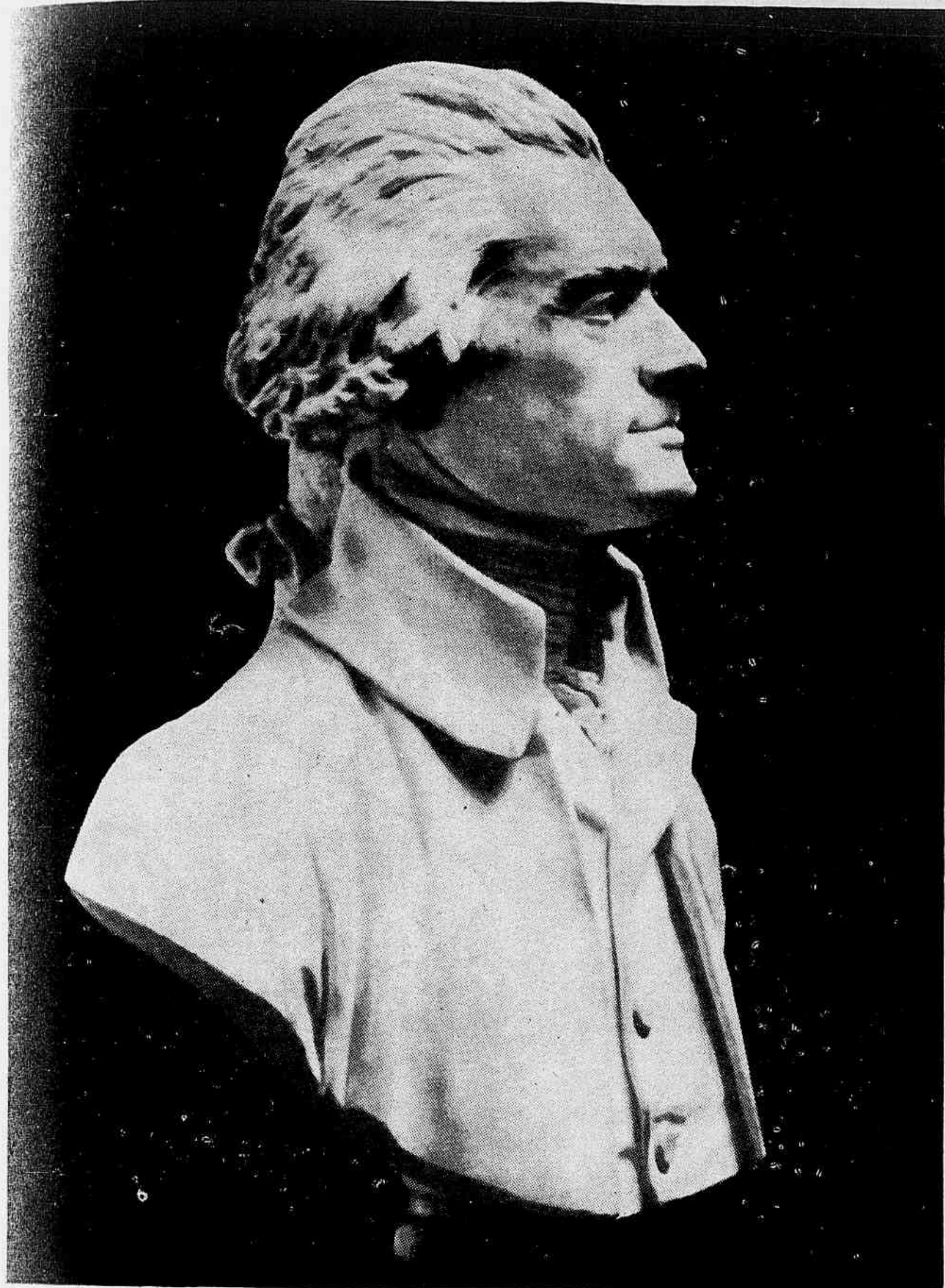


SOCIEDADE BRASILEIRA DE UROLOGIA — Registamos neste "clichê" a solenidade com que a Sociedade Brasileira de Urologia empossou a sua nova diretoria para o corrente ano social, tendo a mesma sido abrilhantada pelos representantes de altas autoridades e de inúmeras entidades médicas associativas. O presidente re-eleito, professor Alvaro Cumplido de Sant'Ana, catedrático de Clínica Urológica da Faculdade de Ciências Médicas e docente da Universidade do Brasil, foi organizador e presidente dos primeiros congressos de urologia realizados nesta cidade, em 1935, e presidiu reuniões congêneres em 1937, em Buenos Aires, sendo também o 1.º presidente da Confederação Americana de Urologia, que congrega todos os países americanos.



MINISTRO ANIBAL DELMÁS — Estreitando ainda mais os laços de amizade que nos confundem com o nosso vizinho do Oeste, chegou ao Rio, de avião, no dia 1.º de abril o sr. Anibal Delmás, ministro da Justiça, Instrução e Culto do Paraguai. Ao aeroporto compareceram diversos ministros, diplomatas e muitas outras personalidades do mundo político. Na presente fotografia, vemos Sua Excia., quando palestrava cordialmente com o ministro Gustavo Capanema, após o desembarque.





Thomas Jefferson, num busto de Houdon.

THOMAS JEFFERSON

de 1785, seu amor ao torrão natal transbordava comovidamente neste claro louvor que vale por um verdadeiro cantico de exaltação:

“Eu gosto sinceramente que você possa vir até cá: o prazer da viagem será menor do que você espera, mas sua utilidade muito maior. Fará você adorar seu país, seu sólo, seu clima, sua igualdade, sua liberdade, suas leis, seu povo e suas maneiras. Meu Deus! como os meus patricios apreciam pouco as benções preciosas que possuem e que nenhum outro povo na terra pôde gozar.” Ele não era, no entanto, nenhum temperamento exuberante. Ao contrário, a primeira impressão que deixava em quem o encontrasse rapidamente, era a de um homem frio e distante. Ainda agora, num belo artigo que lhe dedicou em “The New York Times Magazine”, Claude G. Bowers, embaixador americano no Chile, lembra que ao aceitar seu convite para ir a Monticello, sua residência durante quase meio século, o marquez de Chastellux ao defrontá-lo pela primeira vez ficou momentaneamente tolhido pela sua falta de efusão, porém depois escreveu: “Antes de ter estado com ele por duas horas, nós éramos tão íntimos como se tivéssemos vivido juntos toda a vida.” Chastellux acrescentava que sua permanência de quatro dias no solar tinha sido como “outros tantos minutos”.

Implacável contra toda marca de opressão e de força, era de uma ternura quase feminina com aqueles que recorriam á sua assistência e á sua afeição. “Os odios de Jefferson eram reservados aos princípios, aos credos políticos e aos sistemas e não aos homens”.

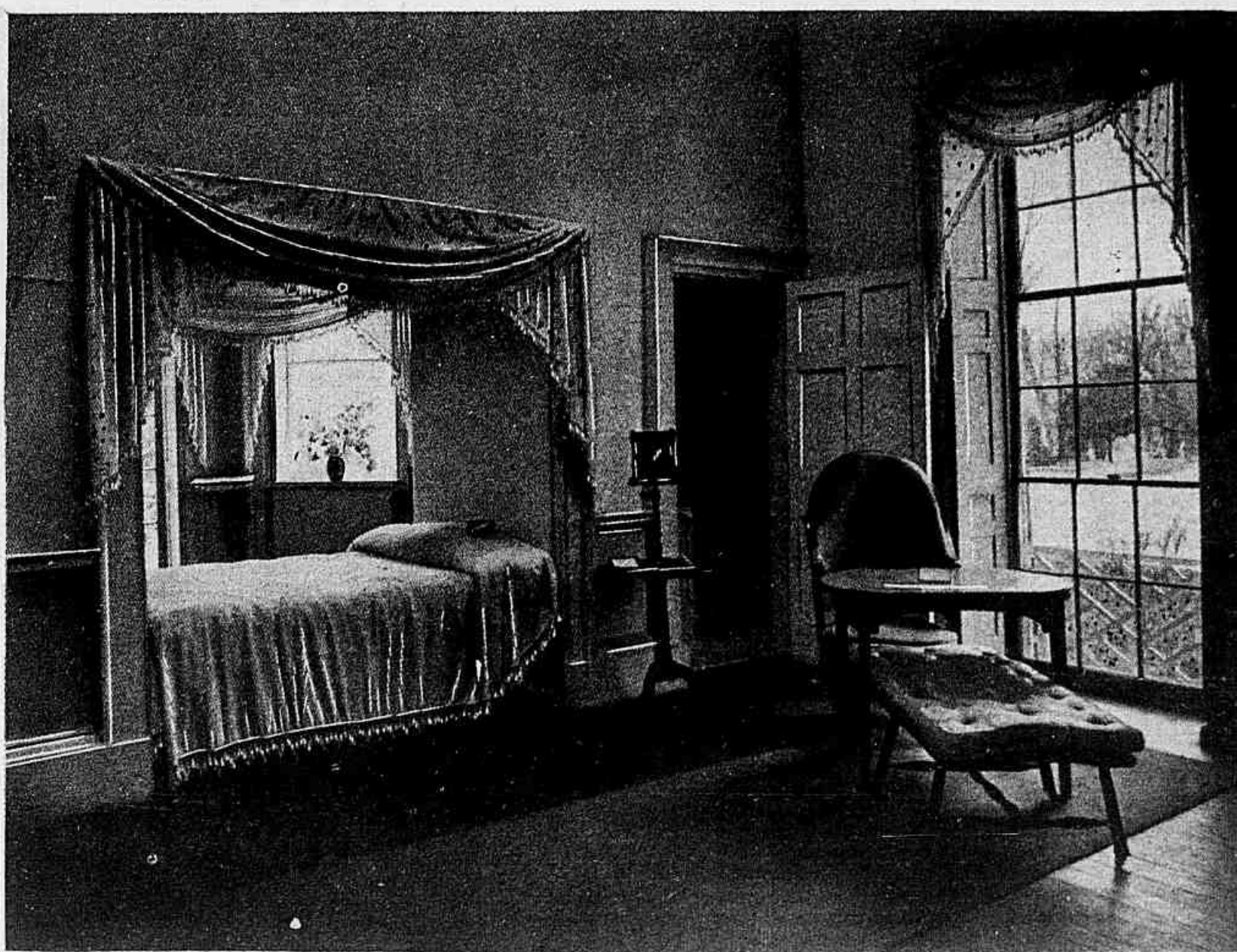
PASSANDO a 13 deste mês o segundo centenário do nascimento de Thomas Jefferson, essa data será comemorada com imponentes celebrações em toda a América, ao que nos associamos de coração, na homenagem desta página.

Nenhuma figura, na verdade, seria talvez mais expressiva dos anseios de liberdade que o mundo experimenta neste momento, quando as forças da opressão, da brutalidade, da astúcia e da traição foram postas em norma pelos países totalitários, na mais tremenda e monstruosa das tentativas para implantar entre os homens o reinado da servidão, da ineficiência física, da desonestidade mental, dos baixos instintos pagãos.

Dez dias antes da sua morte, era assim que esse grande homem escrevia a Roger C. Weightman, pelo cinquentenário da Declaração da Independência dos E. Unidos:

“A difusão geral da luz da ciência desvendou já a todas as vistas esta verdade palpável: a humanidade não nasceu de selim nas costas e pronta para ser cavalgada por meia dúzia de indivíduos de botas altas que se disponham a montá-la legitimamente, pela graça de Deus.”

Produto mais genuíno do solo americano, Jefferson levou a América no coração e no cérebro a toda parte aonde se moveu. Escrevendo de Paris a James Monroe, em 17 de janeiro



Quarto da residência de Monticello, onde o estadista americano viveu a maior parte de sua vida.

Charles Dana Gibson, ilustrador duma era de elegancia



Toda a imprensa dos Estados Unidos vem celebrando com o maior carinho e o mais caloroso louvor os 75 anos de Charles Dana Gibson, o grande desenhista que encheu os periodicos universais no periodo 1890-1910 com as suas famosissimas figurinhas femininas rotuladas em todo o mundo como as *Gibson Girls*. O que pouca gente saberá é que o modelo da Gibson Girl foi exclusivamente a senhora Dana Gibson, depois de seu casamento com o artista em 1895. Já então a gloriosa silhueta caracteristica da pequena americana, rica e petulante, corria as revistas ilustradas de todo o globo, arrancadas ás paginas da antiga *Life*.

A Gibson Girl, a passeio e na vida diaria, vestia de preferencia uma blusa de fustão engomado, saia de grande roda, que ela sabia arregaçar com um jeito todo seu, cabelos levantados em deliciosos bandós à Rainha Alexandra, da Inglaterra, gola alta, o corpo sempre vertical, e a linda cabeça mirando tudo do alto, com um ar de leve malicia nos olhos finos.

Loura ou morena, em traje de *soirée*, era a mesma criatura altaneira e amavel, os ombros nus arredondados como os duma estatua, o pescoço longo e firme, os cabelos sempre naquele *coque* de ondas setinadas retidas no alto, por uma arte especifica.

Todas as mulheres queriam parecer-se com ela

e, coisa singular, todas as americanas da epoca se assemelhavam efetivamente á criação de Mr. Gibson, ou seja á lindissima Irene Langhorne Gibson, que hoje mesmo, além dos 60 anos, ainda conserva o mesmo perfil celebrado pelo marido, a mesma boca voluntariosa, os mesmos olhos de sorridente mirada.

Para formar com a Gibson Girl a parelha de granfinos do principio do seculo, Dana Gibson servia-se de seus amigos mais elegantes, especialmente Richard Harding Davis, especie de John Barrymore, atraente e espetaculoso, que para ele posava repetidamente e por certo com o maior prazer, na expectativa de se ver depois entre as mãos e sob os olhos embevecidos de centenas de moças romanticas dos quatro cantos da terra.

A voga de Gibson foi tão grande, os seus desenhos eram de tal modo disputados que o editor de *Cosmopolitan* chegou a firmar com ele um contrato para uma serie de desenhos de pagina dupla, pelo preço de 1.750 dolares cada desenho, remuneração ainda não atingida por nenhum ilustrador americano, até então.

Outros editores, Robert Collier e Condé Nast, donos do *Collier's Weekly*, não se conformando com essa vitoria do rival, prenderam em seguida o grande ilustrador, durante dois anos, com a aquisição de

Uma caricatura da guerra de 1914-18. A Civilização a Guilherme II: "Tartufo"!



A Gibson Girl, com o seu traje tipico.



A famosa cabeça de Gibson Girl, posada por Mrs. Gibson, ha 40 anos.



A joven Mrs. Gibson, beldade do Sul dos E. Unidos, logo depois do seu casamento.



Mrs. Gibson aos 70 anos, ainda, com muito de sua beleza juvenil.

seus desenhos a 1.000 dolares cada um, alcançando sucesso mais retumbante com semelhante iniciativa. O dinheiro corria para as mãos de Gibson como uma fonte. Não contente com o sucesso dessas publicações em revistas de fama, publicava ainda, a intervalos, seus *Albums*, em geral representando um tipo de desenhos ordenados, como a *Educação de Pipp*, conseguindo muitas vezes esgotar edições de 20.000 exemplares ao preço de 5 dolares o volume comum e 25 dolares o exemplar de luxo.

O artista contava 27 anos quando encontrou a futura Mrs. Gibson. Depois de 47 anos de vida conjugal, ele ainda a considera a mulher mais bela do mundo. O casal mais romântico dos Estados Unidos vive em Penobscot Bay, onde os dois passaram a maior parte de sua vida, aí criando os dois filhos e reunindo frequentemente os 11 netos para com eles passarem alguns dias cheios de alegria e felicidade. Perto da casa, fica uma capelinha de pedra,



Doas Gibson Girls, em trajes de passeio e soirée.



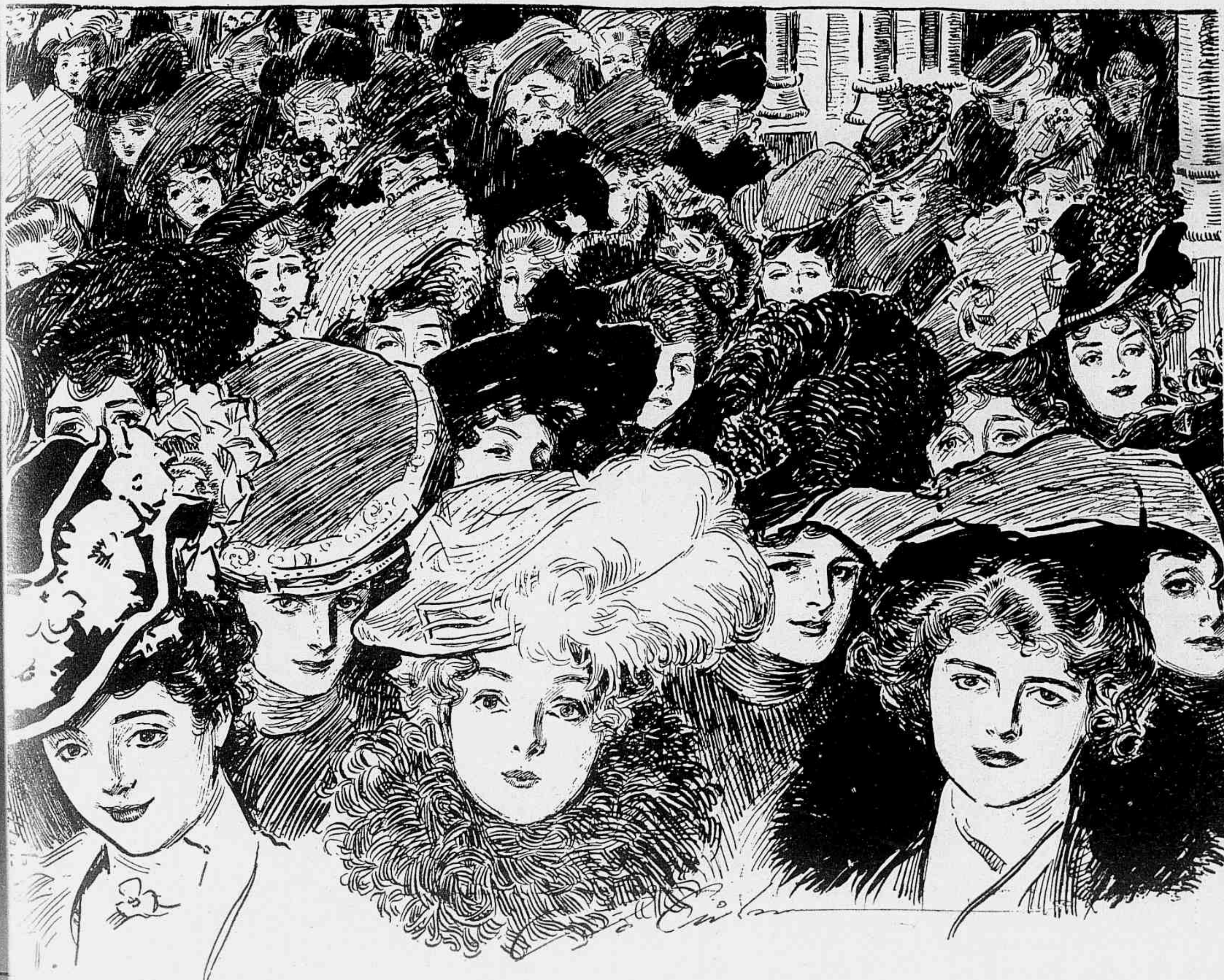
Mrs. Gibson lê o jornal da tarde para o marido. Ele prefere que ela leia, porque diz: "Gosto do som de sua voz". Para ele Mrs. Gibson é a mulher mais bonita do mundo.

inteiramente construída pelo artista, onde os dois filhos casaram e todos os netos se batizaram.

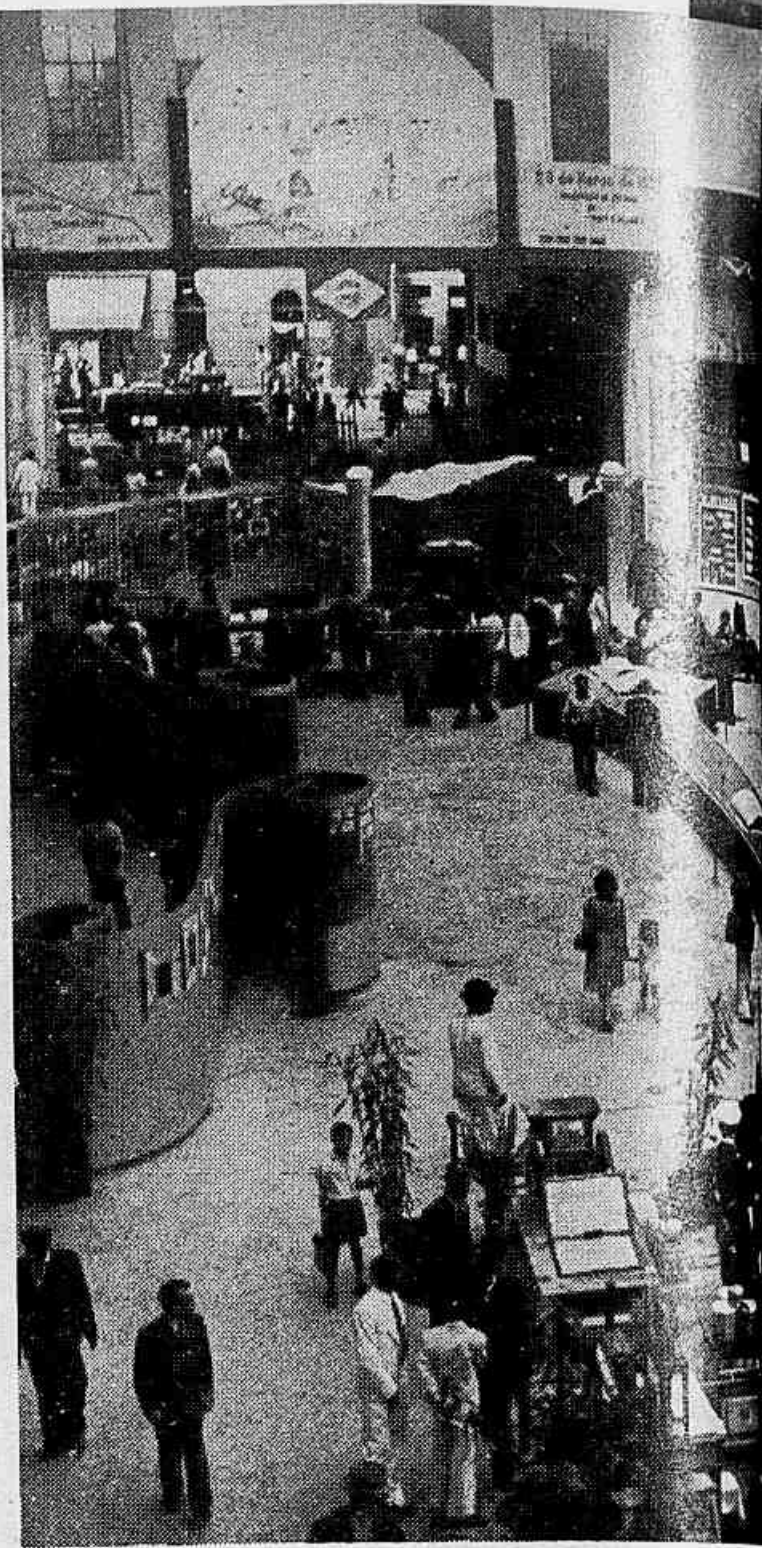
Desde 1932, Gibson abandonou o desenho a bico de pena, donde fluiu toda essa maravilhosa floração de lindas raparigas, pelo espaço de 40 anos, encanto e enlevo de duas gerações de rapazes e moças de todos os países civilizados, e se entregou à pintura a óleo, onde se tem firmado como um artista nada inferior ao antigo ilustrador de magazines da moda. Por ocasião de seu 75.º aniversário, o Museu de Arte de Cincinnati celebrou uma grande exposição de suas telas e antigos desenhos.

Durante a guerra de 14, Gibson teve ocasião de publicar também, na revista *Life* que então lhe pertencia, algumas caricaturas de grande vigor alegórico, vergastando a barbarie da Alemanha, de tal modo que o seu nome logo se equiparava, no genero, ao do famoso holandez Redmakers, autor das mais sensacionais *charges* contra os descendentes dos hunos.

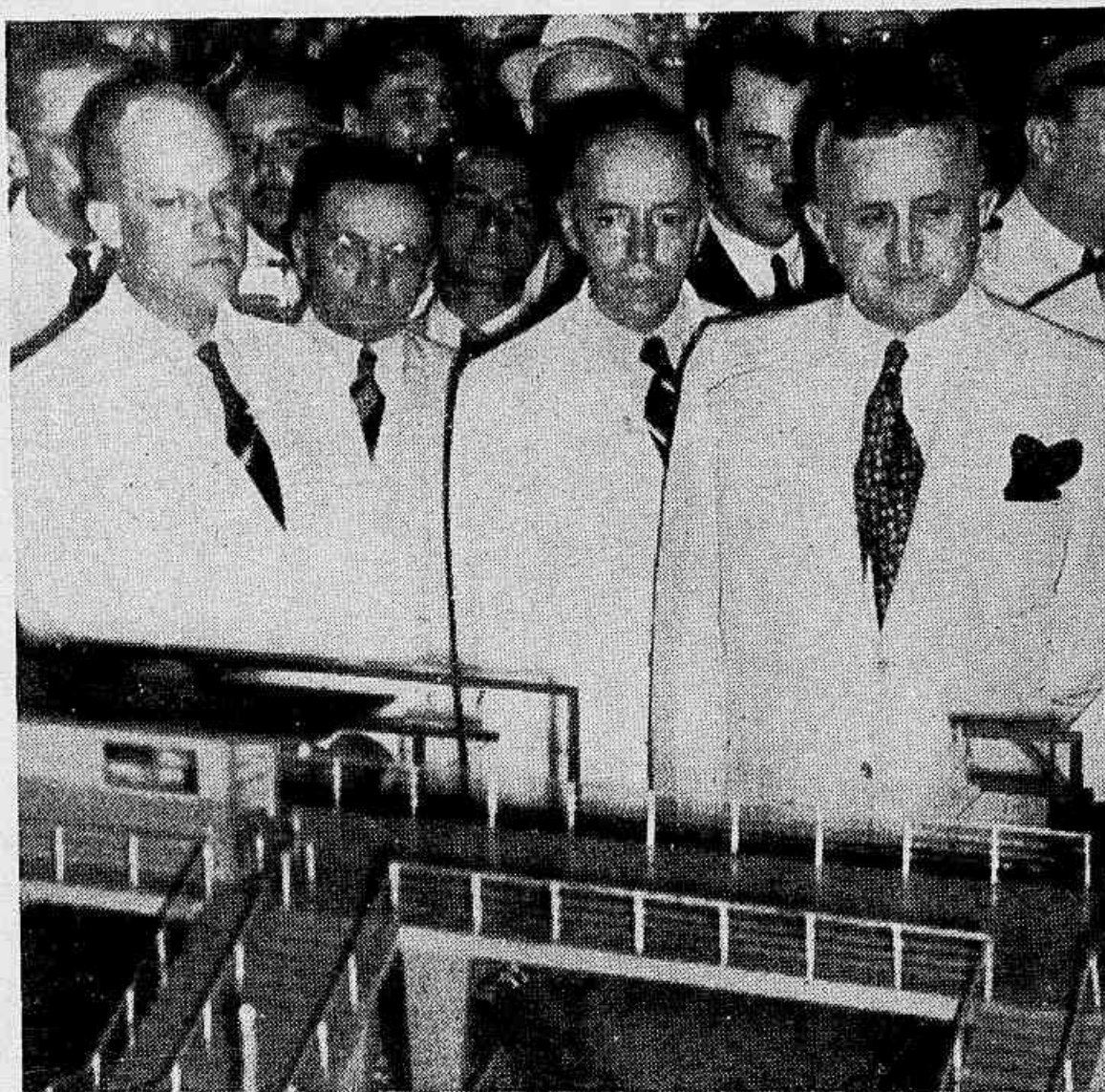
São desse grande nome da arte americana os expressivos desenhos destas paginas, que mostram, ao lado de sua mais celebrada criação, algumas dessas *charges* da guerra europeia.



Manhã de Pascoa — sob o ponto de vista do suscetível vigário da paróquia.



A EXPOSIÇÃO DA CENTRAL DO BRASIL

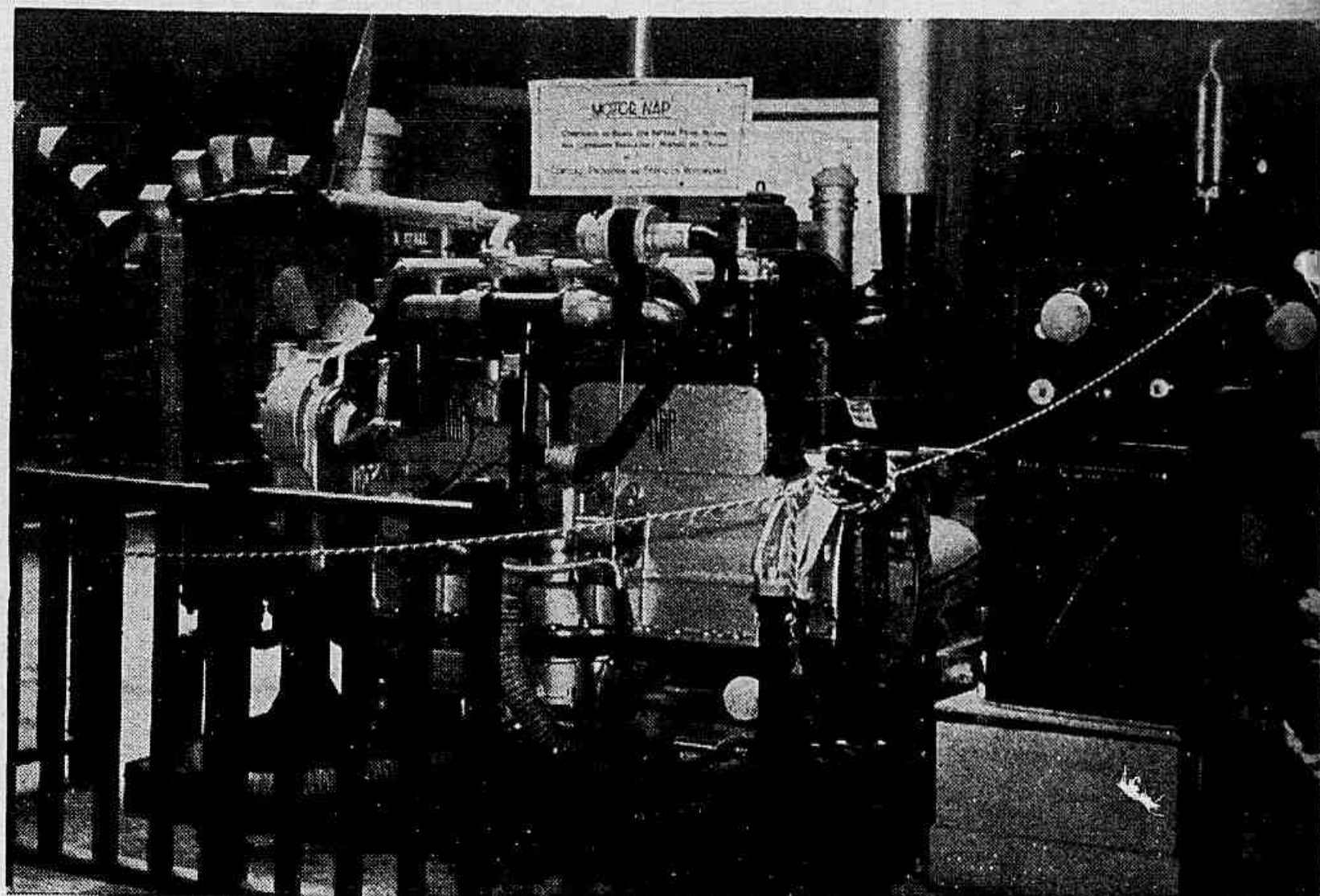


ALTAS AUTORIDADES presentes á cerimonia inaugural da exposição da Central do Brasil. Além do representante do sr. Presidente da Republica, vê-se nas gravuras acima os srs. ministros da Guerra e da Viação, prefeito do Distrito Federal, representante do sr. ministro da Fazenda e outras destacadas figuras do mundo oficial. A todos o major Alencastro Guimarães prodigalisou uma completa visita aos variados mostruários, que atestam o desenvolvimento e o progresso da nossa maior ferrovia.

INTERESSANTE GRAFICO do serviço de Turismo da Central, que, em 1942, realizou com êxito todo um programa de pitorescas e vitoriosas excursões.

GRAFICOS E PAINÉIS demonstrativos das atividades da 3.ª Divisão da Estrada, que no momento executa a formidável tarefa das variantes de Parateí e outras, que aproximarão o Rio de Minas e S. Paulo.





POSSANTE MOTOR NAP a gasôgnio, construído nos serviços motorizados da Central com matéria prima brasileira e por operários brasileiros. Como esta, figuram na exposição numerosas máquinas produzidas nas oficinas da Estrada.



A EXPOSIÇÃO da Central do Brasil teve um sentido verdadeiramente objetivo, mostrando, no original, os resultados práticos de uma louvável operosidade. Aqui vemos reproduzidos os mostruários do Serviço de Rádio e da 4.ª Divisão.

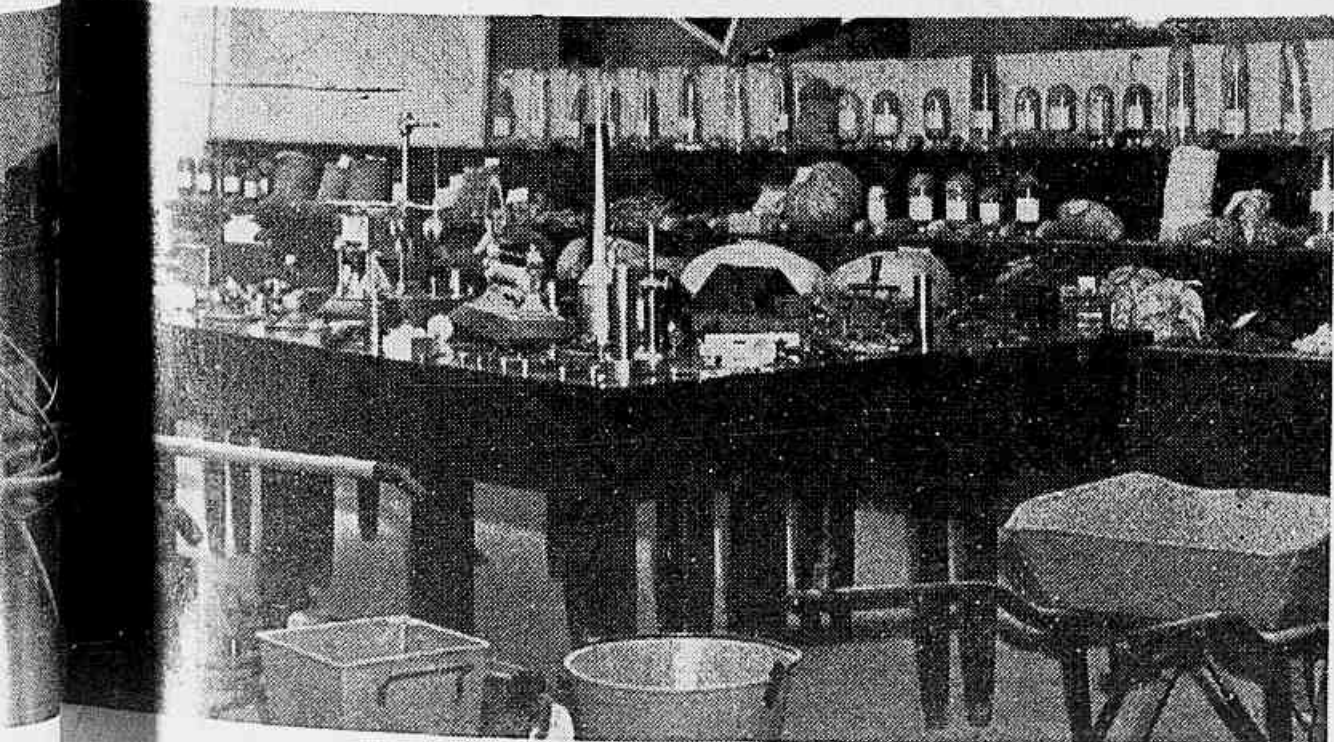
O programa comemorativo da passagem do 85.º aniversário da Central do Brasil reservou para o grande público a parte mais atraente e de maior expressão, a mais significativa e que fala mais alto da fase de renovação que atravessa a nossa principal estrada de ferro. A exposição realizada no hall do novo edifício mostra, com abundância de detalhes, o produto do trabalho realizado em todos os setores de atividade da Estrada, figurando, com destaque, as realizações levadas a efeito no período de regime autárquico em que se encontra desde há dois anos, em cujo transcurso deixou de ser deficitária para se tornar uma indústria que proporciona lucros.

Esta reportagem reproduz, em toda a sua imponência, os principais aspectos do importante certame, em conjunto e parcialmente, que despertaram viva e justa admiração.

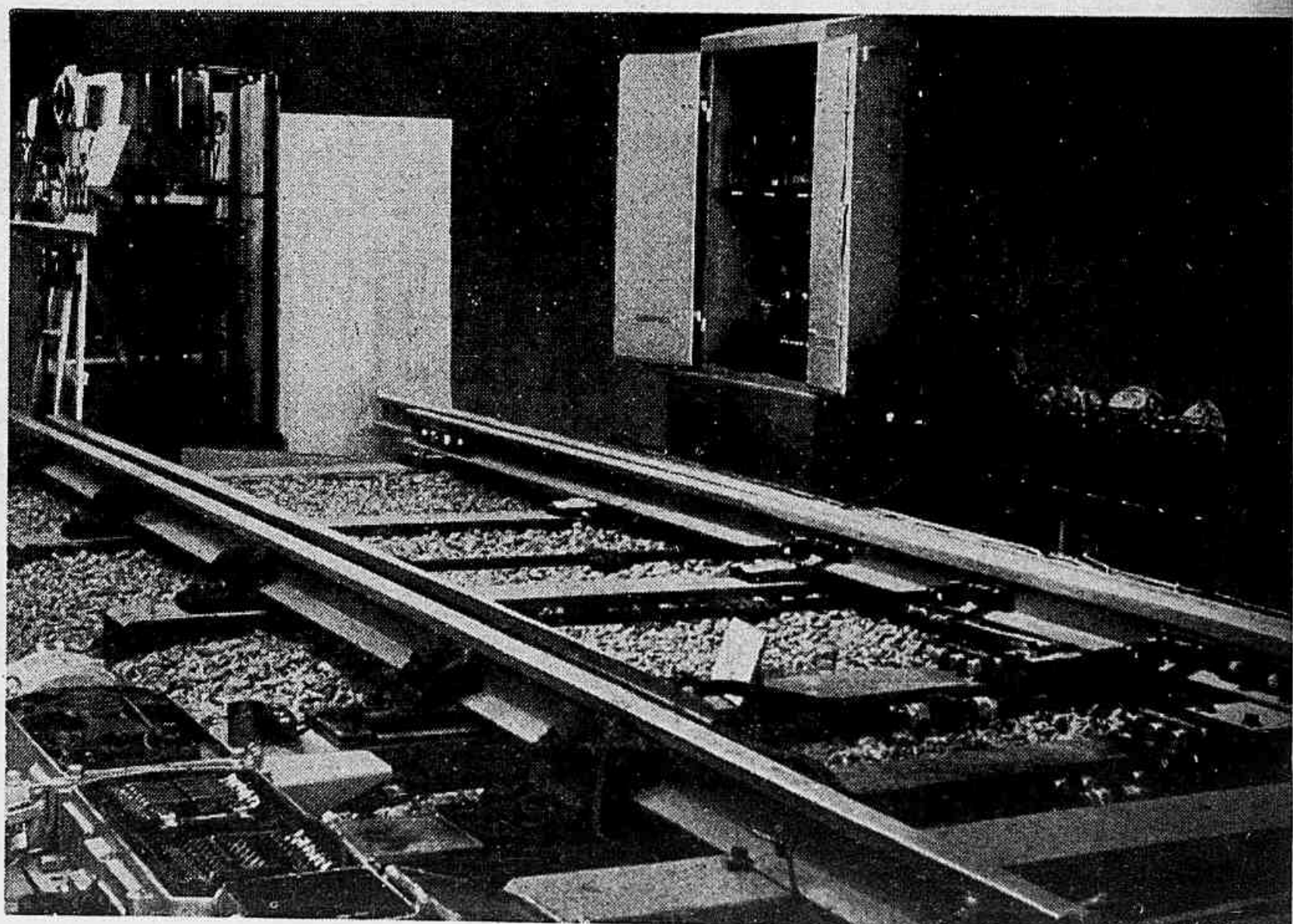
Está de parabéns o major Alencastro Guimarães, e com ele seus auxiliares imediatos, funcionalismo e operariado da Central do Brasil, por essa brilhante demonstração de trabalho e de progresso.



está sendo utilizado em larg...
central. O gráfico mostra
aproveitamento subiu a
consumo total.



ARIO da seção de operários da Divisão de Ensino e Seleção. No segundo pla-
dos produtos cultivados pelo Serviço Agrícola e de Reflorestamento, em
propriedade da Central do Brasil.



MODERNOS APARELHOS da eletrificação da Central apresentados em interessante "stand": chave, máquina de chave, caixa de locação com os retificadores e baterias, cabine, seletivo e controle de movimento de D. Pedro II a Belém e Matadouro.



1 — Em crepe romano-estampado, tem a blusa do modelo um bolero simulado com botões diferentes em cor e tamanho dos que aparecem fechando-a. Cinto de camurça. Saia em forma. 2 — Vestido em rayon branco com desenhos de flores. Original franzido no corpo. Botões de cristal. Saia franzida em forma. 3 — Costume em linho branco talhado e guarnecido com peças azues. Saia em forma.

M O D E L O S



4 — Vestido apropriado para passeios ligeiros, gênero avental. Guarnecido de *plissés*.

5 — Vestido *chemisier* em *jersey* rosa pálido. Botões em madrepérola.

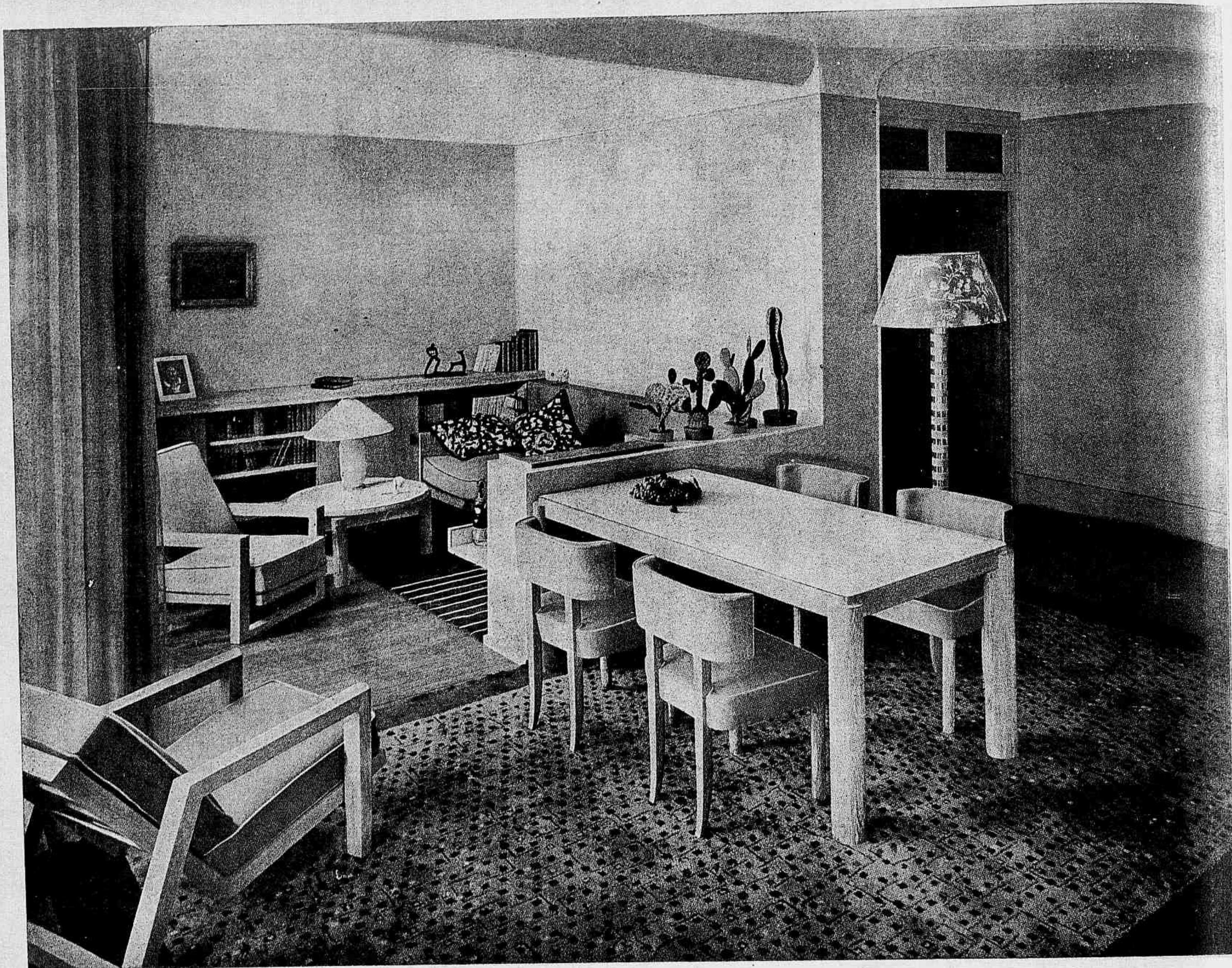
6 — Costume em *shantung sable* com leves desenhos verdes de dois tons, gola contrastante.

7 — Gracioso vestido de *foulard* vermelho com desenhos em preto e branco. Tem um aparente avental que constitui, mesmo exagerado, uma nota original. Saia com pregas de um e outro lado.



V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



O PROBLEMA DO ESPAÇO

NA exiguidade de um apartamento moderno, tudo somado andar por uns magros quarenta metros quadrados. Póde uma família viver ampla e comodamente, re-crear-se e educar o espirito?

A um decorador foi entregue a solução desse problema — capaz de atrapalhar um curioso acostumado a serviços corriqueiros — e pela fórma como aparece o "living-dining-room" póde-se avaliar como ficou o restante.

Os moveis, de uma estudada rusticidade,

proporcionam agradável ausencia de formalismo, que alegra e predispõe a um sadio bem-estar.

Mas são todos bem estofados, talvez porque o estofo obriga, insensivelmente, a ter maneiras delicadas; amplo e sólido, o conjunto dá logo á primeira vista uma idéia nitida de estabilidade e segurança, que anima e ajuda a vencer na vida.

O "bar", discretamente disfarçado na separação das duas peças, serve para identificar o dinamismo desta época movimentada.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

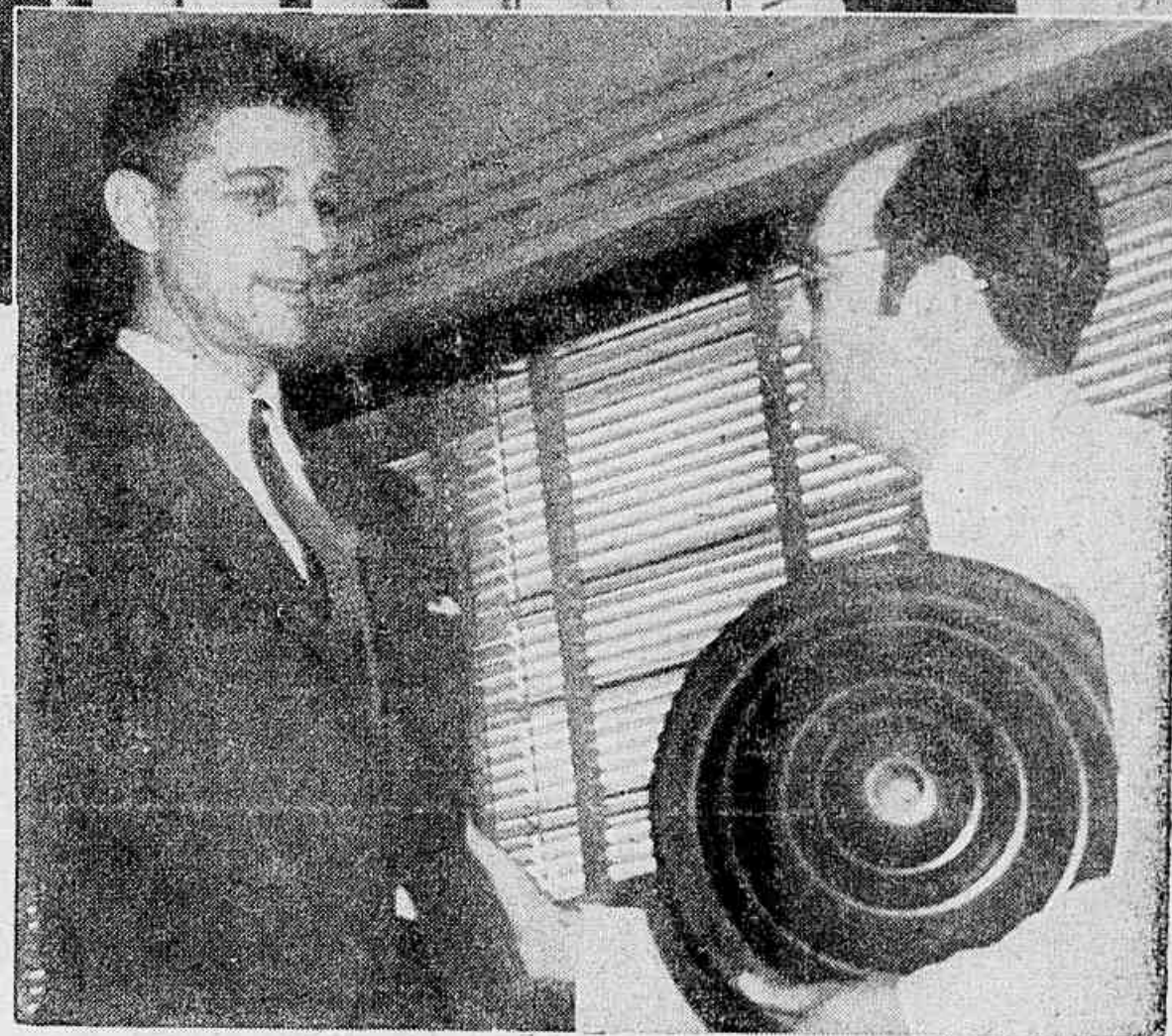
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Organização HENRIQUE LAGE



EM CIMA: O major Napoleão de Alencastro Guimarães segurando o pavilhão nacional que lhe foi oferecido pelo sr. Pedro Brando, superintendente da Organização Henrique Lage. O Diretor da E. F. C. B. está cercado de altos funcionários desta ferrovia e da Organização Henrique Lage.

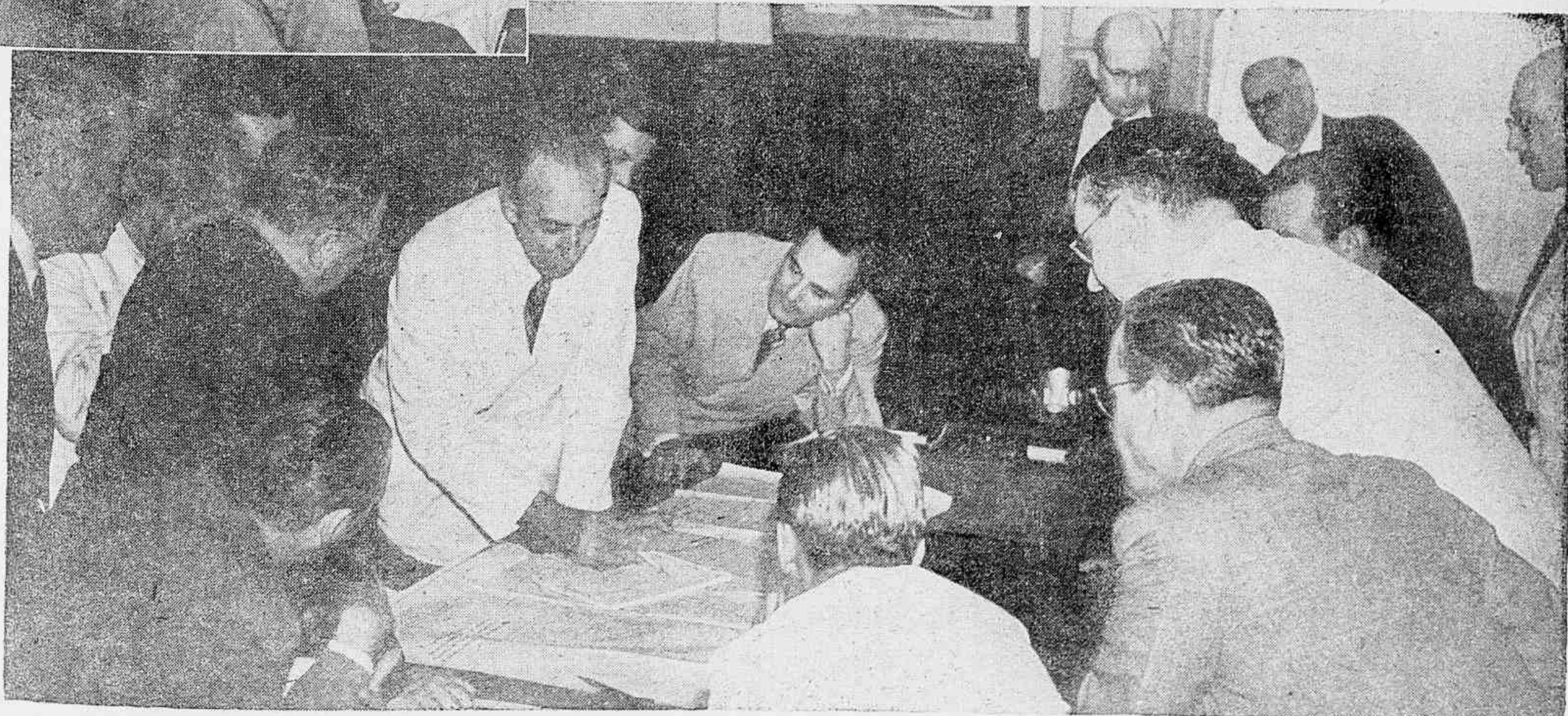


NO CENTRO, A' DIREITA: O sr. Pedro Brando, com a base da bandeira que ofereceu ao major Alencastro Guimarães por ocasião do seu aniversário, palestra com o mesmo.



NO CENTRO, A' ESQUERDA: O coordenador da Mobilização Econômica em palestra com o superintendente da Organização Henrique Lage, vendo-se acima uma fotografia da condecoração do saudoso industrial pelo Presidente Getúlio Vargas.

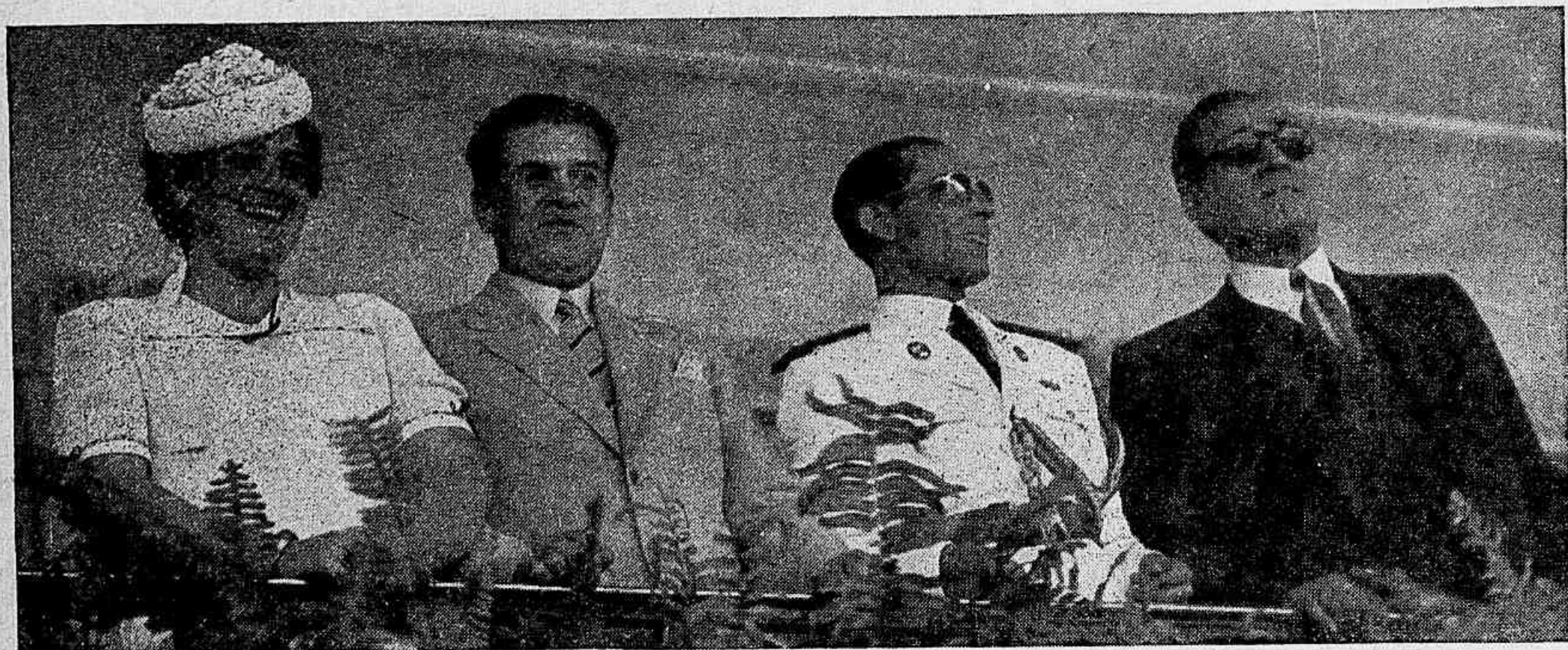
AO ENSEJO DO ANIVERSARIO NATALICIO DO MAJOR NAPOLEÃO DE ALENCASTRO GUIMARÃES, DIRETOR DA E. F. CENTRAL DO BRASIL, A ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE PRESTOU-LHE SIGNIFICATIVA HOMENAGEM, A QUAL CONSTOU DA OFERTA DE UM PAVILHÃO NACIONAL, DE SEDA. NA BASE DO NASTRO, FOI GRAVADA EM PRATA A SEGUINTE INSCRIÇÃO: "A NAPOLEÃO ALENCASTRO GUIMARÃES, GRANDE ANIMADOR DO CARVÃO DE SANTA CATARINA, HOMENAGEM DA ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE, PIONEIRA DESTA INDUSTRIA'.



O MINISTRO JOÃO ALBERTO, COORDENADOR DA MOBILIZAÇÃO ECONÔMICA, REALISOU UMA VISITA A' ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE, SENDO ALI RECEBIDO PELO SUPERINTENDENTE DA MESMA, SR. PEDRO BRANDO E ALTOS FUNCIONARIOS, NA COMPANHIA DOS QUAIS ALMOÇOOU, TROCANDO IDEIAS ACERCA DE RELEVANTES PROBLEMAS NACIONAIS, NUM AMBIENTE DE EXPRESSIVA CORDIALIDADE.

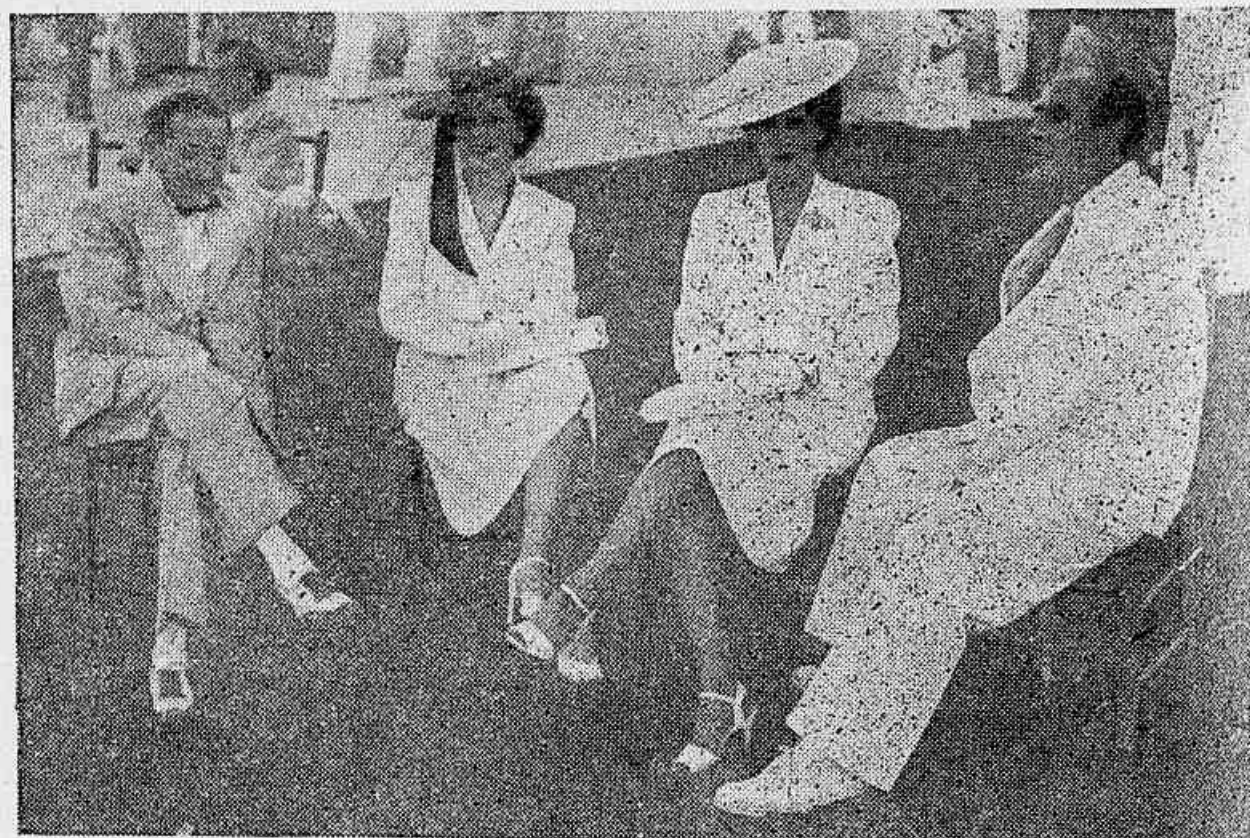
NO CLICHÉ: O ministro João Alberto, coordenador da Mobilização Econômica, emitindo sua opinião sobre o Rio São Francisco. Cercando S. Excia., ouvem-no atentamente o sr. Pedro Brando, superintendente da Organização Henrique Lage, o professor Mauricio Joppert e outros diretores da mesma Organização.

JOCKEY CLUB MUNDANO



As corridas de domingo, como sempre, levaram ao prado da Gávea os elementos mais representativos da elite carioca. A "pelouse" enfeitou-se com a graça e a elegância de numerosas "turfwomen" tendo o nosso fotógrafo conseguido apanhar ali os sugestivos instantâneos que ilustram esta página.

Antes de se iniciarem as carreiras da última reunião turfística, teve lugar no hipódromo do Jockey Clube um almoço oferecido ao Sr. Anibal Delmás, ministro da Justiça do Paraguai, ora em visita à Capital da República. Após o ágape, S. Excia., em companhia do ministro Oswaldo Aranha e de outras altas autoridades, acompanhou o desenrolar das corridas, da tribuna de honra.



Para menina

Aqui teem as leitoras, por hoje, um lindo vestidinho muito facil de confecção e no qual não gastarão muitos dias. Destina-se a uma garotinha de 2 anos o modelo que oferecemos. Ficarão lindo em rosa pálido ou em azul pastel. O material necessário consta de: 100 grs. de lã, agulha 3½ e *crochet* 3½.

PONTOS EMPREGADOS — *Ponto de arroz*: 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso, etc.; 2.ª carreira contrariar as malhas e assim por diante. *Ponto de jersey*: 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso; *ponto de trigo*: 1 carreira, 1 malha à direita, 1 malha pelo avesso; 2.ª carreira igual; 3.ª carreira contrariar as malhas; 4.ª carreira igual à 3.ª e recommear essas 4 carreiras.

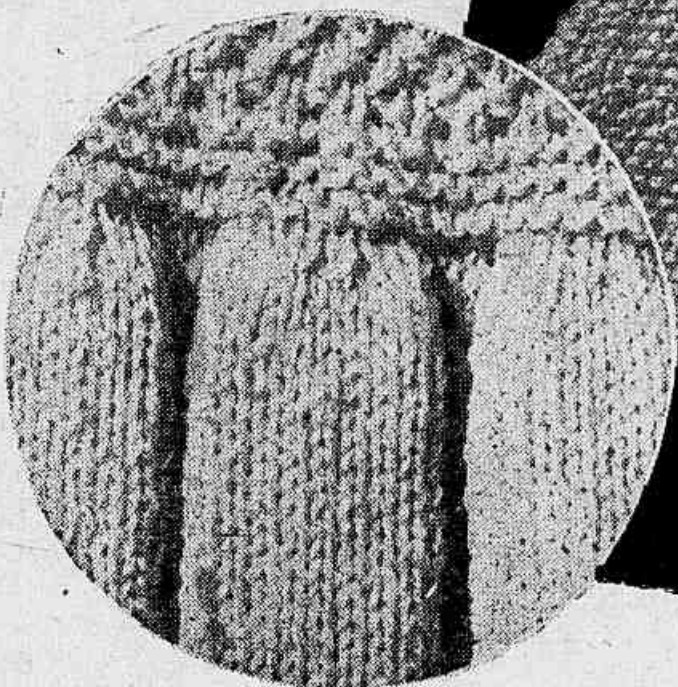
FRENTE — Tomar 104 malhas, tricotar 16 carreiras com ponto de arroz. Na 17.ª carreira: 17 malhas em ponto de arroz, 10 malhas pelo direito, 5 malhas em ponto de arroz, 10 malhas pelo direito, 5 malhas em ponto de arroz; 10 malhas pelo direito e 5 malhas em ponto de arroz, 10 malhas pelo direito e 5 malhas em ponto de arroz, 10 malhas pelo direito e 5 malhas em ponto de arroz; 10 malhas pelo direito e 17 malhas pelo ponto de arroz.

Na 18.ª carreira: 17 malhas em ponto de arroz, 10 malhas pelo avesso e 5 malhas em ponto de arroz, 10 malhas pelo avesso e 5 malhas em ponto de arroz, 10 malhas pelo avesso e 5 malhas em ponto de arroz, 10 malhas pelo avesso e 5 malhas em ponto de arroz; 17 malhas em ponto de arroz.

Repetir essas duas carreiras durante 22 centímetros. Nesse momento, fazer uma carreira no direito, assim: 2 malhas juntas, 2 malhas juntas, 1 malha, 2 malhas juntas, 2 malhas juntas, 1 malha; etc., até ficar somente com 60 malhas na agulha. Faz-se depois 5 carreiras no direito de *ponto de musgo*.

A pala é feita com *ponto de trigo*. Tricotar 16 carreiras. Começar as mangas e arredondar a gola. Fechar 2 malhas, trabalhar 27 malhas e fechar duas, fazer 27 malhas e tricotar sobre essas ultimas 27 malhas, continuando a diminuir do lado da gola 1 malha no fim de cada carreira até que não reste mais que 15 malhas; continua-se a tricotar.

Quando a pala tiver 12 centímetros de alto fechar. Tomar as outras 27 malhas que ficaram e fazer o segundo ombro igual ao primeiro.



CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

COSTAS — Reunir os pedaços com uma costura até em baixo do braço. Contornar golas e mangas com um ponto de *crochet*. Fechar nos ombros com botões pequeninos.

Seus pratos
**SERÃO APROVADOS
POR TODOS...**

...si preparados com
a saborosa Maizena
Duryea. Sopas, pudins e
demais pratos preparam-se
facilmente com Maizena Duryea
e ficam mais sabo-
rosos e altamente
nutritivos.



LTD. 40 A VENDA EM TODA PARTE



A arte
de pintar cabelos

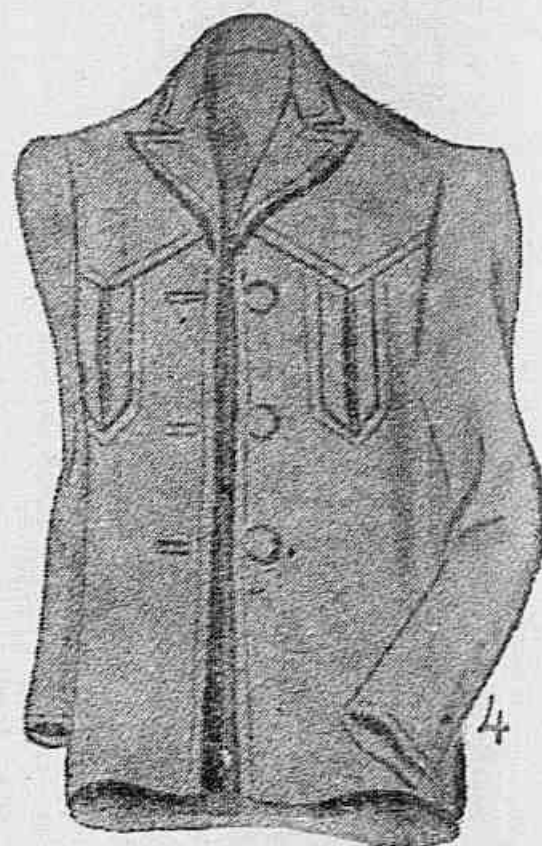
Este livro util para todas as
senhoras é oferecido pela

**TINTURA
FLEURY**

O rejuvenescedor dos cabelos

Solicitem-no à Rua 7 de Setembro, 40 sob. - Rio de Janeiro





Em Voga

1—Blusa com rico estampado de heliantos.

2—Blusa com salpicos azuis ou vermelhos sobre fundo branco.

3—Blusa de seda leve branca, toda bordada com caseados de seda e preguinhas formando palas. Botões de pérola.

4—Jaqueta bege em laninha leve

ou seda. Pregas, bolsos largos com pespontos em volta.

6—Blusa de rayon branco; trabalho em pesponto, botões madreperla.

7—Lindo imprimé em ouro, verde e preto sobre fundo branco.

8—Em rayon branco.

9—Graciosa jaqueta meia estação, em seda quadriculada de vários tons.

A MAIS BELA MOLDURA PARA UM ROSTO DE MULHER

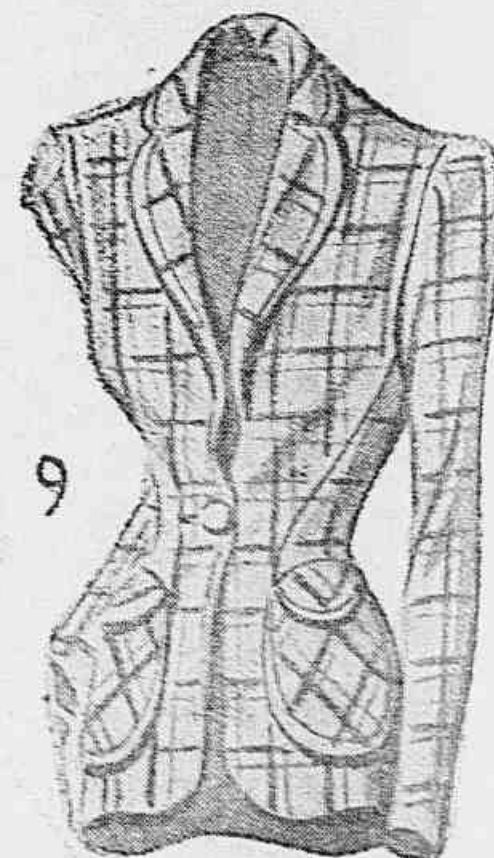


De fato, além de ser o mais natural, o penteado é o adorno mais agradável que a mulher pode ostentar. Mas para mantê-lo sem empastar os cabelos, protegendo-os desde a raiz e tornando-os sodosos e macios, é necessário usar um óleo puro e cientificamente preparado como o Óleo de Lima, isento de goma e gordura.



OLEO DE LIMA

FIXA O CABELO SEM EMPASTAR



Não adianta castigar o estômago com purgantes, quando ele precisa de um corretivo que normalize a digestão. Tenha sempre à mão Fostex, que não contém causticos nem laxantes. Combate azidez • Absorve a fermentação • Elimina gases • Estimula a função biliar • Auxilia o tratamento das úlceras.

COMPRIMIDOS
FOSTEX
Fábrica de Farmacos e Químicos

Uma liseuse para verão e inverno



Esta liseuse pode ser feita em lan zefir rosa pálido ou em linha. Muito facil de ser executada.

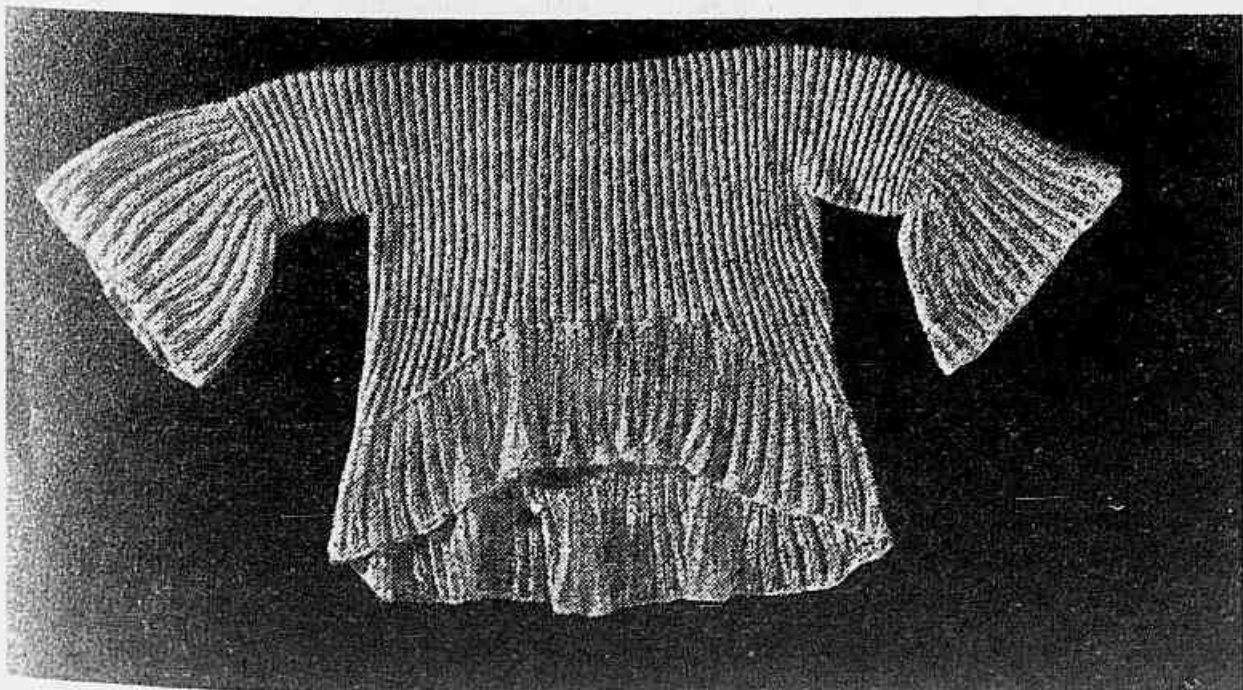
Material: — 200 grs. de lan rosa; 2 agulhas de 3 mm. de diametro para dar com o trabalho pronto 26 m. por 10 de largura e 38 carreiras por 10 de alto; 2 agulhas medindo 6 mm. de diametro para dar com o mesmo ponto 16 mm. por 10 de largura e 20 carreiras por 10 centímetros de altura.

Pontos empregados: — Ponto de côtes 2 e 2 que se executa assim x 2 malhas direito, 2 malhas avesso x.

O trabalho é feito como um quimono e começado em baixo, nas costas. Com as agulhas de 6 mm. fazer 164 malhas; tricotar 14 malhas, tomar as agulhas de 3 mm. tricotar 34 cm.; acrescentar de cada lado, para as mangas, 40 malhas, ao todo 244 malhas. Tricotar 26 centímetros, tirar de cada lado 40 malhas, tricotar 10 cent. sobre 64 restantes e diminuir no meio 56 malhas. Ficam então 54 malhas em cada agulha; deixa-las de lado á esquerda, terminar o lado direito do trabalho, diminuindo de 2 em 2 carreiras (lado do meio do trabalho) 15 vezes 2 malhas e 8 vezes 3 malhas; tomar as malhas que ficaram de lado esperando e terminar esse lado igual ao outro.

Fazer com agulhas de 66 mm. 164 malhas sobre as malhas tiradas, tricotar 12 cent. e diminuir em todas as malhas com ponto frouxo. Fazer 100 malhas em baixo de cada manga, tricotar 17 malhas e diminuir.

Com uma agulha de lan reunir as costuras em baixo do braço com um ponto de cerrar. Esta liseuse admite um leve forro de seda do mesmo tom da lan.



"O PERFEITO MAQUILLAGE",
começa com a

BASE CIDADE
E CAMPO

de



Helena Rubinstein

QUE dá ao seu pó de arroz uma aparência suave de pérola.

Base para Maquillage "Cidade e Campo" protege sua cutis e conserva o maquillage perfeito e inalterável horas seguidas...

As linhas diminutas e as imperfeições desaparecem e a pele torna-se mais aveludada. Examine os seus delicados tons na

PARC AVENIDA

Av. Atlantica, 766

PARC ROYAL

Rua Ramalho Ortigão, 33

VICENTE & GEORGETTE

Av. Copacabana, 620

Conhecimentos uteis

Para tirar manchas de óleo:

Em tecidos de algodão ou de linho: — Quando as manchas resistem á lavagem deve-se esfregar a mancha com toucinho, deixando-o sobre ela por algum tempo, com um pouco de sabão desmanchado. Lavar depois com água quente. Não cedendo, recommear o mesmo tratamento; em tecidos de lan branca pode-se fazer o mesmo, lavando depois com água tépida, apenas.

Em tecidos de côr em seda, lan, algodão: — Esfregar a mancha com agua amoniacal. Colocar por cima magnesia em pó. Esfregar com os dedos para penetrar bem e depois deixar secar. Sacudir depois ou passar uma escova.

Em tecido de seda delicada: — Empregar mistura em peso igual de terebintina, e essencia de limão. A mistura é aplicada com algodão.

Em qualquer mancha antiga e já seca: — Empregar tetracloreto de carbono. Esse produto é um ativo dissolvente de óleos.

Em tapete de juta: — Empregar sobre a mancha e deixar durante horas uma pasta de magnesia dissolvida em essencia, ou então gema de ovo deixando ficar até que seque. Tira-se depois com uma escova e lava-se com água tépida.

Em papel pintado: — Esfregar levemente com essencia se o papel for de qualidade que a suporte, o que se experimenta num ponto que não pareça. Aplicar um ferro quente interpondo folhas de papel chupão, que é renovado á medida que for tirando o óleo. As manchas muito antigas resistem muita vez a qualquer tratamento.

Sobre mármore: — Aplicar essencia ou terebintina; não dando resultado aplicar pasta de magnesia feita com essencia.

Em madeira envernizada: — Aplicar essencia de terebintina e salpicar com talco. Aproximar dessa aplicação, mas sem tocar, um ferro quente. Tirar o pó que absorveu o óleo. Recomeçar e por fim encerar.



Para Jovens

Ilustram esta página — modelos vindos da América do Norte, modelos em que seria difícil destacar os mais belos.

São apropriados para moças — e assim a maior graça está nos manequins... Tecidos em que predominam o "rayon", o linho, o "crêpon". As estamparias são todas do mais fino gosto, de grande originalidade, o que serve de reclamo para os desenhistas das grandes fábricas.

Vemos em cores designações como estas: amarelo-La Paz, vermelho - Inca, azul - Quito, verde jungla do Amazonas, rosa Brasil, marron Haiti...

E a par de tudo isso — estas jovens americanas frescas, rissonhas... Que mais de-sejar em modelos?



SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNÉIA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.

NÃO SOFRA
POR GÔSTO...



A Senhora pode aliviar os males próprios de seu sexo, usando

REGULADOR SIAN

Indicado nas dismenorréas



BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ

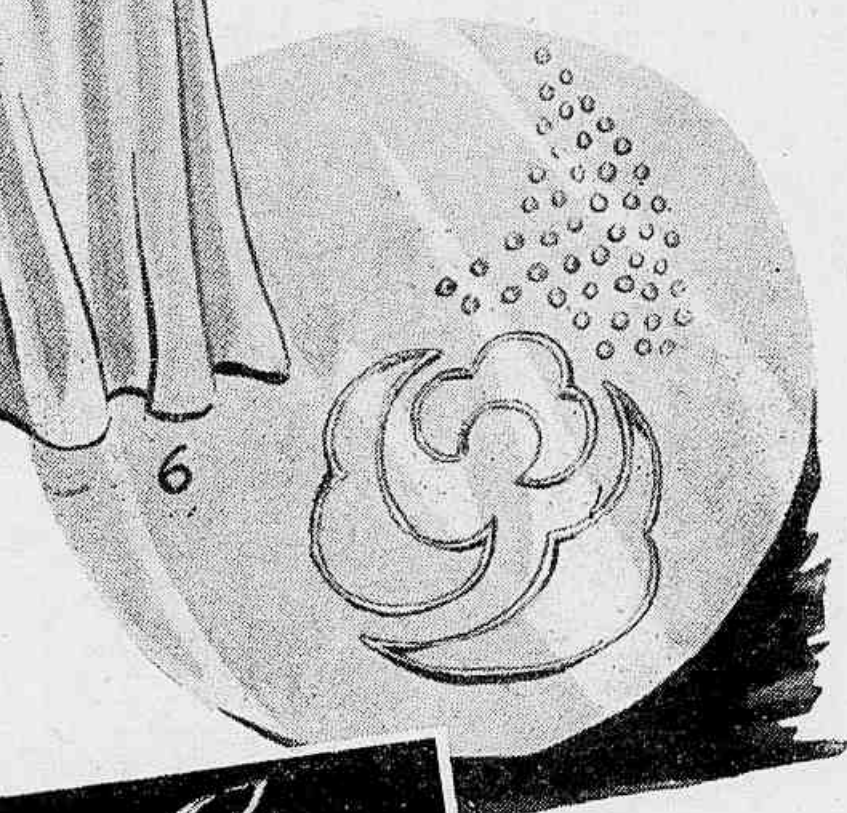
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS

Feco enviar-me prospectos:

NOME _____
ENDEREÇO _____



Guarnição em crepe fosco trabalhado com ninho de abêlha. Motivos bordados. Bolso aplicado. Laço na cintura.



Guarnição de crepe da China com incrustações de finas rendas. Gola e cinto franzidos.



"Liseuse" em crepe fosco e brilhante, formando contraste.

JÁ NOTOU COMO É AVELUDADO O BATON MICHEL?

pergunta
GEORGETTE MICHEL
da Michel Cosmetics, Inc.,
de New York



Este baton dá aos seus lábios tudo quanto possa desejar: suavidade, proteção e beleza. Não se surpreenda, portanto, se, depois de poucas aplicações do Baton Michel, seus lábios adquirirem a suavidade e a delicadeza dos lábios infantis.

O aveludado do Baton Michel deve-se ao emprego de óleos preciosos, dosados numa incomparável fórmula científica, o que faz do Michel o baton mais permanente de quantos já lhe tenha sido dado experimentar.

Comece, hoje mesmo, a dar proteção e beleza a seus lábios, com o Baton Michel, que oferece à sua escolha, numa ampla escala de tons, aquele que maior encanto dará aos seus lábios.



10 SEDUTORAS TONALIDADES:
AMARANTH - VIVID - CHERRY
BLONDE - BRUNETTE - RASPBERRY - SCARLET - CYCLAMEN
CAPUCINE - AMAPOLA

Quatro tamanhos: De Luxe Grande — Popular — Pequeno

Em guarda! Para proteção da beleza!
Para proteção do nosso hemisfério!

BATON Michel

MICHEL COSMETICS, INC., NEW YORK

Lingerie

elegante



Guarnição de crepe fosco ornado com recortes caseados e fita preta de veludo passada.

VARIE- DADE



T. TARQUINO

aso NA CABEÇA

20 ANOS MENOS

NA APARÊNCIA

aso

SEM PINTAR DEVOLVE

AOS CABELOS BRANCOS

A CÔR NATURAL.

T. TARQUINO

À VENDA EM TODO O BRASIL

Peçam prospectos grátis aos LABORATORIOS ASO - R. Domingos Ferreira, 92 - RIO

Ao oferecer às leitoras vários modelos de aventais, observarei quanto estão em atualidade — pela contingência do momento, que obriga a mulher a trabalhos de toda espécie.

Chamarei também a atenção para a predominância de estrelas e listras — que lembram o país amigo.

Usar a pasta S. S.
White é saber
dar preferência
ao dentífrico mais
completo para hi-
giene e conserva-
ção dos dentes.



Na página ao
lado temos
uma varieda-
de infinita de
sugestões, e
isso fará que
as mães
sintam ao
aprecia-los
l'embarras du
choix...

M.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

A PRECIOSA ABOBORA

Pertence a abobora á numerosa familia das cucurbitaceas. Serve como fruto de mesa e como legume, tendo dessa maneira enorme uso no país.

Pode a abobora ser consumida — verde ou madura. Torna-se, assim, dois alimentos inteiramente distintos pelo aspecto, sabor e qualidades nutritivas. E' no primeiro caso um legume aquoso, no segundo comparavel aos feculentos. Contem, neste segundo caso, — dizem analises — amido, proteina, fibras, cinza, materias graxas. E' refrescante, emoliente, e, entre várias qualidades medicinais, dizem ser util aos que sofrem do estomago, intestinos, etc...

A abobora verde é utilizada em delicados pratos, assim também os brótos... Quanto á flor é medicinal, em larga applicação. Das sementes fazem as *ménagères* entendidas em arte aplicada lindas flores e pequeninas prendas.

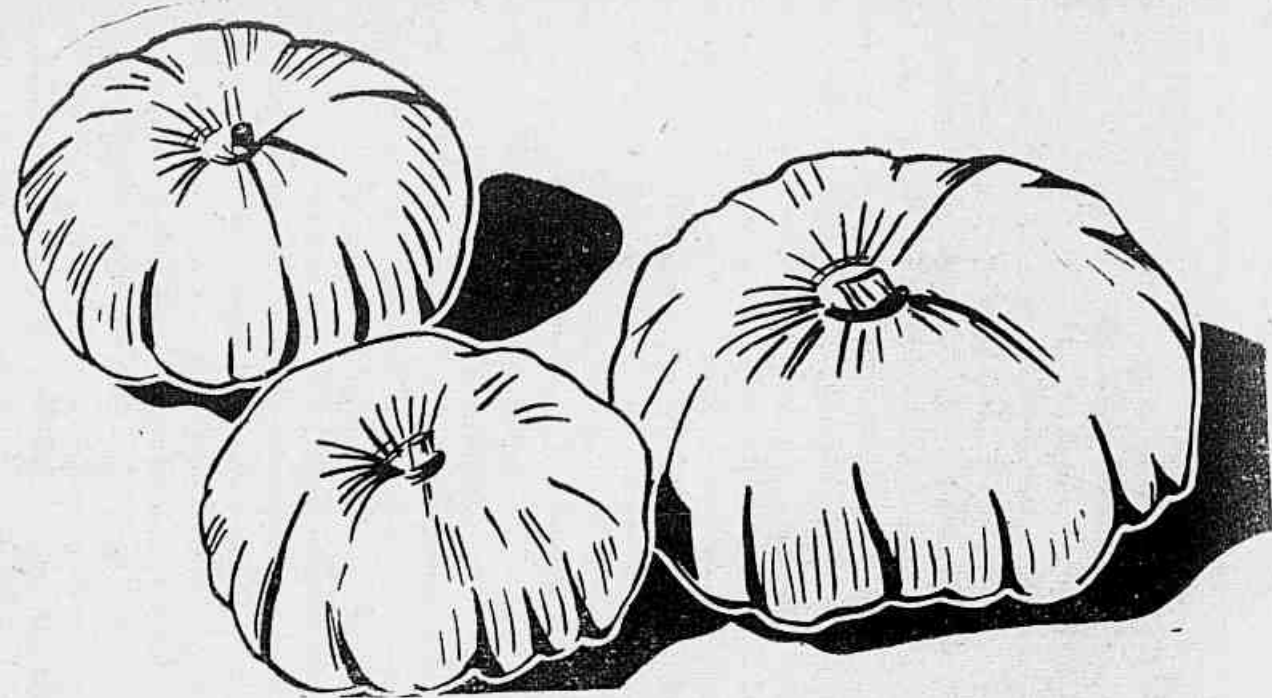
A abobora surge em nosso mercado por elevado preço, é vendida em fatias... no entanto quão facil de cultivo, quão compensadora a magnifica fruta-legume para os que lhe dispensam um pouco de carinhoso trato...

Que vantagens não estarão reservadas pela abobora ás prometidas hortas da Vitória!

Aqui teem as leitoras uma série de receitas, colhidas a esmo, entre muitas que figuram em bela publicação francesa.

Em pratos salgados temos:

Sopa á moda da Normandia: — Abobora 500 grs., leite 1 litro; arroz 60 grs.; tempe-



ros á vontade. Cozinha-se a abobora em pedaços, com um copo d'água, passa-se 'em espremedor, junta-se á massa o leite e o arroz. Deixa-se cozinhar algum tempo. Conforme o paladar, pode-se juntar ao servir um pouco de açúcar e fatias de pão fritas em manteiga.

Purê: — Cozinha-se certa quantida de abobora e junta-se quantidade igual de batatas cozidas, tomates. 1 colher de manteiga, um pouco de pão amolecido em leite. Leva-se ao forno em forma pirex e depois serve-se enquanto quente.

Gratin de abobora: — Cozinha-se em água com sal pedaços de abobora. Prepara-se em separado um molho branco. Passa-se manteiga num prato que vá ao forno, coloca-se a abobora, cobre-se com o molho e leva-se ao forno para dourar, servindo bem quente.

O molho branco pode ser substituido por queijo parmesão, o que dá igual resultado em sabor.

Torta: — Toma-se pedaços de abobora e cozinha-se com água e sal. Prepara-se um molho a bechamel com leite, um pouco de pimenta do reino e queijo parmesão. Mistura-se tudo e coloca-se numa torta feita com massa leve. Forno regular. Esta torta é servida em pratos aquecidos.

Sopa á brasileira: — Cozinha-se pedaços de abobora em pouca água levemente salgada. Escorre-se. Prepara-se em separado um molho feito com farinha de trigo dourada com um pouco de manteiga. Junta-se um pouco d'água. Leva-se ao fogo. Junta-se caldo de carne. Tempera-se á vontade. Serve-se com finas torradas e queijo ralado, em pratos aquecidos.

A abobora moranga é muito saborosa quando cozida simplesmente (retirando-se apenas os caroços deixando-se o fruto inteiro) para servir com creme e açúcar.

Doce de abobora: — Abobora moranga 500 grs., açúcar 750 grs., um pouco de canela em pó. A abobora é cozida em água simples, escorrida e depois vai ao fogo para dar o ponto. Pode-se substituir a canela por outra essencia como a baunilha.

Creme de abobora: — A 500 grs. de abobora cozida em água e sal e passada por peneira junta-se igual peso de açúcar e 3 gemas. Ao retirar do fogo junta-se leite de um côco levemente perfumado com baunilha. Este creme é servido em taças com creme de Chantilly.

Cabelos de anjo: — Parte-se em quatro uma abobora grande, retira-se as "tripas" e as sementes com um garfo apropriado, para não alcançar a casca. Pesa-se depois meio quilo desses fios. Faz-se uma calda com 350 grs. de açúcar. Quando estiver grossa a calda, retira-se do fogo deixa-se arrefecer e junta-se os "fios" ou tripas. Mexe-se com muito cuidado para não quebrar os fios. Essencia á vontade. Este doce é sobremodo delicado. Há quem misture gemas de ovos antes de retirar do fogo; esse modo de preparar dá a ilusão de verdadeiros "fios de ovos".

Doces do norte: — Açúcar cristal 500 grs., castanhas do Pará 250 grs., 10 gemas, 5 claras, 250 grs. de abobora moranga. Faz-se a calda grossa, junta-se a abobora cozida (sem água nenhuma) as castanhas raladas, as gemas, as claras batidas. Com a massa se enchem forminhas untadas de manteiga que vão ao forno para dourar.

Cocadas em mistura: — 500 gramas de abobora cozida e sem água, 500 gramas de açúcar em calda grossa, 1 coco ralado. Mistura-se tudo e dá-se o ponto para cortar.

Doce surpresa: — Faz-se um creme de abobora bem açúcarado. Deita-se num prato pirex. Cobre-se com um pouco de caramelo. No momento de servir põe-se um pouco de rum em torno e queima-se. Fica também delicado pôr uma certa porção de açúcar sobre o caramelo bem endurecido e queimar só em certos pontos com um ferro apropriado.

Maravilha: — Cozinha-se certa porção de abobora em água com sal. Escorre-se, passa-se em espremedor, retira-se 1 chicara da massa, junta-se 1 colher de manteiga, 2 colheres de maizena ou de farinha de trigo, um pouco de baunilha. Junta-se tudo a 200 grs. de açúcar com que foram batidas 5 gemas. Leva-se ao forno em fôrma untada com manteiga ou caramelizada.

RECEITAS DIVERSAS:

Bonbons de hortelã: — Bate-se bem 1 clara, junta-se algumas gotas de essencia de hortelã e açúcar bastante para formar massa (regula 150 a 200 grs. de açúcar). Forma-se pequenas perolas que são achatadas com uma moeda. Deixa-se secar algum tempo, ao ar livre.

Ameixas ou tamaras recheadas: — Cozinha-se umas 15 frutas em banho-maria para retirar bem os caroços. Prepara-se o recheio: 1 colherinha de limão cristalizado, 20 grs. de castanha do Pará, 20 de figos secos. Passa-se tudo á maquina, misturando e se ficar muito seco junta-se algumas gotas de caldo de laranja. Recheia-se as ameixas com essa mistura e passa-se depois em açúcar cristal.

Fondants: — 200 grs. de açúcar, 1 colher de chá de manteiga, 3 a 4 colheres de caldo de laranja. Misturar bem com uma colher juntando desde que seja necessario um pouco mais de açúcar ou de caldo. Forma-se os bonbons pondo sobre eles um pedaço de amendoa, ou uma passa.

MISS CAKE

NENHUMA
SUBSTÂNCIA
IRRITANTE
OU RASPANTE



... NESTE EXCELENTE DENTIFRÍCIO

ESTA é a primeira pergunta que deve fazer a respeito de um dentifício: «É puro — «é seguro?» Se usar Creme Dental Squibb, a resposta categórica será: «Sim!» porque foi preparado com a cooperação de odontólogos para proporcionar o mais eficaz colaborador doméstico dos cuidados profissionais do dentista. O Creme Dental Squibb é produto de Laboratórios que há mais de três quartos de século se dedicam á fabricação de finíssimos preparados. Sua qualidade jamais varia. O Creme Dental Squibb deve passar por

mais de 100 rigorosas provas de pureza, antes de ser entregue ao consumo. Não contém, positivamente, nenhuma substância que possa arranhar o esmalte ou irritar as gengivas. Outro detalhe importante — o Creme Dental Squibb é feito com um *anti-ácido* comprovado — Leite de Magnésia Squibb. Há outras razões. Seu sabor é delicioso! Que admiravel sensação de frescor deixa na boca e como purifica o hálito! Decida agora mesmo usar este puríssimo dentifício. Convença a sua família a usá-lo também!

Creme Dental Squibb

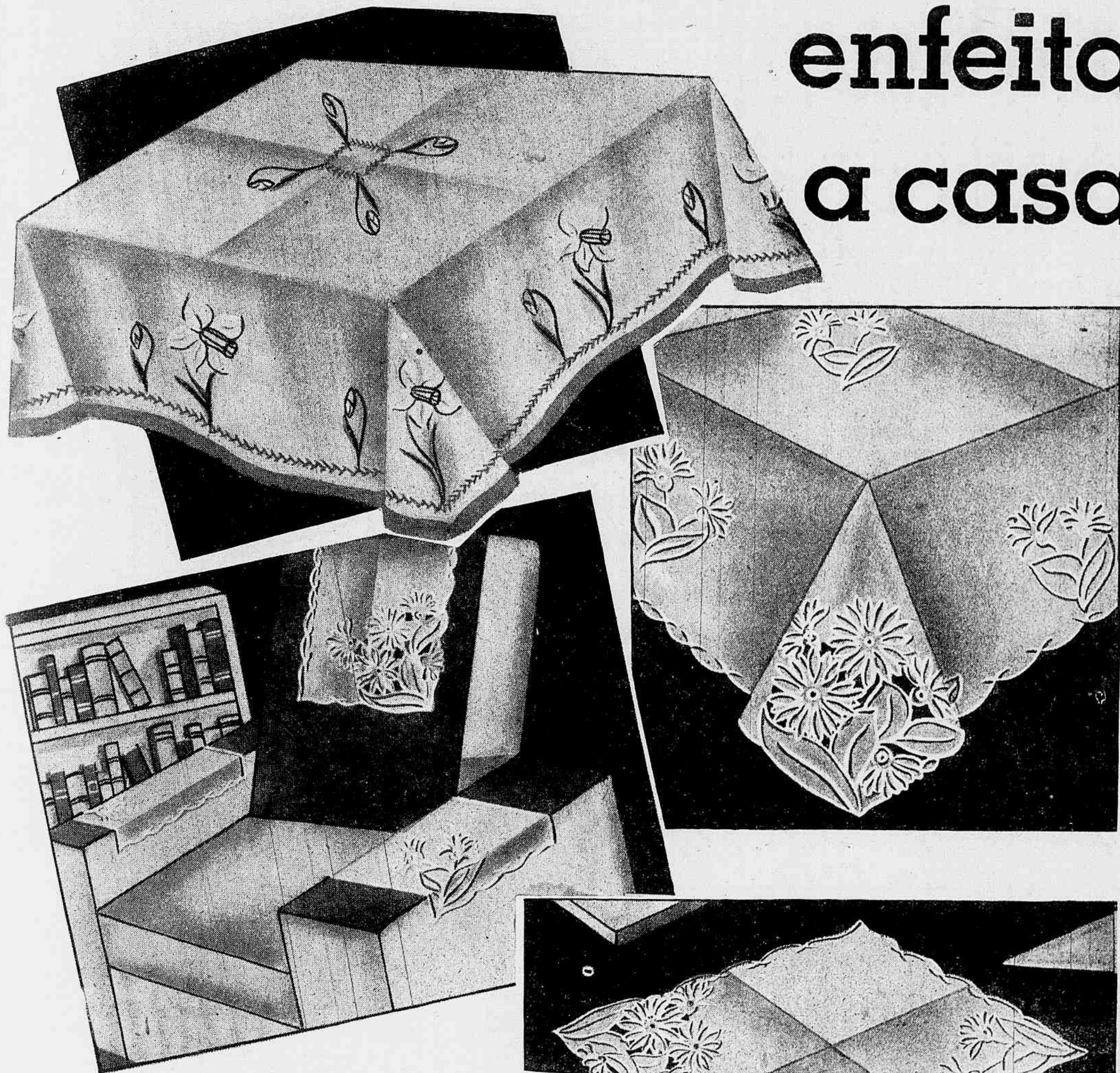
253

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios de mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



O Lar • O bordado enfeita a casa



MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

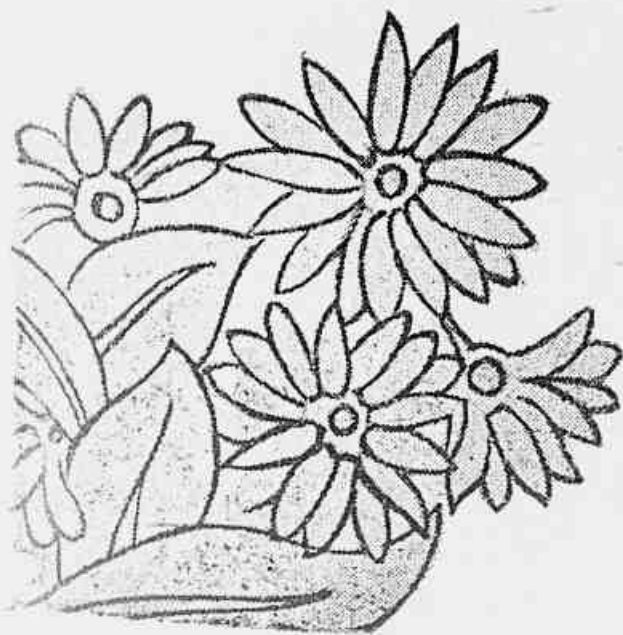
Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretenda adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica; com facilidade, em certos casos, de pagamento.

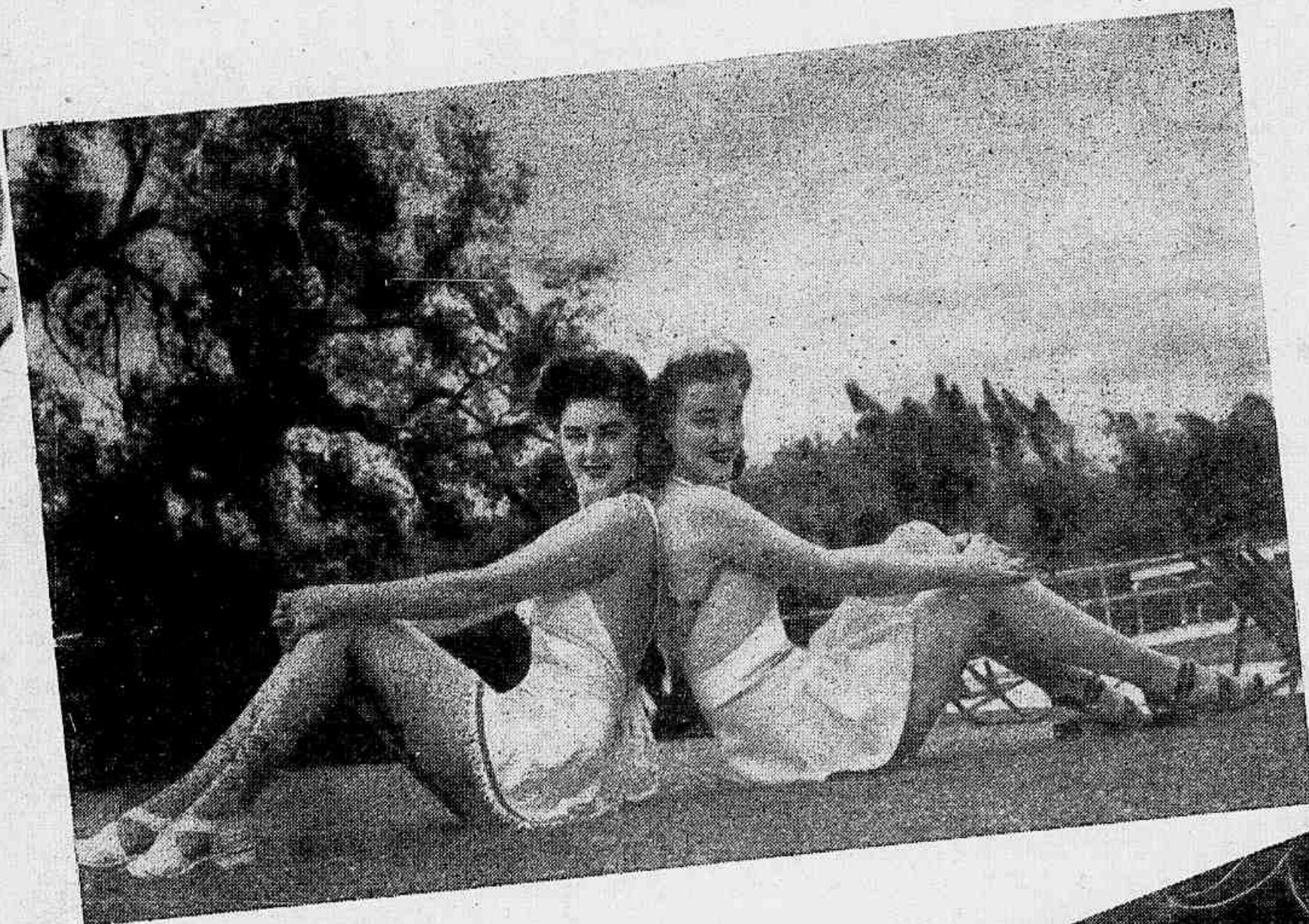
O bordado concorre muita vez para embelezar um interior mais que moveis, ornatos de alto preço, porque traduz diretamente o gosto e o interesse da *ménagère* pelo meio em que vive... Não é preciso que seja complicado, um trabalho que se preste como o de Penelope para ser desfeito e levar anos para ser feito... basta ser vistoso e original. Na serie que a REVISTA DA SEMANA tem dado com o empenho de variar, merecem destaque estes feitos em côr, atualmente tão em voga.

Temos, nesta página, um motivo de margaridas para ser executado em linho azul forte e em ponto de caseado com linha mercerizada. Depois de feito o bordado é recortado para ficar em aberto, o que o torna muito delicado.

Temos ainda uma toalha para mesa e um guardanapo com aplicação de lirios. As flores devem ser em côr de laranja, vermelho, roxo, rosa; o tecido da toalha e guardanapo — linho azul vivo ou *beige*, sendo este último tom muito indicado para fazer realçar o trabalho.



PARA A PRAIA



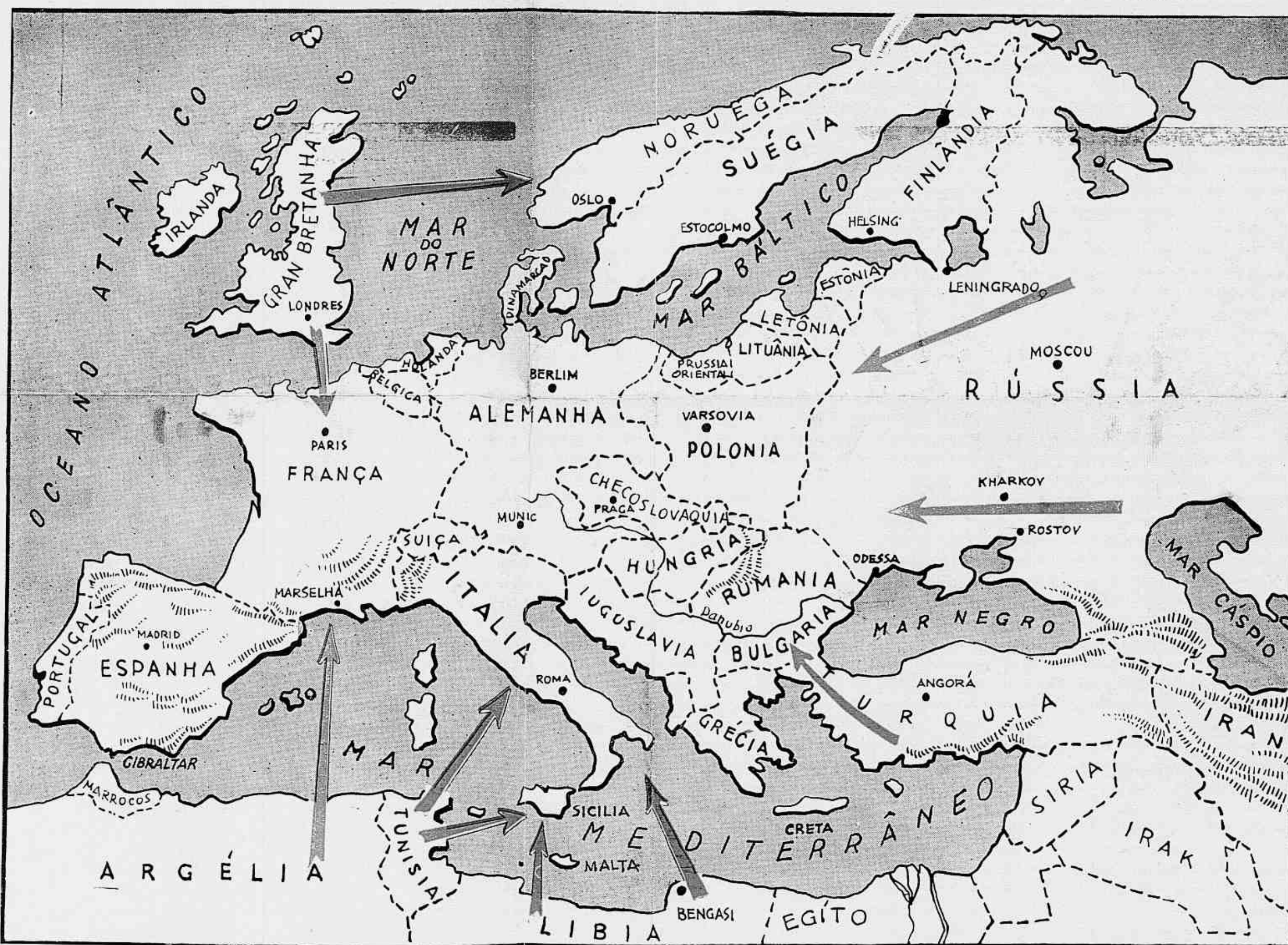
Os mais variados trajes para praia, em tafetá, jersey, rayonne e linho, dependendo apenas do gosto de quem os escolhe...



O mundo, no decorrer desta guerra, não tem mais surpresa quanto à atividade verdadeiramente única de certos homens públicos. Um dia, é o telegrama que traz a notícia do primeiro encontro Roosevelt — Churchill em plena águas do Atlântico varado pelos corais do Fixo. Depois, é o mesmo Churchill que resolve dar um pulo a Moscou, a visitar a refúgio do Kremlin, como se se tratasse dum simples passeio de meia hora a algum vilarejo inglês. E ele ainda, que não acertou bem as coisas do lado de cá do Atlântico, e vai outra vez às águas com o seu vizinho da Casa Branca. Em seguida, uma chineza intemperada, do valor de vinte divisões combatentes, na expressão do próprio marido, toma também o seu avião e dum ponto qualquer de seu país segue para Washington, a fazer igualmente uma arenga lucida e incisiva perante as câmaras americanas.

Mas, de todos esses encontros, nenhum certamente que se revestisse de mais dramáticas circunstâncias do que o de Roosevelt — Giraud — De Gaulle — Churchill, realizado em plena zona de combates da África do Norte, numa hora em que mais decisivos se antolham para as nações unidas os acontecimentos de próxima decorreria.

Das conversações de Casablanca surgiria um novo capítulo na história da presente campanha. Os entendimentos firmados no solo africano pelos chefes supremos das forças aliadas, a que o Brasil, no posterior encontro Vargas — Roosevelt, em Natal, aporia o seu sinete propício, trouxeram para o panorama das operações daquele continente um fator de tão decisivas consequências que em poucas semanas se delineava já no espírito de todos uma grande esperança de felizes desenlaces. Eletivamente a coordenação dos exércitos de Montgomery e Eisenhower trouxe como resultado imediato a fulminante derrota das tropas de von Rommel, já agora reduzidas a simples corpos em debandada, no rumo do mar, único caminho que lhes deixaram livres os perseguidores implacáveis. Pode-se bem prever, desde este momento, o que se seguirá, quando o selo do continente negro se ver livre do último soldado nazista. É uma perspectiva pejada das mais terríveis ameaças para os exististas, que terão de enfrentar duramente, e por assim dizer face a face, o volume da avalanche aliada, cujo ímpeto na direção do continente europeu não poderá mais ser detido pela sua máquina militar em plena derrocada.



A invasão da Europa, ou a famosa abertura da segunda frente, que parecia, de tão protelada e discutida, apenas um "logon" a mais, destinado a manter sempre aceso o "sensacionalismo" dos placards de jornais, mudou assim, ilustremente, de significado. O desembarque dos exércitos americanos, constituindo a mais sensacional sortida dos últimos tempos, pela presteza, sigilo e eficiência com que foi realizado, abriu decisivamente novas perspectivas para o plano dum já agora provável invasão dos territórios europeus em poder do Eixo.

Ninguém ignora a repercussão que esta fase da guerra vem tendo nos próprios centros controlados pela Gestapo, onde o homem da rua, por mais cego que esteja pelo force de uma doutrina fanática, ou o nacional que espera com o coração em tumulto a retardada notícia da libertação próxima, aguardam o novo lance das armas aliadas, como prelúdio do fim da miséria que vem, ha quatro anos de pesadelo, ineluticamente e degradando o mundo.

Uma intensa ação pelo ar, por mar e por terra abriria dessa maneira a reclamada segunda frente — ou, melhor, terceira frente, pois o lugar da segunda já foi ocupado, decisivamente, pela luta da África. Certo é que muitas coisas se invertem no xadrez da guerra, nos últimos tempos, entre elas a guerra de nervos que por tantos meses trouxe a Inglaterra na expectativa diurna e noturna de uma invasão que não veio nem virá mais. Hoje são os mesmos recios solameiramente acrescidos, mentam o espírito dos assaíes de Hitler. A Itália, principalmente, vive horas de amargura, por ser o seu território o de mais fácil presa e de acesso mais assegurado. Mas a invasão pode vir também doutro extremo, da Noruega, dos Balcãs ou mesmo através do salto do canal da Mancha, rumo à França, à Bélgica e Holanda.

E esse múltiplo itinerário eventual, são as fases marcantes dos planos de Roosevelt e Churchill, para este ano decisivo da vitória, que o mapa no alto desta página e este ao lado registam, com o relevo devido.

A campanha da África



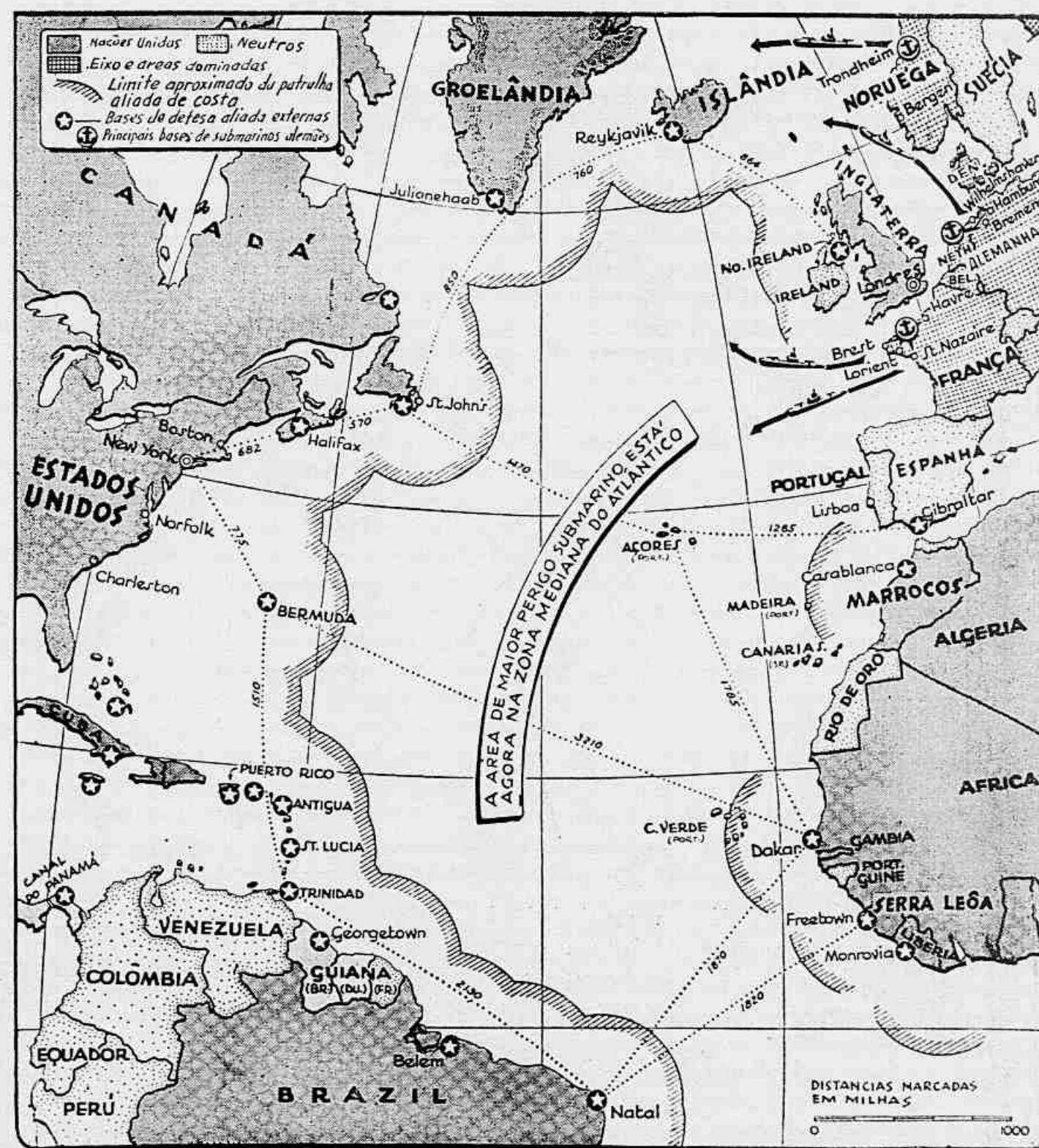
Os maiores êxitos da guerra aliada no momento continuam a processar-se na África, onde as forças combinadas do Oitavo exército inglês e do quinto exército americano, juntamente com os franceses de Giraud, não pararam aliadas o ímpeto compressor contra as tropas nazistas. A fulminante ofensiva desfechada por Montgomery, mantida sem esmorecimentos nesta última fase, conseguiu engarrafar definitivamente os alemães no "gargalo da Tunísia", ou seja na zona compreendida entre Gabes e Sfax.

Apertado continuamente por todos os flancos, tudo faz prever que o exército de Von Rommel se veja diante dum novo Dunquerque, desta vez aplicado ao Eixo, pois, a continuar assim o avanço aliado, só o caminho do Mediterrâneo restará às tropas em fuga. Mas, diferente do que aconteceu aos ingleses na Manchua, o Mediterrâneo não se acha limpo à espera dos que pretendem utilizá-lo como último recurso. Montando guarda aos fugitivos, estão de jogos acessos os navios da Inglaterra e dos E. Unidos, para o tiro de misericórdia que, esperamos, não ha de tardar.

A guerra submarina

O destino da guerra depende do domínio submarino — disseram certos comentaristas americanos. Falhado o ímpeto primitivo, na batalha da Inglaterra, desgastada irreparavelmente na batalha da Rússia, a aviação alemã perdeu a eficácia que parecia definitiva nos primeiros tempos, seu declínio tende cada vez mais a se fazer sentir, diante do predomínio crescente da RAF nos céus da Europa. Assim, os alemães recorrem à mesma arma desesperada que precedeu o termo da guerra de 14. São as centenas, afirmam eles, os submarinos do Eixo espalhados pelas águas dos sete mares. Evidentemente, o incremento da guerra submarina é a principal preocupação dos governos aliados nesta hora. A necessidade de suprir frentes de batalha, remotamente situadas como a da Rússia e do Norte da África, exige caminhos acessíveis, livres do perigo dos corsários nazistas. Onde esse perigo está mais intenso é justamente na zona mediana do Atlântico. Os gabinetes das marinhas de guerra das nações unidas estão, no entanto, vigilantes e ativos, no designio de manter aberta a todo custo, essa rota.

Nesse empenho, não se deve esquecer a cooperação eficiente da nossa F.B., que em conjunto com as forças americanas da costa do Brasil vem desenvolvendo uma brilhante atividade, no difícil serviço do patrulhamento aéreo deste hemisfério.



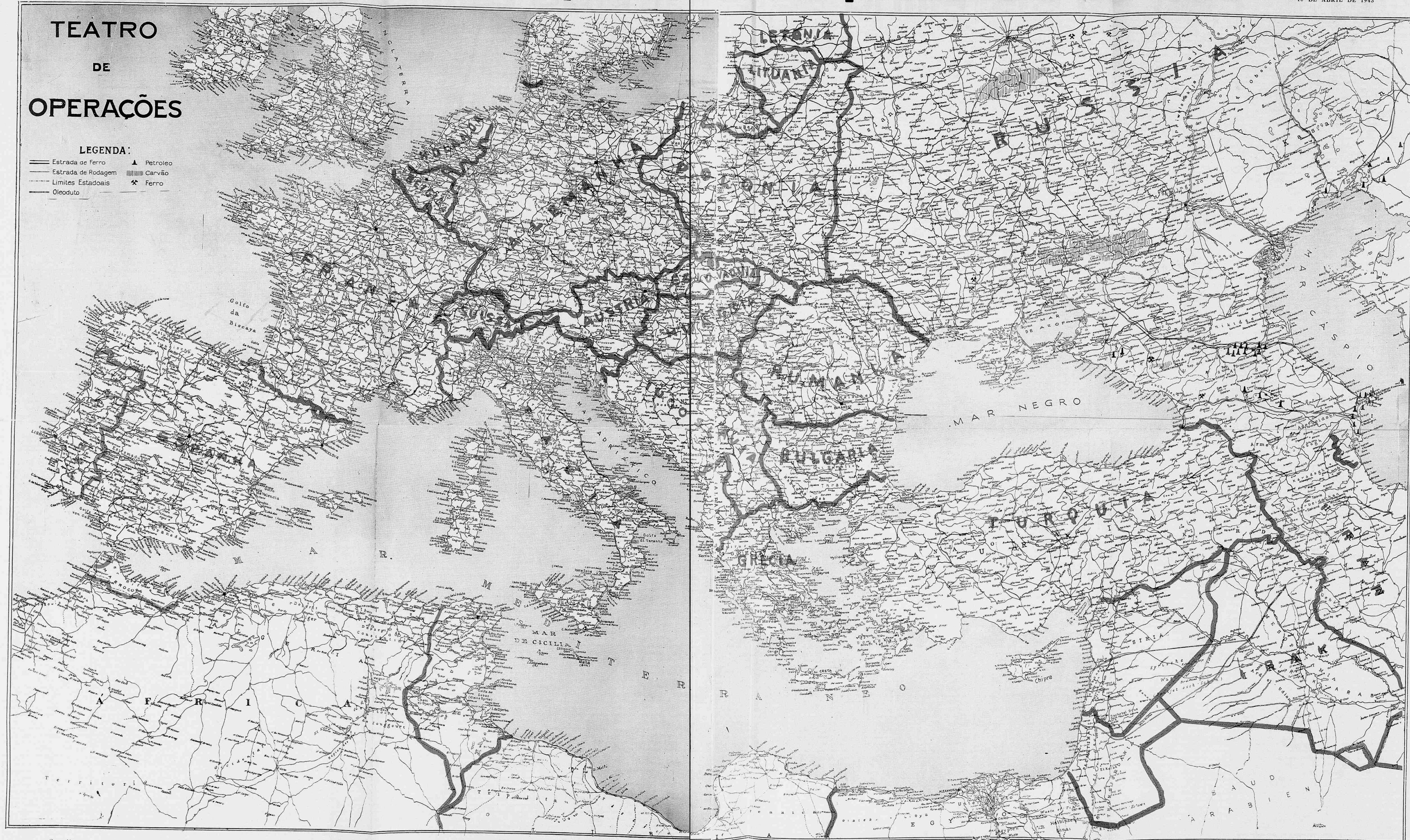
Cenário das próximas operações da primavera de 1943

MAPA ESPECIAL DA
REVISTA DA SEMANA
10 DE ABRIL DE 1943

TEATRO DE OPERAÇÕES

LEGENDA:

- Estrada de Ferro
- Estrada de Rodagem
- Limites Estaduais
- Oleoduto
- Petroleo
- Carvão
- Ferro



Como já vem constituindo, há quatro anos, em toda a sua monstruosa realidade, um capítulo habitual nas operações de larga escala desta guerra, os exércitos aliados e exístas prepararam-se para a renovação das ofensivas que a primavera vai trazer.

O campo de operações este ano, no que diz respeito ao Eixo,

será seguramente reduzido porque, no desenvolvimento que os acontecimentos tomaram durante os últimos meses de 1942 e no primeiro trimestre deste ano, as forças nazistas e fascistas foram pouco a pouco sendo eliminadas do mapa do continente africano até que, ao encerrar de Marco, apenas uma ligeira faixa de terra na Tunísia serve de reduto final aos remanescentes das tropas de

Von Rommel, implacavelmente empurradas para o mar pelo ímpeto dos soldados de Montgomery, a que se junta, doutro lado, o esforço compressor dos franceses e dos americanos.

Não é mais promissor para os homens de Hitler e Mussolini o panorama da Europa. O inverno que está próximo a findar trouxe para as suas divisões a mais frágil série de derrotas já infligida

a qualquer exército, a começar pelo aniquilamento de 330.000 homens diante de Stalingrado. A avalanche de russos que se despejou, dia e noite, inextinguível, do fundo das estepes, contra a elite dos corpos nazistas, determinou o desgastamento mais irreparável que os alemães poderiam sofrer neste momento, em que as suas fabricas de armas e munições vêm sendo sistematicamente

destruídas pelas ondas de bombardeiros da Raf e pelas fortalezas voadoras da America. A Alemanha tem de fazer algum esforço extraordinário para levar a sua permanência nos terrenos conquistados aos russos até meados de 1942. Será que a espantosa contradição dos dois exércitos terá sua reprise ainda este ano? Segundo os comentaristas americanos a retirada dos exércitos hitleristas irá

em progresso, até provavelmente aos limites da Prússia e da Polónia como se vê do pequeno mapa no verso deste suplemento. Batido então nos areais da Africa, impedido de avançar ou mesmo forçado a retroceder ainda mais na Rússia, o futuro da Alemanha não se delinha, em absoluto, envolto em nuvens cor de rosa.

Para contrabalançar semelhante desmoronamento nas duas

frentes de terra, e o fracasso da Luftwaffe, a Alemanha em desespero de causa, recorre ao mesmo expediente de 1918, intensificando ao máximo a sua campanha submarina.

Mas, para fazer frente a esse novo golpe, os aliados têm igualmente lançado mão dos mais decisivos recursos na manutenção das rotas necessárias aos suprimentos da Vitoria.

A ofensiva da Primavera

Estranhamente, ao contrário do que vinha acontecendo no último período das operações de inverno na Rússia, caracterizadas pela mais fulminante contra-ofensiva dos exércitos soviéticos, este início da primavera se tem assinalado por um relativo estancionamento de ataques de lado a lado.

Depois da catástrofe de Stalingrado, que levou a redução para mais de 300.000 soldados nazistas, e da queda de várias cidades-chaves de importância conquistadas pelos batalhões vermelhos, houve o contralâncio da rápida retomada de Karkhov para dar aos alemães um ligeiro hausto na série de revezes que vinham sofrendo sem descontinuidade.

Os russos, porém, se não mantiveram o ritmo acelerado das anteriores investidas, mesmo porque se acham agora em face das mais poderosas fortificações inimigas depois de Stalingrado, continuam a martelar a cidade de Smolensk, de onde se acham distantes apenas cerca de 30 quilômetros. O novo embate vai ser provavelmente uma dura regada, para ambos os lados. Certos exércitos mais promissores se registam ao sul, na península de Kuban, onde as forças russas se defrontam com as remanescentes tropas nazistas, junto às portas de Novorossisk. Outro característico desta fase da luta é o fracasso dos consecutivos ataques hitleristas para a travessia do rio Donetz.

Mais movimentado tem sido o panorama da guerra no setor africano, onde as tropas aliadas levaram de vencida, numa série de ininterruptos triunfos, as forças de Von Rommel até às proximidades do Mediterrâneo.

Rompida a linha Mareh que era o grande obstáculo à passagem do oitavo exército, o grosso dos soldados de Montgomery conseguiu apertar cada vez mais o cerco às tropas germanicas, hvidas dentro tudo pelo quinto exército e pelas forças aliadas, o que lhes reduziu o território de manutenção a uma pequena faixa ao longo da linha Gabes, Sfax, Tuni e Bizerta, para onde convergem, em última instancia, vertiginosamente, os soldados alemães, numa derradeira tentativa de firmarem ainda uma precária resistência no solo da África, uma vez que para deante terão de enfrentar as contingências duma fuga pelo mar, para a respectiva resistência dentro da Dunquerque em águas mediterrâneas.

Não se espera que esse capítulo final da luta no continente negro seja breve como têm sido até aqui as operações nesse setor. A África não representa somente o último reduto do nazismo fora da Europa; a expulsão dos soldados de Hitler das regiões africanas significa o caminho aberto para a invasão do continente europeu, coisa de que já se cogitou tanto mais somente agora parece entrar em fase de provável realização.

Tudo faz prever, elativamente, que uma vez liquidada a campanha de Tuni, os exércitos das nações unidas possam dar o golpe final na tragédia da Europa, tentando a invasão dos domínios atuais do nazismo. Tudo o que se pisado hoje pelo tacho da luta hitlerista é um chão de ameaças e de rebeldias. A Jugoslavia, como a França, a Bélgica, a Holanda, a Grécia, a Noruega ardem intimamente no mesmo anseio de libertação de que fôra exemplo último as recentes manifestações dos guerrilheiros das montanhas da Sérvia.

O ponto mais vulnerável para semelhante sortida, segundo todos os comentaristas de guerra, é mesmo a Itália, não somente pela sua situação geográfica, como pelo baixo moral de seu povo, acovardado ao extremo com a perspectiva dos embates de que seu país ha de ser teatro, para encarnação duma infamia perpetrada há três anos contra a França caída e derrotada.

Este mapa destina-se a registar a fase atual da campanha nos dois continentes.

A linha branca assinala a invasão alemã no território russo. Chapados na cor, vemos os países ocupados pelo Eixo. A linha interrompida é a do máximo avanço alemão na Rússia. Em traços horizontais vemos o território reconquistado pelos exércitos soviéticos até ao fim de inverno de 1942/3. Em grisé estão representados os territórios neutros. As nações unidas acham-se marcadas a branco.



A GUERRA QUIMICA NÃO É UMA NOVIDADE

Costumamos atribuir ao homem de nosso tempo mais maldades do que ele tem de fato em seu haver. Os pacifistas e os que não o sejam propriamente afirmam que a ele devemos uma das calamidades da guerra: o emprego dos gases que, tendo produzido terríveis estragos na de 1914, utilizados na atual haveriam de convertê-la na alguma coisa verdadeiramente infernal.

Pois bem. Nisto, como em tudo o mais, não há nada de novo, enquanto, sem falar no recurso de afugentar as feras por meio da fumaça — o que foi empregado pelos caçadores de outras idades, e do que os investigadores tem achado provas decisivas — devemos recuar a várias centenas de anos anteriores a Cristo para encontrar as origens desse processo bélico.

Nos anos 431 e 404 antes de Cristo, nas guerras de atenienses e espartanos, estes utilizaram nos sítios de Belia e Plateia, gases sufocantes e venenosos, produzidos pela combustão de madeiras impregnadas de alcatrão e enxofre, com o que inutilizaram a ação dos defensores das muralhas.

Plutarco, na narração da vida de Quinto Sertorio, diz que este chefe, na guerra contra os cartagineses, fez abrir grandes sulcos, os quais pela noite foram cobertos com pó e cinza. No dia seguinte, fazendo galopar sobre eles vários cavalos, levantou-se grande poeira, favorecida pelo vento, o que perturbou o inimigo de maneira insólita.

Mais de uma vez temos ouvido falar em "fogo grego". Dizem que essa arma foi inventada por Kalinikos, no ano 660, existindo todavia indícios de que já se conhecia na época de Constantino o Grande. Na sua composição entravam, além de substâncias inflamáveis, como o alcatrão, a resina e o petróleo, outras como o enxofre e a cal viva. Quando se arrojava água em cima, esta se misturava com a cal, gerava calor e o petróleo se inflamava, pegando fogo todo o resto da mistura. Os hidrocarburetos desprendidos pela emanção do petróleo, em particular a benzina, explodiam fragorosamente e produzem grandes nuvens de fumo e de resíduos. O enxofre, por sua vez, produzia gases deletérios de grande poder asfixiante. Este fogo era muito difícil de debelar, e no tempo das cruzadas os muçulmanos o empregavam contra os cristãos. Sua fórmula perdeu-se com os tempos.

Nem mesmo os lança-chamas são uma novidade. Os sarracenos empregavam seringas, em cujas pontas adaptavam formas de dragões e de monstros. Algumas crônicas referem que, no assalto de uma cidadela, os cristãos zombavam dos filhos do Profeta, ao ver que estes lhes arrojavam projeteis que ao se romperem espalhavam um líquido que impregnava tudo, porém não causava mal nenhum. Contudo, houve um instante em que entraram em ação os archotes e logo se pôde comprovar lamentavelmente que tudo se inflamava: o líquido devia ser gasolina.

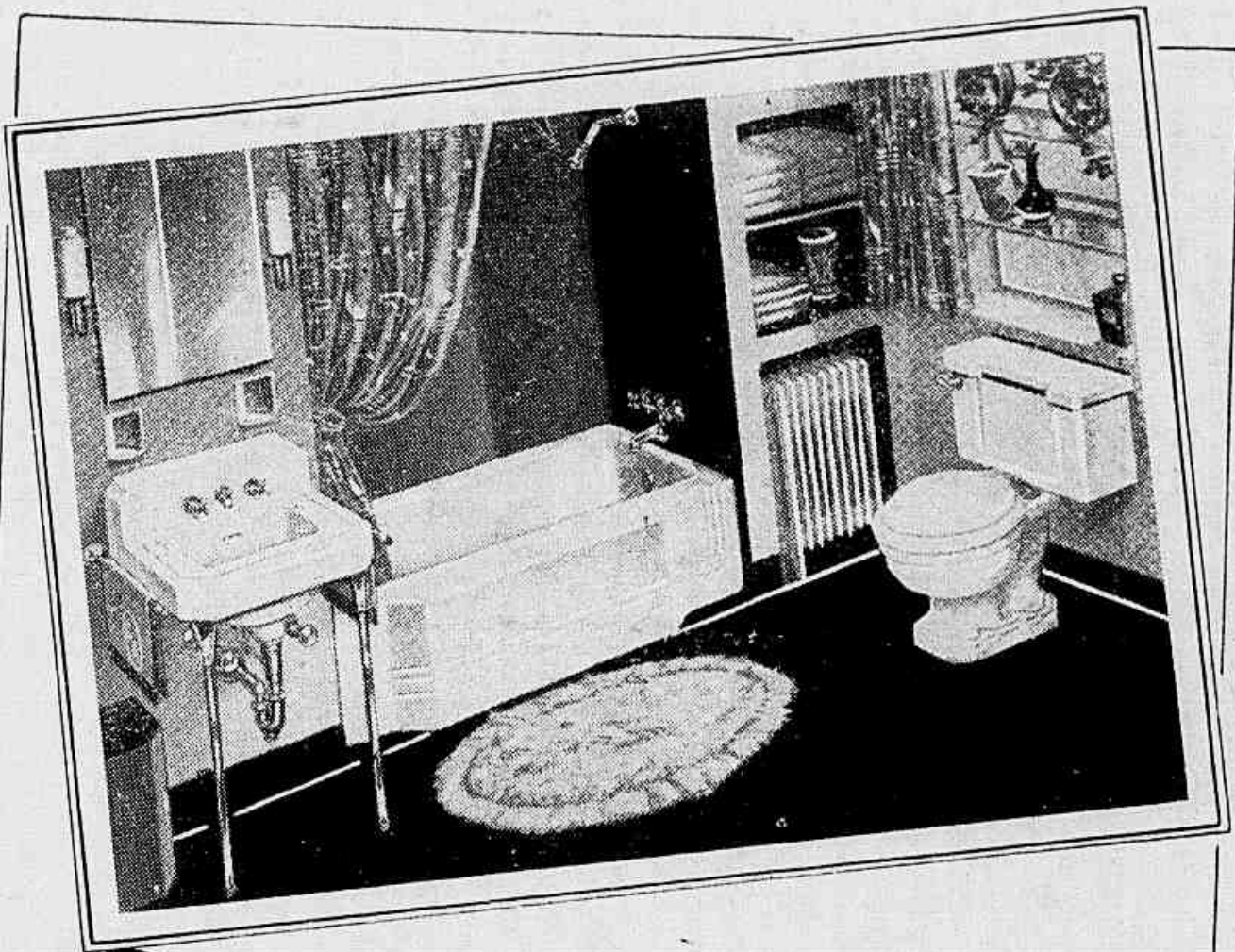
Se recuarmos ao século XVI, descobrimos que o Inquisidor do Delfinado empregou fumaças sufocantes contra os huguenotes e a mesma coisa se viu no cerco de Antuérpia, por ocasião da revolta dos Países Baixos.

João van Haelen, um espanhol inquieto e rebelde, de quem Pio Paroja traçou recentemente uma interessante biografia, na revolução dos belgas, em 1830, propôs empregar contra os holandeses bombas de incêndio carregadas com vitríolo. A idéia foi abandonada.

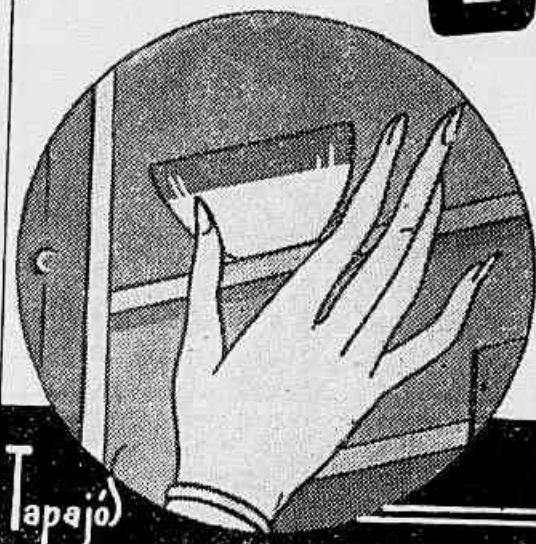
E, no entanto, mais moderna é a proposta do almirante inglês, Lord Dudenald, que pensava apressar o cerco de Sebastopol, em 1855, arrojando sobre a cidade fumaça de enxofre. Com quatrocentas toneladas, juntas a duas mil de carvão, haveria o bastante para acabar com qualquer vivente metido entre as muralhas. Porém tampouco essa idéia foi posta em prática.

Como se vê, isto de guerra química e de gases não constitui uma novidade para o nosso tempo.

A crueldade dos meios utilizados na guerra vem de longa data. Não foi em vão que o homem mereceu, desde quando sabe Deus, o terrível apodo de "lupus homini".



Crema Sanitario



LIMPEZA DE
TALHERES
LOUÇAS
ALUMINIOS
E AZULEJOS

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



DÔRES
de CABEÇA

TRANSPIROL

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Todas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succursula de MAPPIN STORES



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Epoca